



new
AMORES
INESQUECÍVEIS

LUÍSA ARANHA
MARI MONNI



Luísa Aranha e Mari Monni

Meus Amores Inesquecíveis

2019

Copyright © 2019 Luísa Aranha e Mari Monni.

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução, total ou parcial, de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito das autoras. Registros de Direitos Autorais pela Biblioteca Nacional.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é apenas coincidência.

Capa: Thati Machado

Revisão de Texto: Andreia Evaristo

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[1. Henrique](#)

[2. Mika](#)

[3. Eric](#)

[4. Sissi](#)

[5. Baby](#)

[6. Alexandre](#)

[7. Jimi](#)

[8. Malala](#)

[9. Bertha](#)

[10. Cauê](#)

[11. Bertha](#)

[12. Cauê](#)

[13. Bertha](#)

[14. Cauê](#)

[15. Bertha](#)

[16. Cauê](#)

[Nota das Autoras](#)

[Agradecimentos](#)

[Nossos Livros](#)

[Sobre as autoras](#)

Sinopse

Cauê e Bertha resolveram casar e isso deixou a família Estrogenium em polvorosa. Não pelo casamento, mas pelo prazo: três dias. O que a maioria não sabe é o motivo da pressa e, se assim como Eric, você imaginou que Bertha está grávida, não se preocupe, não daremos spoilers.

Entre encontros e reencontros, algumas confusões, risadas, lágrimas e aquelas cenas de molhar a calcinha, chegou a hora do “felizes para sempre”. Henrique, Mika, Eric, Sissi, Alexandre, Baby, Jimi, Malala e todos outros personagens estão prontos para o que o destino os reservou.

Embarque pela última vez nessa série que arrancou risadas e suspiros de muitos leitores e venha se emocionar com este final.

Alerta: leia com uma caixa de lenços ao lado. Alto risco de chororô e de se apaixonar ainda mais por essa série.

“Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe.”

OSCAR WILDE

*Dedicamos este livro a todas as pessoas
que valorizam as amizades acima de tudo e
que, principalmente, nunca desistem dos
sonhos. Afinal, não tem hora certa para
eles se tornarem realidade.*

1. Henrique

Vinte e cinco anos. Um quarto de século. Trezentos meses.

Eu nunca pensei que o tempo passaria tão rápido, nem que seria tão gostoso compartilhar a vida com uma pessoa só.

Nós sempre pensamos no futuro como algo abstrato, mas quando ele está aqui, na nossa frente, tudo parece tão concreto que fica impossível encontrar as palavras certas para definir o que esses anos ao lado de Mika representaram para mim — e olha que nunca tive problemas em me expressar.

São vinte e cinco anos amando loucamente a mesma mulher, dedicando uma vida a ela, conhecendo cada uma de suas entrelinhas e tentando não enlouquecer com seu gênio forte. Quando eu a vi pela primeira vez através daquela janela, sabia que Mika era especial. Mas não conseguia compreender a magnitude do que aconteceria.

Cada dia ao lado dela foi o melhor da minha vida. Tivemos crises como qualquer outro casal, mas nosso amor era tão forte que os problemas se dissolviam com facilidade. Porque o que estava em jogo era muito mais importante do que coisas simples.

Em que casa morar. Qual emprego aceitar. Quantos animais adotar. Para onde viajar.

Eu abri mão de algumas coisas para poder ficar com Mika — minha sanidade, por exemplo —, mas tudo valeu a pena. Nossas escolhas nos trouxeram ao hoje, e não mudaria nada se isso significasse algo diferente em nosso relacionamento.

O dia que decidimos que filhos não eram para nós foi libertador. Enquanto nossos amigos pariam, adotavam e construía suas famílias — e nos cobravam o mesmo —, Mika e eu simplesmente continuávamos vivendo nossas vidas do jeito que escolhemos: cheia de risadas, orgasmos e música. O resto era apenas isso: o resto.

Lembro-me de quando compramos nosso primeiro apartamento. Também me vem à mente nossa primeira viagem como um casal. Nunca fomos do tipo convencional, então escolhemos conhecer Nashville e Nova Orleans, justamente por conta de suas tradições musicais.

Nosso casamento na praia foi mais do que eu podia esperar. Naquele dia, babaca apaixonado que sempre fui, jurei meu amor eterno. Já Mika compôs uma música para mim. Isso foi há vinte e cinco anos, e o que mais me impressiona é saber que o que eu sinto por ela apenas se intensificou durante todo esse tempo.

Agora estou aqui, pronto para comemorar bodas de prata.

Bodas. De. Prata.

Quem diria que eu conseguiria manter Mika ao meu lado por tanto tempo? Porque, confesso, ô mulherzinha difícil. Ela me enlouquece na mesma proporção em que me fascina. Quando eu penso que já sei tudo a seu respeito, ela vem e me presenteia com uma novidade. Como resolver cortar os cabelos curtos, ou então me dizer que está fazendo aulas com uma *stripper*. Mas nada me surpreendeu mais do que quando ela me avisou que a Estrogenium chegaria ao fim.

Esse também foi o dia em que a vi chorar sua alma. Mika soluçava, tremia e se agarrava a mim por saber que elas nunca mais tocariam juntas. Foram dias com ela em meus braços, se recusando a comer e só tomando banho porque eu a carregava para o chuveiro. Juro que pensei que aquele

não seria apenas o fim da banda, mas o fim da mulher da minha vida. Porque nada conseguia arrancar um sorriso dela. Tamarindo e Nutela, nossos animais de estimação na época, não saíam do lado de Mika, sofrendo junto a ela mesmo sem entenderem o que estava acontecendo.

Mas Mika se reergueu, e me orgulho em dizer que fui parte desse processo. Após as lágrimas, ela renasceu em uma corretora da bolsa, que faz milhões por ano e tem uma lista de clientes maior que a minha... enfim.

Eu também consegui chegar aonde queria. Abri minha própria firma de Paisagismo e, mesmo não ganhando nem um terço do que minha esposa ganha, faço aquilo que amo. Quando chego em casa, tenho a mulher que amo. E quando vou dormir, enroscado na minha perna, está o gato que amo, Kiwi. Porque Jambu prefere dormir sozinho na janela. Lollo e Panqueca, nosso casal de cães vira-latas, sempre optam pelo sofá.

Assim, vivemos nossa vida. Eu, Mika, nossos filhos de quatro patas e nossos sobrinhos e afilhados — e eu não mudaria absolutamente nada nela.

Vinte e cinco anos... Uau.

Foi com todo esse espanto em mente que eu resolvi fazer uma surpresinha extra para o amor da minha vida.

Os apartamentos onde morávamos quando nos conhecemos estão ocupados por outras pessoas. Mas nada como um romântico incurável para convencê-las a saírem de casa por uma hora.

Enviei uma carta e uma samambaia bebê para o escritório de Mika, pedindo para que ela fosse ao seu antigo apartamento. Dentro do envelope, coloquei a chave que a proprietária me deu.

Deste lado, o sofá de couro que eu tanto reclamava não está mais por aqui. A nova família que agora habita o apartamento criou suas próprias

lembranças e colocou no espaço seu próprio estilo. Mas confesso que sinto falta da minha decoração *pobre chique*.

Olho pela janela e a vista da cidade ainda me encanta. Nada mal para um homem de quase cinquenta anos que começou do nada... Posso já estar habituado à correria da capital, mas, por dentro, continuo sendo o mesmo de sempre, que agradece em segredo quando abre uma garrafa de coca-cola ou quando come qualquer outra coisa no café da manhã além de pão de forma com margarina.

A vida é feita de escolhas, umas grandes e outras tão pequenas que nem damos importância. O passado só nos define se permitimos, já que temos a liberdade para mudar, crescer e escolher coisas novas.

Eu fiz isso no momento em que olhei por esta janela e me deixei envolver por uma vizinha nada convencional.

De repente, Mika entra em meu campo de visão, fazendo com que toda minha atenção se volte para ela, que não mais precisa ter os cabelos coloridos para que eu a enxergue à distância. Não mais... Conheço cada centímetro de seu corpo. Cada sorriso. Cada olhar. Cada parte de sua alma. São vinte e cinco anos olhando para ela e me apaixonando de novo a cada segundo.

Ela passeia na sala, mas ainda não se vira para mim, entretida com as centenas de flores que mandei espalhar por lá. Meu coração acelera dentro do peito.

Vinte e cinco anos.

Como se sentisse minha necessidade, Mika finalmente vem até a janela, parando ali quando me vê deste lado. Os cartazes que preparei antes estão apoiados na parede. Pego um e mostro para ela.

VINTE E CINCO ANOS AO SEU LADO É POUCO! QUERO MAIS VINTE E CINCO!

Ela joga a cabeça para trás e ri. Pego o outro cartaz.

EU TE AMO!

Depois, pego outro.

QUEL TAL VOLTARMOS ÀS ORIGENS?

Mika leva as mãos ao rosto, e eu espero que ela esteja emocionada com a minha surpresa.

Deixo o cartaz no chão na mesma hora em que Mika sai da sala. Fico tentando encontrá-la, mas não consigo. Dessa vez, meu coração dispara por outro motivo. Será que ela não quer brincar? Será que ela não está tão feliz quanto eu pelos vinte e cinco anos de casamento?

Eu quase entro em pânico com a possível rejeição. Eu gosto de sexo, sempre gostei. Mas Mika... Aquela mulher é insaciável! A frase “Hoje não, amor. Estou com dor de cabeça.” nunca foi dita lá em casa. Até com febre a desgraçada fica excitada. Nunca vi nada igual. Minha mulher escapou por pouco de ser ninfomaníaca. E agora, *logo agora*, ela faz isso?

Quando dou um passo para trás, depois de ter desistido de entender o que diabos está acontecendo, Mika reaparece na janela. Dessa vez, só de

calcinha. Solto uma risada alta.

Então, ela se lembra exatamente como foi nossa primeira vez pela janela...

Não consigo evitar o sorriso que estampa meu rosto. Como é bom ver minha mulher assim, peitos de fora e pronta para o que tenho em mente. Os anos foram gentis conosco. Mika ainda tem um corpo que me fascina, e eu não desisti da academia justamente porque sei que ela ama passar a língua pelo meu torso.

A eletricidade em nossos olhares continua a mesma, posso senti-la daqui. Puta que pariu, como eu amo essa mulher.

É então que ela faz o mesmo de tanto tempo atrás: me dá um tchauzinho. É agora ou nunca.

Lentamente, removo a camiseta que estou usando e começo a passar a mão no meu peitoral, do jeito que ela sempre faz quando estamos a sós. Mas Mika não faz nada, apenas mantém seus lindos olhos azuis esverdeados fixos em mim, aqueles olhos que me prendem e me mostram tudo que ela está sentindo.

Com calma para que ela não perca um movimento sequer, desço ambas as mãos pelo meu tórax, peito, barriga, chego ao botão da bermuda e removo a peça, ficando nu à sua frente. Mika continua me olhando sem repetir meus movimentos. Ela está fazendo tudo do mesmo jeito de antes, quando ainda não sabia como entrar na minha brincadeira.

Dou mais uns passos em direção à janela. Com os dedos de uma mão, acaricio meus lábios, louco para beijá-la. Seus beijos são minha perdição. Os gemidos baixos que solta quando estamos com as bocas coladas me fazem ter certeza de que, não importa quanto tempo se passe, sempre seremos um do outro.

Minha outra mão continua acariciando meu abdômen, subindo e descendo lentamente, do mesmo jeito que faço com o corpo dela até que implore para que eu vá além. É um jogo de sedução e, por mais que Mika tenha todo o poder sobre mim, quando estamos entre quatro paredes, normalmente consigo o que eu quero.

Enfim, Mika começa a se tocar também, entrando na celebração *voyeurística* do nosso aniversário.

Suas mãos começam hesitantes, assim como aconteceu naquela época, se restringindo apenas a seu rosto, pescoço e cabelos, agora na altura do ombro, platinados e com apenas algumas faixas pretas. Eu repito seus movimentos, mas então desço minha mão novamente pelo meu peito, pedindo que ela faça o mesmo. Como sempre, minha mulher não desaponta.

Mika segura ambos os seios com a mão e, gentilmente, aperta seus mamilos. O contato faz com que ela jogue a cabeça para trás e junte mais as pernas, como se precisasse da pressão.

Linda demais... Linda e minha. Minha mulher. Minha companheira. Minha Mika.

Minha ereção grita por ela e minha boca enche de água com a vontade que tenho de chupar cada um daqueles bicos rosados, porque sei que ela ama quando faço isso. Seus peitos são sensíveis e adoro fazê-la gozar apenas estimulando-os.

A dor incômoda do desejo faz com que tudo fique ainda mais gostoso. Uma das minhas mãos desce por meu abdômen, a encorajando a fazer o mesmo. Mika, claro, me acompanha.

Suas mãos acariciam sua barriga lisa, me fazendo sentir inveja por não poder estar ao lado dela. Seu corpo continua sendo uma obra de arte, apesar dos anos que se passaram.

Nós nos acariciamos à distância, do jeito que faríamos se estivéssemos um ao lado do outro. O tesão que sinto por ela jamais irá diminuir, porque ele é acompanhado de um sentimento muito mais duradouro.

A brincadeira é boa, mas não aguento mais esperar. Finalmente, deixo minha mão descer, segurando meu membro duro com firmeza e gemendo com o contato. Vejo Mika repetir o movimento, descendo sua mão até onde suas pernas se juntam. A imagem à minha frente é erótica demais para que eu mantenha a sanidade intacta. Adoro quando ela se toca para mim.

Começo a me masturbar com calma e suavidade. Minhas mãos sobem e descem por minha extensão de forma ritmada, um vai e vem prazeroso, porém não o suficiente para me fazer gozar. Vejo que Mika faz o mesmo. Ela se toca, mas não com pressa.

Aproveitamos ao máximo a sensação e a nostalgia.

Solto um gemido baixo quando ela usa a mão livre para brincar com um de seus mamilos. Acelero os movimentos, deixando que ela me enlouqueça cada vez mais, e Mika me acompanha, brincando com seu clitóris no mesmo ritmo que eu faria se estivesse ali.

Sei que ela está molhada e, só de pensar, consigo sentir seu gosto em minha boca. Sinto um aperto nas minhas bolas, indicando que o orgasmo está perto. Com os olhos fixos nela, acelero ainda mais o sobe e desce, apertando-me um pouco mais em meu punho.

Vejo quando ela também passa a se tocar de forma mais frenética, apoiando uma mão na vidraça, como se precisasse se segurar.

“Vai, Mika... Mostra que nada mudou entre nós”, penso comigo mesmo e a vejo jogar a cabeça para trás. Ela geme alto, gritando meu nome para que todos os vizinhos saibam o que estamos fazendo. Não consigo me

controlar e faço o mesmo, soltando um urro com o impacto do orgasmo e sujando o chão e parte da janela. Continuo com os movimentos, querendo prolongar o prazer.

Caralho.

Eu amo minha esposa.

Feliz aniversário de casamento, Mika.

2. *Mika*

Eu juro que, quando beijei Henrique pela primeira vez, achei que não passaria de uma foda. Uma foda que ele me enrolou tanto para que rolasse, que acabou se tornando vários beijos. Depois, a presença dele foi se tornando importante, o sexo me satisfazia de tal forma e me deixava sempre com a vontade de mais, que não sentia mais necessidade de outros. Henrique conseguiu o que ninguém nunca ousou: acalmar meu coração. Mesmo com todos os surtos que tive, os momentos mais *deprês*, ele continuou lá.

Desde que ficamos juntos, só existiu ele. Nem passa pela minha cabeça seguir a vida sem Henrique, mas se me perguntarem se eu achava que chegaríamos a vinte e cinco anos juntos, é óbvio que eu digo não. Muito menos comemorando dessa forma.

Por isso, quando meu corpo se recupera do orgasmo que acabei de ter pela janela, visto minhas roupas rapidamente e saio do apartamento, atravessando a rua e batendo na porta que agora eu sei qual é.

— Você não achou que eu ficaria só na janela dessa vez, não é? — digo e me atiro nos braços do meu marido.

Marido, sim. Não nos casamos em uma igreja ou assinamos um pedaço de papel. A gente só decidiu e pronto. Na beira da praia, com os amigos e um cerimonialista. Uma festa linda, com as pessoas que mais amo nesse mundo. Bem a nossa cara. Ou a minha cara, mas Henrique topou e é isso que importa. Também não tivemos filhos. Pra mim, bastou ver minhas amigas grávidas, poder ajudá-las nos primeiros meses com os bebês — óbvio que não deu para ajudar a Sissi com todos, né? Afinal, a mulher

parece uma fábrica de de fazer crianças — e ter meus sobrinhos e afilhados.

Depois que Henrique e eu decidimos morar juntos e passamos seis meses tentando fazer Tamarindo e Nutela não se matarem dentro do apartamento, a gente chegou à conclusão de que precisávamos de mais um membro na família e adotamos o Pistache, um cachorro que apareceu na porta do nosso prédio.

Enquanto nos abraçamos, depois da brincadeira na janela, me sinto completa. O calor do abraço de Henrique faz com que eu me sinta segura e feliz. É onde sempre quero estar.

— Nós teremos mais — Henrique me beija. Sua língua procura a minha e minhas mãos correm para seu amiguinho, que começa a dar sinais de vida novamente. — Mas depois, Mika. Precisamos devolver os apartamentos e preciso limpar a bagunça. — Ele aponta para perto da janela, onde antes me provocava.

— Tudo bem. — Dou um beijo rápido em seus lábios. — Mas eu vou cobrar caro mais tarde... — Aperto meu brinquedo favorito e me afasto. — É melhor você se vestir, senão não respondo por mim.

Henrique ri e começa a colocar suas roupas. Fico observando e me lembrando de quando nos conhecemos. Não pela janela, mas no Neo: ele completamente atrapalhado, me encarando, e eu irritada com o jeito que me olhava. Deixo uma risada escapar.

— O que foi? — ele pergunta enquanto termina de vestir a camiseta.

— Estava lembrando da primeira vez que te vi no Neo.

— Ah, não... — Henrique bate com a mão na testa. — Aquele, definitivamente, foi meu pior momento.

— Com certeza, meu amor. — Deixo minha gargalhada encher o

apartamento. — Ainda bem que você se redimiou me alimentando na praia.

Henrique ri. Ele termina de limpar a bagunça e saímos de seu antigo apartamento abraçados. Eu nem acreditava em amor e hoje não acredito na sorte que eu tive de dividir a vida com ele.

Meu celular vibra na bolsa quando entramos no elevador. Nem dou bola. Avisei a todos que tiraria o dia de folga para celebrar com meu marido as nossas bodas de prata — eu nem sabia que vinte cinco anos eram bodas de prata, mas Henrique sabia e me contou. Não é fácil ter folga gerindo uma empresa que faz corretagem na bolsa de valores para as maiores corporações nacionais e algumas empresas grandes internacionais. Só que, hoje, o dia é do Henrique. O dia é nosso.

— O que vamos fazer agora? — pergunto, ignorando o aparelho que insiste em vibrar.

— Vamos à praia — ele diz, sorrindo.

— O quê? Eu não trouxe biquini.

— Mas eu preparei uma bolsa com tudo que vamos precisar hoje. — Henrique beija a minha testa. — São vinte e cinco anos que eu sou apaixonado pela mesma mulher. Esse dia é mais que especial.

Apenas concordo com a cabeça e me encosto em seu peito. O celular continua vibrando. Assim que alcançamos a rua, Henrique me pede as chaves do meu antigo apartamento e sobe para recolher as flores. Aproveito a oportunidade para ver qual será o funcionário a ser demitido, por não entender que estou de folga, e me surpreendo ao ver cinco chamadas perdidas de Baby. Ligo de volta na mesma hora.

— Onde você está?! — ela grita assim que atende à minha ligação.

— No meu antigo apartamento, comemorando nossas bodas de prata,

lembra? Eu falei que o Henrique estava planejando alguma coisa e ele reproduziu a primeira vez que nos vimos na janela, foi tão...

— Tá! — Baby me interrompe. — Quando vocês terminarem as comemorações, me liga.

Sem que eu possa perguntar mais nada, ela desliga na minha cara. Penso em ligar mais uma vez, afinal, não vejo Baby histérica assim há muitos anos. Mas, antes que eu ligue, Henrique volta carregando todas as flores que colocou em meu antigo apartamento. Organizamos tudo no carro e vamos para a praia.

Um filme se passa em minha cabeça: aquele mesmo trajeto, meu antigo mau humor matinal — que Henrique descobriu como curar com sexo todas as manhãs —, a tortura que ele me fez passar por dias até a nossa primeira vez e depois a nossa briga.

Não me lembro de ter sofrido tanto por qualquer outra coisa como sofri quando descobri que ele e o vizinho da janela eram a mesma pessoa. Também não me lembro de outro momento que eu tenha me sentido mais segura do que quando estive em seus braços de novo depois da sua declaração pela janela do meu apartamento. Acho que foi naquele dia que a minha ficha caiu de que eu não precisava mais ser sozinha.

— Dois pães e duas cocas, por favor — Henrique pede à atendente do quiosque onde nos beijamos pela primeira vez.

O dia está lindo, ensolarado e, hoje, já não me sinto incomodada com as famílias à minha volta. Aprendi que família é aquela que a gente escolhe pra amar, e a minha é maravilhosa: com cinco cachorros, seis gatos, o homem mais gostoso — Henrique não perde para nenhum garoto de trinta e seu abdome segue com gominhos deliciosos — e incrível ao meu lado, as irmãs e cunhados que a vida me deu e os sobrinhos mais geniais.

Enquanto esperamos o pedido ficar pronto, Henrique conversa animadamente com a atendente, contando a nossa história e nossa comemoração especial. Levanto do banco em que me sentei para esperar e caminho em sua direção. Paro em sua frente, interrompendo a conversa e fico na ponta dos pés, enlaço meu braço em seu pescoço e grudo meus lábios nos seus, abrindo passagem com minha língua. Ele corresponde ao beijo e me agarra pela cintura, aproximando ainda mais nossos corpos. Sinto sua animação e sorrio contra a sua boca. Vinte e cinco anos.

Assim que o beijo acaba ele me encara confuso.

— Era só pra relembrar o primeiro... — Saio rebolando em sua frente e me sento no banco rindo, ao contrário da primeira vez em que o chamei de babaca.



Passam das duas da manhã, quando me jogo no sofá da sala de casa, atirando para longe os sapatos que apertaram meus pés a noite inteira. Depois da praia, fomos no abrigo de animais e resolvemos adotar o Charge, um gatinho muito fofo que ficou miando todo o tempo do meu lado. Passamos em casa, apresentamos o Charge para seus irmão e nos arrumamos para jantar no restaurante que hoje funciona onde um dia foi o Neo. Por último, fomos para o Jardim do Amor, o mesmo que Henrique me levou quando começamos a sair juntos. Hoje, a empresa dele é responsável pela manutenção do local.

Enquanto caminhávamos pelo lugar, Henrique tomou minha boca de forma carinhosa, um beijo doce, que foi ganhando intensidade. Não sei se

foi o lugar, as lembranças, ou o fato de sermos exatamente o que o outro precisa... Mas, como uma adolescente novamente, comecei a me esfregar em Henrique. Seus beijos mudaram de direção, pegando o caminho do meu pescoço, me fazendo jogar a cabeça para trás, lhe dando mais passagem.

— Me faz gozar, Henrique... — implorei em seu ouvido e, enquanto ele se esfregava com mais vontade, pressionando seu corpo contra o meu, abocanhou um dos meus mamilos, me fazendo gemer alto.

Assim que meus pés se sentem libertos, as lembranças do nosso dia me dominam. Henrique havia passado o dia inteiro me arretando e eu precisava da minha recompensa. Enquanto ele preparava a banheira para tomarmos um banho, fui até a cozinha, cortei umas rodela de limão e procurei pelo sal. Assim que encontrei, fui para o bar, peguei a garrafa de tequila, seis copos e servi as doses.

Deixei tudo de lado e tirei minha roupa. Depois, subi no balcão do bar e deitei nua, colocando algumas rodela de limão em cima dos meus mamilos e fazendo um caminho de sal do meu ventre até o meio das minhas pernas.

— Henrique, vem tomar uma tequila — chamei com a voz mais rouca que o normal.

Ele entrou na sala apenas de cueca e, quando me viu sobre o balcão, salivou.

— Porra, Mika! — disse, caminhando em minha direção. Parou ao meu lado e ficou me observando. Só a minha visão fez seu corpo reagir. — Vamos tomar tequila, então.

Henrique curvou-se sobre mim e começou a lamber um pouco do sal. Quando estava na metade do caminho, parou, pegou uma das doses servidas, tomou em um só gole e, com a boca, agarrou uma das rodela de

limão, deixando sua língua passear sobre meu mamilo antes. Em seguida, pegou outro copo e o segurou com mão direita, enquanto com a esquerda, ele pegava um pouco de sal de meu corpo, não sem antes dedilhar entre o meio das minhas pernas, e botou em minha boca, me fazendo beber o líquido e me beijando com o gosto cítrico que ainda estava forte em sua boca. Depois, ele voltou para o sal e repetiu o movimento mais uma vez. Meu corpo arqueava com cada toque da sua língua, fosse no sal ou no limão, e sentia a falta de sua umidade assim que se afastava para tomar outra dose e me servir. Tudo em mim doía, pedindo redenção.

Quando não tínhamos mais doses servidas, Henrique terminou de lamber o sal de meu corpo, chegando aonde eu queria. Sua língua rápida brincou entre minhas pernas, me fazendo apertar minhas coxas contra a sua cabeça a cada novo movimento. Ele juntou suas mãos à brincadeira, fazendo com que eu encontrasse, finalmente, meu alívio.

— Vem — ele disse, enquanto encerrava nosso beijo e me pegava no colo. — Vamos terminar essa brincadeira na água.

Na banheira, Henrique saciou todas minhas vontades e, quando finalmente fomos dormir, nem me lembrava mais do telefonema de Baby.

— Porra, Mika! — Baby grita aos meus ouvidos às nove horas da manhã. — Onde você se enfiou?

— Em lugar nenhum — respondo sonolenta e de mau humor: ainda não transei hoje. — Henrique que se enfiou em mim... — A lembrança da comemoração de nossas bodas de prata volta à minha mente, me fazendo sorrir. — Muitas vezes — complemento rindo.

— Eu não quero saber dessa putaria. — Baby bufa do outro lado do aparelho. — A Bertha vai se casar, e temos só três dias pra organizar tudo! — Sua voz sai mais aguda. — Tínhamos quatro, mas você e a Sissi sumiram

ontem...

— A Bertha vai se casar? — digo, sentando-me na cama e cutucando Henrique para acordar. — Com quem? — pergunto surpresa.

Henrique dá de ombros e repito a informação para ele, sussurrando.

— Com quem? Adivinha com quem, Micaela! — sua voz sai cheia de deboche.

— Eu não faço a menor ideia, Baby. E juro que nunca acobertei a Bertha para nada...

— Ela vai se casar com o Cauê! — ela grita. — E não finja surpresa, porque você e o Henrique que ajudaram a começar com isso! — Olho para Henrique, intrigada.

Baby ainda despeja mais alguma coisa sobre o absurdo do que eles querem fazer, como devemos interferir para que não seja um desastre total, e tenho vontade de rir. No fim, minha afilhada — que era mais parecida comigo — está de casamento marcado na igreja, com direito a véu e grinalda, e a Bertha, que era toda certinha, quer se casar como eu.

Assim que desligo, Henrique me pergunta, confuso, com quem Bertha vai se casar afinal. Quando revelo o nome do noivo, ele fica tão espantado quanto eu. Não sei se o que nos espanta é saber que Bertha vai se casar ou saber que é com Cauê. Ninguém nunca desconfiou que rolava algo entre eles.

— Sabe o que foi mais curioso? — digo, ainda surpresa com as acusações da minha amiga. Injustas, dessa vez, já que sempre assumi quando acobertei qualquer um dos garotos e fiz isso muitas vezes com orgulho. — Baby disse que a culpa é nossa, que nós ajudamos a começar isso.

— Puta que pariu! — Henrique dá um pulo e senta-se na cama. — Lembra a última vez que nos reunimos todo mundo na casa da Sol? — Assinto com a cabeça. — Logo em seguida, a Bertha foi para o intercâmbio no Canadá e o Cauê fez aquele *mochilão* pela Europa quando se formou.

— Sim, Henrique! — Gesticulo com as mãos para que ele chegue ao ponto. A mania dele de explicar coisas de mais quando não é necessário é algo que eu até amo, mas não quando quero entender algo.

— Então, o Cauê um dia me perguntou, quando ele estava na Espanha, se podia comprar para ele uma passagem para o Canadá, que depois me pagava. — Ele passa as mãos pelo cabelo e eu observo cada um de seus gestos. Como pode, em uma simples conversa, ele ainda me despertar esse encantamento? — Eu disse que não precisava. Perguntei se ele ia encontrar a Bertha, ele disse que sim, agradeceu e foi isso. — Dá de ombros.

— Então, parece que nós financiamos o início desse casamento. — Começo a rir. — Que bom! — Henrique ri também e se levanta da cama, mas eu o seguro pela mão. — Aonde você vai?

— Preciso tomar um banho e ir trabalhar, já são nove e meia...

— Ah, não vai, não! Não sem o meu orgasmo matinal. E hoje, em comemoração à nossa contribuição para a felicidade dos nossos sobrinhos, eu quero duas vezes.

3. *Eric*

A boca da loirinha suga o meu pau, enquanto a seguro pelos cabelos.

— Vai, loirinha safada... — digo, me segurando para não gozar enquanto Sissi me engole e geme alto.

Delícia é poder passar três dias trancado em casa com a minha mulher gostosa, sem nenhum filho pentelhando por perto. Nessa hora, agradeço Valentina por ter resolvido levar Fernando para a casa dos pais do namorado. Apesar de não suportar o *mauricinho* que minha filha mais velha resolveu namorar, o fato de ele ter um sobrinho da idade de Fernando tem nos dado mais momentos de privacidade do que podíamos esperar.

Muitas coisas mudaram nesses vinte e sete anos que estamos juntos. Eu amadureci e Sissi se reinventou a cada novo filho que tivemos. Seu corpo sentiu cada mudança. O abdômen não é mais trincado como antigamente, seus peitos não se sustentam mais no lugar e ela não tem mais o rosto liso como uma boneca de porcelana, mas eu a amo ainda mais do que antes.

Também mudei fisicamente. Apesar de ainda arrancar suspiros de mulheres — e até saber que umas meninas novinhas quebram o pescoço pra me ver passar —, sinto o peso dos anos e não acho que o tempo tenha me feito tão bem. Pelo menos mantive os braços fortes, muito em função do meu trabalho na mecânica. Por mais que tenhamos virado uma rede com filiais em toda a região, ainda gosto de trabalhar na antiga oficina de meu avô e, sempre que posso, literalmente meto a mão na graxa.

O que não mudou entre nós foi o sexo. A frequência não é mais a mesma — quatro filhos não nos permitiram —, mas se temos a chance, ah...

A gente compensa, como nesses dias de folga.

— Vem cá, loirinha. — Puxo-a pra cima e ela reclama de parar o que estava fazendo. Grudo meus lábios nos seus e a invado com minha língua.

Em um movimento rápido, coloco-a embaixo de mim, sem desgrudar nossas bocas. Sissi dá uma risadinha com a mudança de posição e abre suas pernas para que me acomode entre elas.

— Vem, meu mecânico indecente — ela pede em um sussurro enquanto beijo seu pescoço.

— Ah, loirinha...

É tudo que consigo dizer antes de entrar nela de uma só vez. Sissi está molhada, seu calor me acolhe e não consigo resistir à vontade de empurrar contra ela com força, uma, duas, três vezes... Quanto mais pressão coloco, mais Sissi força o corpo contra mim. Suas mãos agarram-se às minhas costas com força, suas unhas quase cravando em minha pele. Meto mais uma vez, forte, duro.

— Eric... — ela grita antes de seu corpo começar a tremer sob o meu. Não resisto e me liberto da mesma forma.

— Eu te amo. — Beijo seus lábios carinhosamente e puxo-a para se aninhar em meu peito.

Ficamos deitados, abraçados, curtindo um ao outro enquanto nossas respirações voltam ao normal. Provavelmente cochilei, porque, quando dou por mim, Sissi está conversando comigo.

— Eric! — Sua mão passei pelo meu peito. — O que você prefere: perder todos os pelos do corpo ou ficar gago? — Ela ri.

— Acho que perder todos os pelos do corpo, loirinha! — Dou uma gargalhada, me juntando a ela.

Nunca descobri de onde Sissi inventa essas perguntas, mas aprendi que é melhor sempre dar uma resposta direta. Nossos filhos aprenderam isso desde pequenos.

— O dia está lindo hoje — ela diz, levantando-se da cama só de calcinha e espiando pela janela. — A gente podia ir passear. Há quanto tempo não fazemos um piquenique só nós dois? — Sissi começa a dar pulinhos. Mesmo com quase cinquenta anos, em alguns momentos, ela ainda se comporta como a garota que conheci. — Isso mesmo! Vou preparar uma cesta pra nós e vamos. — Ela veste uma camiseta e me deixa sozinho no quarto.

Não vou dizer à minha mulher que pensei que esses três dias de folga seriam apenas de sexo e pedidos de comida por aplicativos de entrega. Mas, se eu for realista, não aguento mais uma maratona sexual com intervalos de apenas cinco minutos como antes. Um piquenique parece uma ótima ideia e, convencido disso, levanto-me resignado e vou para o banho.

Antes de sair do chuveiro, Sissi entra empolgada no banheiro.

— Já arrumei nossa cesta. — Ela tira a camiseta e depois a calcinha.

— E aonde vamos? — pergunto, terminando de tirar o xampu dos cabelos, que estão grisalhos, mas não caíram como a da maioria dos meus amigos.

— Ah, no nosso lugar — Sissi diz, abrindo a porta do *box* e juntando-se a mim. — Aonde mais eu iria sozinha com meu mecânico? — Ela dá um selinho em meus lábios e me tira debaixo da água quente.

Entendo que a minha ducha acabou e saio do *box*. Ficamos conversando enquanto ela toma banho e eu me enxugo. Não presto atenção no assunto que falamos, são amenidades do dia a dia, e me concentro no momento.

Aquela mesma rotina matinal, quando Sissi desce para preparar o café e eu entro no chuveiro. Depois, ela vem, me expulsa, toma seu banho e descemos pro café da manhã juntos. Não tem nada demais, mas fazer isso todos os dias com ela é o paraíso.

— Eu te amo, Isabel — digo sério. — E vou te amar para sempre. Até quando eu estiver broxa, ranzinza, passando os dias sentado em uma poltrona na varanda, brigando com o bando de netos que teremos pra não destruírem as flores do teu canteiro.

— Eu quero netinhos, Eric. — Ela ri. — Muitos. — Sissi coloca a mão em frente a boca e dá uma risadinha, então, me encara com ternura. — Eu também vou te amar para sempre.

Terminamos de nos aprontar e saímos em direção ao nosso lugar preferido na cidade.

Assim que avista a árvore mágica de Paraíso, cidade vizinha de Vale da Esperança, Sissi corre em sua direção, espalmando as mãos no tronco e fechando os olhos. Paro de caminhar e fico a observando.

A primeira vez que a trouxe aqui, tudo que eu pedi, mesmo não acreditando que a árvore realmente era mágica, foi que ela nunca mais saísse da minha vida — e mesmo achando que era impossível o meu desejo se realizar, afinal, o ônibus delas estava quase pronto e Sissi iria embora para sempre, aqui estamos. Caminho em direção à árvore e coloco minhas mãos nela. Apenas agradeço.

Sissi me abraça e sorri. Não sei quantas vezes viemos aqui. Na primeira vez, ela me forçou a pedir algo, depois disso, nunca mais pedi, apenas agradei. Pela mulher, pela oficina crescendo, por cada um dos

filhos que tivemos. Não sei por que, mas tenho a sensação de que ela também.

Quando nos conhecemos, talvez a gente não soubesse, tínhamos planos, sonhos, imaginávamos a vida de um jeito, mas quando se tem vinte, nunca se pensa que uma casa no interior, uma oficina mecânica, uma esposa e quatro filhos podem ser o seu ideal de perfeição. É o meu.

Estendemos nossa toalha em frente à árvore. Sissi tira as frutas que trouxe e as organiza com cuidado. Depois, os sanduíches e, por fim, a térmica de café. Sento-me apoiado na árvore mágica e a puxo para que se acomode entre minhas pernas.

O dia vai passando enquanto devoramos a comida. Conversamos, trocamos carícias e curtimos o silêncio, observando o horizonte verde da planície, misturado ao amarelo incandescente do sol e o azul que prevalece no céu.

Na volta para casa, nossos dedos entrelaçam-se como de costume. A música no rádio embala o corpo de Sissi, que cantarola ao mesmo tempo.

— Você já pensou como teria sido se a Estrogenium tivesse continuado? — Seu olhar está perdido na paisagem.

— Com certeza teríamos menos filhos. — Solto uma gargalhada. Sissi também ri. — Mas por que isso agora, loirinha? Está arrependida?

— Nunca. — Ela aperta seus dedos contra os meus. — Só fiquei imaginando se a gente ainda estaria tocando. — Ela ri. — Imagina?

Sissi, então, começa a falar das amigas, de como cada uma está e como se comportaria hoje no palco. Ficamos rindo com as imitações que faz. Chegamos em casa dando risada ainda sobre como seria a versão atual da Estrogenium e o telefone toca.

Corro para atender.

— Alô?

— Onde vocês estavam? — Baby grita no meu ouvido.

Apenas afasto o telefone da orelha e faço sinal para que Sissi pegue. Ela vem sorrindo e agarra o aparelho. Dou um beijo em sua testa, ainda com a lembrança da descrição que Sissi fez no carro de Baby controlando cada passo no palco, e subo para o quarto, dando privacidade para que conversem.

Cinco minutos depois, a loirinha entra no quarto, aflita.

— Precisamos ir pra cidade — diz, abrindo a porta do guarda-roupa, tirando uma mala de dentro e a jogando em cima da cama — Agora. — Volta ao guarda-roupa e começa pegar algumas peças.

— O que houve? — pergunto, assustado.

— Cauê vai se casar. — Ela joga as roupas que separou dentro da mala e passa o zíper.

— O quê?! Com quem? Se aquele moleque engravidou alguém, eu vou matá-lo! — digo, sentando-me na cama.

— Não tem gravidez. — Sissi pega a alça da mala e a coloca no chão. — Ele vai se casar com a Bertha.

— Com a Bertha? — pergunto, confuso.

— É... — Sissi dá de ombros. — E será em três dias!

— Se ela não está grávida, por que a pressa? — pergunto, mas não permito que Sissi me responda. — Com a Bertha?



— Então, você tem certeza de que ela não está grávida? — sussurro mais uma vez para Alexandre, que nega com a cabeça.

Eu sei. Eles já disseram mil vezes que não estão se casando por isso, mas eu não me convenço — mesmo com todas as explicações que Cauê dá sobre os motivos de terem mantido o relacionamento em segredo da família por quase três anos.

— Onde vocês vão morar? — pergunto para os dois, que estão sentados no sofá à minha frente. Cauê segura a mão de Bertha, os dedos entrelaçados, enquanto a menina parece assustada com o nosso interrogatório.

— No apartamento do Cauê, tio — Bertha responde, se referindo ao apartamento que meu filho usa desde que passou para a faculdade.

Apesar de termos um na cidade, quando ele foi aprovado para Medicina, achamos por bem comprar um lugar para ele viver. Eu sei que homens de sua idade precisam de privacidade e não querem passar o tempo todo junto com os pais, apesar de nem sempre virmos para cá. Porém, tecnicamente, tudo ainda está no meu nome e de Sissi.

— No *meu* apartamento, você quer dizer. — Dou uma risada, que faz Bertha se encolher.

— Eric! — Sissi me repreende. — Vocês podem morar lá o tempo que precisarem, querida — minha mulher responde para Bertha.

— Você está ajudando nessa loucura? — Baby, indignada, pergunta a Sissi.

Sissi responde que não, Baby começa a andar de um lado para outro, blasfemando sobre a irresponsabilidade de nossos filhos não terem um planejamento de vida, antes de tomarem uma decisão tão importante. A loirinha contrapõe, justificando que eles estão apaixonados. Alexandre segue imóvel ao meu lado. Não sei o que se passa na cabeça dele, mas adoraria fazer qualquer piada sobre o fato de meu filho estar traçando a filha dele. Resolvo ficar fco quieto, não quero piorar o clima.

— Mãe. Tia Baby — Cauê diz, levantando-se do sofá. — Eu só quero que saibam que pouco nos importa o que vocês pensam. — Ele estende a mão para Bertha, que a segura e levanta-se ao seu lado. — A gente entende que, para vocês, essa é uma notícia bombástica, mas Bertha e eu já conversamos muito sobre isso. — Eles se olham e sorriem. — E nós vamos nos casar em três dias.

— O cartório já está marcado e não queremos festa — Bertha anuncia.

Cauê solta a mão de Bertha e caminha em direção à Sissi. Ele a abraça e depois faz o mesmo com Baby, que fica imóvel.

— A gente tem que ir — ele diz quando estende a mão para Alexandre, que o fica encarando por alguns segundos antes de apertá-la. — Eu tenho plantão e Bertha tem que finalizar um relatório. — Cauê para em minha frente. — Vocês vão ficar lá em casa? — ele me pergunta e me abraça.

— A gente tem que conversar, meu filho... — digo.

— Depois do plantão, tomamos uma cerveja, pode ser?

Sacudo a cabeça, concordando, e eles vão embora. Ninguém fala nada. Ficamos os quatro nos encarando, até que Baby volta a andar de um lado para o outro e Sissi fica em sua volta, tentando acalmá-la.

Alexandre precisa sair para resolver algumas coisas e não sei se é a notícia do casamento de nossos filhos, mas algo parece o estar incomodando demais.

Também estou incomodado com a situação. Como é possível que eles estejam tanto tempo juntos e nenhum de nós nunca desconfiou? Só que o fato de meu amigo não querer conversar sobre isso é estranho.

De qualquer forma, enquanto Sissi e Baby parecem começar a se entender e com Alexandre fora de casa, resolvo ocupar meu dia visitando as filiais que temos na capital. Não percebo o tempo passar, até receber a mensagem de Cauê avisando que está indo para o bar que tem na esquina do nosso apartamento.

Chego quarenta minutos depois e meu filho já me espera. Tento conversar sobre outras coisas: o fim da residência, a abertura de seu consultório, o concurso para o qual está estudando, mas a verdade é que não consigo. Uma pergunta martela na minha cabeça desde que recebi a notícia.

— Filho, pode confiar em mim. — Dou um gole no meu copo. — A Bertha está grávida?

— Ela não está, pai! — Ele ri. — Nós só queremos casar. — Cauê bebe um pouco da sua cerveja. — Estamos organizando o futuro. Já pensou se eu passo no concurso e sou mandado para outro estado? Bertha precisa poder continuar sua pesquisa e, se estamos casados, conseguimos garantir isso. Fora que ela também pode receber alguma bolsa internacional e, estando casado, posso acompanhá-la.

— Mas, meu filho, é tão rápido — retruco.

— Rápido? — Ele ri mais uma vez. — Nós estamos juntos há três anos, pai. E quem é você pra falar de rapidez? Você pediu a mamãe em casamento depois de três meses de namoro. Eu sei que eu apressei a data,

mas vocês já tinham planos.

— É verdade. — Dou risada também. — Por que esconderam de nós? — pergunto.

— Ah, pai... Vocês viram tudo que o Jimi e a Malala sofreram quando se assumiram? Eles não tinham um minuto de paz. Toda hora cheios de compromissos com a família. — Ele dá de ombros. — Bertha e eu... sei lá... a gente só queria curtir e foi indo, foi ficando bom e cada vez melhor e mais difícil de contar.

Ele continua me falando sobre o relacionamento dos dois, o quanto são felizes juntos e como ela faz bem a ele. Não consigo deixar de pensar em como eles são diferentes: Cauê, que não poderia ser mais parecido comigo na mesma idade, com todo seu jeito de macho alfa cafajeste — igual ao que eu tinha —, e Bertha, doce e meiga. Os olhos deles brilham ao falar dela, dos planos, dos dois.

— Sabe, filho — digo, sorrindo —, você tem toda razão. Se ela te faz sentir assim, não tem por que esperar. — Termino de beber o conteúdo do meu copo. — Olha para mim e sua mãe...

— Vocês são meu exemplo de casal, pai — ele diz e posso jurar que seus olhos se umedecem. Ou são os meus? — Obrigado, eu amo vocês! E sei que Bertha e eu seremos iguais.

— Ah, filho... — Passo a mão no rosto após constatar que a umidade era do meu olho. — A gente também te ama! — Preciso fazer uma pausa para fungar o nariz, então me recomponho. — Mas olha, não precisa seguir a gente em tudo não. — Dou uma gargalhada. — Quatro filhos é demais, e sua mãe não quer ouvir falar de netos ainda.

Cauê começa a rir e termina a cerveja do seu copo. Pede outra ao garçom. Ficamos lembrando de sua infância, das confusões de dentro de

casa com as irmãs, de quando descobrimos sobre Fernando, do caçula pentelhando... Rimos e bebemos mais duas garrafas.

— A saideira, pai? — ele pergunta, levantando a garrafa para o garçom e gesticulando com a cabeça. Assim que o homem entende, ele abaixa a garrafa e me encara. — Algum conselho para seu filho prestes a se enforcar? — Ele ri.

— Sim. — O garçom traz a garrafa e nos serve novamente. Levanto meu copo e Cauê repete meu gesto. — Passe todos os momentos possíveis de sua vida dentro da sua esposa.

Levanto o copo novamente. Cauê ri. Brindamos. O que eu posso dizer? Que a melhor coisa que fiz na vida foi ter ido consertar um ônibus quebrado há mais de um quarto de século, deixando duas gostosas na cama para conhecer uma loirinha safada de voz melosa e com o gosto mais doce que já provei..

4. Sissi

Se a vida fosse justa, eu estaria tomando um *drink* colorido em uma praia no sul da França neste momento. Toda linda, loira e com um marido delicioso ao meu lado. Só que a vida não é justa, e isso significa que estou correndo de um lado para o outro dentro do nosso apartamento na cidade, gritando para que meu filho mais novo se levante da cama, já que eu preciso sair em vinte minutos e ainda nem comecei a me arrumar.

Baby vai me matar se eu chegar tarde.

Meu cabelo está uma bagunça, meus olhos estão inchados por não ter conseguido dormir muito à noite, minha calcinha está enfiada na bunda e a única coisa que eu queria agora era jogar tudo para o alto e passar o resto da tarde fazendo maratona de *Duro de Matar*.

Quem estou querendo enganar? Com certeza, a maratona que faria era de *The X-Factor*, porque se tem uma coisa que me diverte é rir das pessoas que cantam mal pra caramba. E torcer para os que têm talento, claro.

Coloco as fatias de pão na torradeira, tiro a manteiga e o requeijão da geladeira, separo a caneca de café de cada um e os pratos.

Mesa posta, grito de novo por Fernando para que ele saia logo do quarto.

— *Manhê!* Cadê meu celular? — Nando grita de algum lugar do apartamento.

Depois da loucura de ontem à noite, achei melhor buscar Nando na casa dos pais do namorado da Valentina. Ele não queria voltar, é claro. Afinal, estava em uma mansão, curtindo a piscina, a mesa de pingue-pongue

e as outras crianças que estavam lá. Mas nossa família precisa estar junta em uma hora como essa. Minha filha também não ficou muito animada com a ideia, mas, ao mesmo tempo, seu irmão vai se casar — e, com certeza, ela vai querer ajudar com os preparativos.

— No reino encantado onde todas as coisas perdidas se reúnem para rir da nossa cara. Corre que já estou atrasada! — grito para Nando.

As torradas ficam prontas no instante que meu marido entra na cozinha. Diferente de mim, ele está uma delícia — já pronto para passar o dia com o filho, passeando pela cidade. Eric me envolve por trás e beija meu pescoço.

— Ah, loirinha... Queria tanto estar sozinho com você agora — ele sussurra no meu ouvido, fazendo com que meu corpo se arrepie.

Estamos juntos há décadas e eu ainda sinto o efeito do meu mecânico indecente. Ou talvez seja sua anaconda, sempre cutucando minha bunda.

— Eu também — confesso, sabendo que meu dia não será nem um pouco agradável. — Queria muito me isolar com você em uma cabana no meio do mato, sem sinal de telefone.

Ele ri do meu comentário e concorda comigo. Quando me vira para me dar um beijo, é claro que somos interrompidos.

— Pai, a gente vai pra praia? Você disse que iríamos se estivesse fazendo sol. — Fernando aponta para a janela aberta, indicando o dia claro e com céu muito azul.

— Pode ser, Nando. Ou então podemos ir ao museu do futebol — Eric sugere e meu filho se empolga com a ideia.

— Vou deixar os dois sozinhos. Amor, lava a louça quando acabarem de comer. Preciso me arrumar para encontrar dona Baby. Temos um

casamento para organizar em tempo recorde. — Dou um beijo na testa de Nando, um na boca de Eric e saio da cozinha, correndo para o quarto e me enfiando direto embaixo do chuveiro da nossa suíte.

Não são nem oito horas da manhã e eu já estou cansada. Àqueles que dizem que donas de casa não trabalham muito é reservado um espacinho especial no inferno. Eles acham que tudo é fácil e têm uma visão romantizada do que é ser mãe de quatro filhos. Caramba, estou cansada há vinte e cinco anos! E o pior de tudo é que não vejo uma luz no fim do túnel. Meu filho mais novo está com onze e sei que ele ainda vai me dar muito trabalho até decidir sair de casa. Assim como Cauê, Valentina e Taís me deram.

Onde eu estava com a cabeça na hora que decidi ser mãe em tempo integral?

Tudo bem que eu amo meus filhos e minha vida, mas às vezes acho que deixei muita coisa passar para me dedicar exclusivamente à minha família. Daí eu me pergunto se essa sensação que volta e meia aparece é arrependimento ou só uma nostalgia da época em que eu e minhas amigas éramos livres para fazer o que quiséssemos.

Tínhamos um futuro inteiro à nossa frente. Mas nada foi de acordo com o plano.

Quem diria que todas nós estaríamos casadas? Eu me lembro da festa de um ano de Fernando. Estávamos todas lá, com suas respectivas famílias, e eu não conseguia parar de pensar que eu estava vivendo o capítulo final de uma novela cafona.

E todos viveram felizes para sempre...

Mas eu não posso dizer que sou tão feliz assim, muito menos que não tenho mais nada a conquistar nessa vida. Às vezes, sinto como se eu tivesse enterrado a antiga Sissi, só não sei se isso me tornou uma pessoa melhor ou

apenas amarga por dentro, incapaz de verbalizar o que está sentindo e sempre se escondendo atrás de sorrisos.

A mãe perfeita, a esposa perfeita, a dona de casa perfeita.

Há tempos não pego meu teclado... Tinha jurado para mim mesma que todos os meus filhos aprenderiam a tocar, e o máximo que consegui foi ensinar a Cauê a tocar “*Cai, cai, balão*” da forma mais mecânica que já vi na vida.

Cauê... meu primogênito. Vinte e cinco anos na cara, médico e prestes a se casar.

Por que ele vai se casar? As pessoas acham que casamento é só amor e acabam esquecendo que é muito mais do que isso.

Eu amo meu marido, provavelmente muito mais do que o bom senso permite. Eu o amo tanto, mas tanto, que acabei deixando todos os meus sonhos de lado para ficar com ele. Assim que começamos a namorar, a Estrogenium estava em turnê, e os meses que passamos afastados foi uma tortura. Chega a ser doentia a minha necessidade dele. Sem Eric, não sei se sou capaz de funcionar. Ele me deu tudo que eu queria, sempre me tratou como uma princesa (pelo menos, fora do quarto, porque entre quatro paredes meu mecânico indecente sempre fez questão de saciar todos os meus desejos) e me tornou mãe de quatro filhos maravilhosos. E por mais que eu esteja muito feliz por um deles ter encontrado o amor de sua vida, quero sacudi-lo pelos ombros e dizer para que aproveite mais sua juventude.

Eu fui mãe cedo demais... e não quero que nenhum dos meus filhos tenha a mesma sensação que eu vinte e cinco anos depois, sempre pensando no que poderia ter sido caso tivessem seguido um caminho diferente.

Meu celular toca em algum lugar do quarto bem no momento em que estou enrolando a toalha no cabelo, interrompendo meus pensamentos. Corro

para atender e vejo que é a Baby me ligando. Óbvio que seria ela. Quem mais me ligaria antes das oito da manhã?

— Oi, By — tento soar o mais alegre possível. Ninguém precisa saber o que se passa na minha cabeça quando estou a sós.

— Preciso de você aqui em casa! Todas as meninas já chegaram! — ela está praticamente gritando. Típico.

Será que, um dia, a Baby vai conseguir relaxar? Duvido muito.

— Estou saindo daqui em dois minutos e já vou me encontrar com vocês. Avisa ao porteiro que vou estacionar na garagem.

— Ele já está sabendo — Baby diz em seu tom impaciente. — Vem logo!

Ela desliga o celular sem ao mesmo deixar que eu diga um “tchau”.

Coloco a primeira roupa que encontro, prendo o cabelo em um rabo de cavalo e corro para a sala.

— Comportem-se, vocês dois — digo para Eric e Nando, que estão sentados no sofá. — Se as meninas chegarem, peça pra elas me ligarem. Vamos precisar de toda a ajuda que pudermos encontrar. Inclusive, mandaremos tarefas para vocês ao longo do dia.

— Mas é sábado, loirinha. Pouca coisa fica aberta aos sábados — Eric tenta se safar de nos ajudar, mas apenas olho para ele. — *Ok, ok...* Espero suas mensagens — ele diz resignado e eu saio do apartamento.

O trajeto até a casa de Baby é curto e, por ser sábado, não há tanto trânsito. Em menos de dez minutos, estou tocando a campainha.

— Até que enfim! — Baby me recebe com um revirar de olhos e a vontade que sinto no momento é de mandá-la à merda.

Eu sei que são nossos filhos que estão se casando, mas foi ela quem resolveu dar uma festa. Os dois estavam felizes em apenas assinar os papéis na frente do juiz e mais nada.

— Antes tarde do que nunca. — Ofereço a ela meu melhor sorriso e entro na sala do seu apartamento ultra organizado.

Chega a dar nervoso ver a diferença disso aqui para a minha casa, que é sempre cheia de sapatos do Nando e do Eric pela sala. Aqui não. Tudo está em seu devido lugar.

Mika, Be e Sue já chegaram e estão sentadas no sofá. Aceno para elas, que parecem loucas para fugirem daqui.

Tadinha da Baby... Ela é uma boa pessoa, mas, quando entra no modo eficiência, não há quem aguente.

— Bom dia, meninas. — Alexandre aparece da cozinha. Como sempre, seu sorriso tranquilo é um tremendo contraste com a expressão de sua mulher.

Corro até ele e o abraço. Desde que nos conhecemos, parece que temos uma relação especial. Sei lá, coisa de vidas passadas, talvez. Não importa. Para mim, ele sempre será o irmão que nunca tive. Inclusive, é bem fácil conversar com ele sobre todos os meus problemas — que não são muitos.

— Como você tá? — pergunto e dou um beijo em sua bochecha.

— Estranho — ele confessa.

— Eu te entendo. Mas, ei, pelo menos agora seremos uma família oficial. — Sorrio para ele, que não parece tão empolgado assim com meu comentário.

— Se vocês dois puderem parar com o papo furado, vou agradecer. — Baby cruza os braços na frente do corpo e nos encara. — Temos um

casamento acontecendo em quarenta e oito horas e nada de tempo a perder.

Ela vai até a mesa de jantar, que agora percebo estar coberta de papéis, e pega um caderno com uma capa toda em tons violeta.

— Você realmente acha que precisamos fazer uma festa? — É Mika quem pergunta.

— Óbvio! Não vou deixar minha filha se casar de qualquer jeito, Micaela.

Ignoro o fato de ela ter se referido ao casamento como se fosse exclusivamente de sua filha. Ninguém presta muita atenção ao noivo mesmo...

— Bah, precisamos fazer uma lista das coisas necessárias — Sue diz, se levantando do sofá e indo ao encontro de Baby para ver o que ela tem escrito no caderno.

— Estou alguns passos à sua frente — Baby diz. — Mas temos que tomar decisões rápidas. Local, flores, cerimonialista, convidados, comida, bebida, música e fotografia. Vamos lá! — Ela bate palmas, como se nos incentivasse a criar soluções para esses “pequenos” problemas.

— Acho que a Jennifer ainda mora na cidade. Posso ligar para ela e perguntar se está livre na segunda — digo, me referindo à fotógrafa que tirou as fotos do nascimento, batizado e todos os aniversários de Nando.

Baby diz que é uma excelente ideia — muito para a minha surpresa — e eu pego meu celular. Vou para a varanda e faço a ligação. Felizmente, ela tem o dia livre na agenda. Ponto para nós.

Peço que ela reserve o dia inteiro para o casamento, já que não sei exatamente o horário que a cerimônia será realizada. Mesmo assim, depois de anos sendo sua cliente, Jennifer me garante que estará lá de qualquer jeito.

Agradeço a ela e me despeço.

Quando volto à sala, todos estão falando em tons de voz elevados.

Baby está à beira de um colapso nervoso. Mika está de pé, gritando com ela. Sue apenas olha enquanto Be gesticula feito louca.

Humm, até parece as nossas velhas reuniões de banda.

Resolvo não me meter e vou para a cozinha. A última coisa que quero agora é me estressar ainda mais.

Quando abro a geladeira, vejo que Alexandre me seguiu até aqui.

— Vai ser bastante complicado... — ele diz, esfregando o rosto com as mãos.

— A festa ou o fato de nossos filhos estarem se casando?

— Os dois — Alexandre confessa. — Você não acha que eles são muito novos para se casarem?

— Sinceramente, seria muita hipocrisia da minha parte dizer isso. Eu só espero que eles saibam o que estão fazendo, porque eu não quero ter uma família dividida se os dois se separarem — exponho minha preocupação e meu irmão faz que sim com a cabeça.

— Acho que isso não será um problema. Os dois são mais responsáveis do que deixam transparecer — Alexandre tenta me consolar, mas é em vão.

Antes que eu consiga falar mais alguma coisa, os gritos na sala ficam altos demais e eu corro para ver o que está acontecendo.

Mika e Baby estão discutindo. Ambas estão vermelhas e eu nunca vi as duas tão alteradas.

— Ei! — grito ainda mais alto. — O que vocês preferem: sentar em um porco-espinho ou banho de lama na areia movediça?

5. Baby

Organizar coisas sempre foi o meu maior prazer. Desde que era pequena, eu organizo tudo. Começou com as bonecas e brinquedos em caixas coloridas... Só que, neste momento, a única coisa que *não* quero é organizar um casamento. Ainda mais o da minha filha. Com o filho da minha melhor amiga e madrinha da minha filha. Em três dias.

Ainda mais quando uma das pessoas que deveria me ajudar a planejar tudo encasqueta com uma ideia absurda.

Às vezes eu esqueço como a Mika continua cabeça dura.

— Por que não? — ela grita. — Não me parece absurda a ideia da gente tocar no casamentos dos nossos filhos.

— Minha filha! — grito de volta. — Minha! — Bato no peito. — E não temos tempo para ensaiar, Mika! — argumento. Mas com a voz bem elevada. Nem sei por que estou gritando, mas quanto mais grito, mais Mika devolve.

— Ei! — Sissi grita da cozinha ainda mais alto, fazendo com que a gente pare de discutir. — O que vocês preferem: sentar em um porco-espinho ou banho de lama na areia movediça?

Mika me olha confusa com a pergunta de Sissi e Be cai na gargalhada. Acabamos todas rindo. Ela volta para sala, também rindo, junto com Alexandre.

— Baby — meu marido se aproxima e me enlaça pela cintura —, estou indo para a escola. — Alexandre beija minha bochecha, depois cochicha: — Nessa agenda apertada de produção de casamento, será que a Olívia vai poder sair para tomar um *drink* hoje?

— Como você pode pensar nisso? — respondo indignada, afastando-me dele.

Alexandre sai sem dizer uma palavra, mas vejo em seus olhos uma frustração e um olhar de cansaço que me preocupa. Na mesma hora, me arrependo da minha reação, mas antes que eu possa consertar as coisas, Mika retoma o assunto.

— A gente só precisa de umas duas horinhas pra ensaiar. — Ela olha para Sue, que está com a agenda de horários na mão. — Não dá pra encaixar duas horinhas amanhã? Porra, é domingo!

— Dá pra ensaiar duas horas amanhã no meio da tarde e duas horas na segunda pela manhã bem cedo. — Sue dá de ombros. — Mas tu tem que acordar, Mika!

— Eu acordo! — Mika dá dois pulinhos. — E aí? O que acham? Vamos tocar no casamento deles?

Observo a empolgação de Mika e fico me perguntando se tanta energia vem da falta de filhos humanos — já que cães e gatos eu não tenho nem noção de quantos são atualmente — ou da quantidade de grana acumulada em sua conta bancária, porque não é possível que ela tenha envelhecido como eu.

Mika parece ter mantido uma leveza, apesar dos anos, que não consegui. Talvez pela necessidade de manter tudo sob controle ou pela minha neurose de tudo organizado e planejado. O fato é que, depois do meu casamento, eu segui organizando a vida das outras pessoas, mas a minha virou um caos eterno.

Casar, ter filhos e ainda ter uma profissão é um fardo bem pesado pra qualquer mulher, e eu ainda tirei na loteria da maternidade e tive gêmeas. Univitelinas. Sabe quais as chances de você realmente chamar um filho pelo

nome certo nesse caso? Nenhuma. Até hoje, não tenho bem certeza se não trocamos seus nomes quando tinham semanas.

O fato é que elas consumiram todas as minhas energias, me deram as maiores dores de cabeça, me fizeram passar madrugadas em claro e, se me perguntarem se eu trocaria novamente a minha banda, eu diria *sim*, porque minha família é o maior projeto que já organizei e por isso mesmo nenhuma filha minha vai casar “*só no papel*”.

Mas, lá no fundo, eu sempre me pergunto o que teria acontecido se tivéssemos seguido carreira; por isso, toda a energia de Mika para subir ao placo me irrita. Não sei se depois de voltar, eu conseguirei me acostumar de novo com o que cada vez eu tenho menos: minha família. Malala mora longe e agora Bertha irá embora. Iago já não mora mais com a gente e resta apenas Alexandre e eu.

Na verdade, não precisa ser. Sempre podem ter outras *pessoas* entre nós. Lembro-me do convite que Alexandre me fez e uma ideia passa por minha cabeça. Às vezes, me esqueço que meu marido não é apenas Alexandre — o professor — ou Frederico — seu segundo nome.

Eu sei que casamento é cansativo, que a rotina acomoda, mas tudo isso seria insuportável se eu não tivesse meu marido ao meu lado. Muitas coisas me cansam no dia a dia e, se não fosse ele, sua calma, seus fetiches e fantasias... com certeza eu seria muito mais estressada e não aguentaria o cansaço.

Sissi carrega o mesmo ar cansado que eu. Ela finge com sorrisos e perguntas bizarras, mas conheço minha amiga e sei que algo há muito também lhe incomoda. E quando ela é a primeira a responder, dando pulinhos como Mika, tenho certeza que sei o que é.

— Eu topo!

— Por mim, tudo bem — Sue responde.

— Com toda a certeza! — Be se levanta do sofá.

As quatro me encaram. Não sei o que elas pensam que estão fazendo, mas que se foda. Eu também preciso disso. Sorrio e aceno com a cabeça. A gritaria recomeça, dessa vez, de euforia. Um abraço coletivo se forma e um medo de que tudo dê errado e vire uma bagunça se instaura.

— Com uma condição — digo e elas param os pulos e a gritaria. — Que a gente resolva tudo dessa lista agora pela manhã.

— Tudo bem. — Mika corre em direção ao bar e começa a procurar alguma coisa. — Não tem tequila nesse bar, Baby?

Começo a rir. Quando se tem duas filhas adolescentes em casa e uma delas é exatamente como uma de suas melhores amigas baladeiras, você aprende a esconder as garrafas de bebida pra não acontecer de, quando for tomar, ela estar cheia de água.

— Na dispensa, na segunda porta à direita, atrás da caixa de descartáveis.

— Por quê? — Mika pergunta, curiosa.

— Porque ela tem filhos — Sissi responde, rindo.

Alguns minutos e estamos cada uma com uma dose de tequila na mão. Em roda, com os copos erguidos e em uníssono, proclamamos:

— *Arriba, abajo, a centro, adentro e que se fueda, comadre!*

As meninas são rápidas em dividir as tarefas e providenciar tudo que precisamos: fotógrafa, florista, convites, aparelhagem de som, estúdio para ensaio, cabeleireiro para antes da cerimonia, iluminador...

São tantas coisas que vão se resolvendo rápido. Uma mais empolgada

que a outra.

— Consegui os doces! — Be grita.

— E eu os espumantes! — Sissi avisa.

Na varanda, Mika anda de um lado para o outro com o celular grudado no ouvido. Gesticula, mas não consigo escutar com quem ela tanto briga. Falta-nos apenas o local. Tentamos alguns restaurantes, mas a maioria não tem o espaço que necessitamos. Sue tenta algumas casas de festa, o que faz com que eu já vá procurando por *buffets*.

— Se eu tiver conseguido o lugar mais perfeito de todos para a festa, podemos pensar no repertório? — Mika volta da varanda com um sorriso no rosto.

— Onde? — pergunto, curiosa.

— Vamos falar sobre o repertório depois? — ela insiste e eu faço que sim com a cabeça. Ela abre um sorriso. — Consegui fechar o Solano para a festa!

Sem precisar resolver mais nada e com o restaurante que funciona hoje no lugar do antigo Neo — e com um palco tão conhecido — reservado, me vejo com vinte anos novamente, no meio de minhas amigas, escolhendo músicas enquanto doses de tequila, antes da hora do almoço, circulam na roda entre risadas que ficam cada vez mais altas.

Lá pelas tantas, uma de minhas amigas pede comida para nós. Fico observando as conversas, escolhas das músicas e a expressão de cada uma ali, num lugar que sempre foi seguro e confortável. Nossa sintonia é tão perfeita que, por um minuto, sou capaz de jurar que todas estamos pensando e observando a mesma coisa, mas nenhuma de nós tem realmente capacidade de externar.

E se...? Não é que eu não esteja feliz com a vida que tenho, mas a coisa mais difícil que fiz foi dizer *tchau* para a Estrogenium e agora, sentada aqui, na sala da minha casa, com minhas melhores amigas, minhas parceiras de sonho, minha família, organizando o casamento de minha filha, me pergunto se fizemos a escolha certa. Nenhuma de nós fala, mas parece que está no rosto de todas a mesma dúvida.

Não vejo a hora passar. Com todas as coisas do casamento organizadas e encaminhadas, o bate-papo com as meninas rolou até metade da tarde. Tentei ligar algumas vezes para Alexandre, mas ele não atendeu. Depois que minhas amigas vão embora, resolvo agir por impulso. Corro até o quarto, troco de roupa e pego minha bolsa. Abro a porta do apartamento e dou de cara com Malala.

— Mãe?! — ela me olha da cabeça aos pés. — Aonde você vai assim?

— Só resolver umas coisinhas, minha filha. — Abraço-a. — Fizeram boa viagem? — Abraço Jimi também.

— Sim, tia Baby, foi tudo bem — ele me responde. Malala continua me olhando como seu eu fosse um extraterrestre.

— Volto em duas horas no máximo. Aproveitem pra descansar.

Antes que minha filha possa me encher de perguntas, escapo para dentro do elevador. Tem algo que preciso resolver, e tem que ser agora.

6. *Alexandre*

Por mais que eu tenha sempre sido um homem comprometido no trabalho, ele nunca esteve em primeiro lugar na minha vida. Lecionar é minha vocação, mas não morreria se eu tivesse que deixar tudo de lado e conquistar outras coisas. Foi basicamente isso que aconteceu quando aceitei o cargo de diretor da melhor escola da cidade há alguns anos.

Mesmo assim, nunca deixei de estar com a minha família para resolver problemas escolares. Só que hoje eu precisei escapar. E usar o trabalho como desculpa — nem que fosse para mim mesmo — veio de forma instintiva.

As eleições escolares estão se aproximando — um projeto que comecei a implementar quando entrei para essa escola muitos anos atrás e que fez dela uma referência em conscientização política de crianças e adolescentes — e, por mais que as urnas precisem ser verificadas antes de os alunos votarem, sei que poderia ter pedido a Felipe que fizesse isso por mim. Como vice-diretor da escola, ele teria aceitado sem contestar. Mesmo sendo sábado.

Mas eu precisava sair de casa. Espairecer.

Minha mulher estava me enlouquecendo com seus gritos histéricos. Sissi e as outras também não estavam ajudando. Enquanto todas falavam, reclamavam e se justificavam, tudo que se passava na minha cabeça era que eu precisava sair dali o mais rápido possível.

Eu não tenho nada contra Cauê e até fico contente de minha filha ter escolhido um cara que foi criado com integridade. Mesmo assim, um pai tem o direito de surtar ao saber que ambas as suas filhas estão prontas para

encarar o mundo.

Bertha e Malala são as luzes da minha vida. Lembro-me perfeitamente do dia em que Maribel descobriu que estava grávida. Nós tínhamos acabado de nos casar quando ela veio com a notícia. Eu, homem responsável que sempre fui, corri com ela para o hospital. Precisávamos fazer uma ultrassonografia para ter certeza de que estava tudo certo com o bebê. Nem cheguei a pensar nas consequências de ter um filho. Na verdade, fiquei mais preocupado do que empolgado no primeiro momento — a ficha ainda não tinha caído.

Mas eu estava bem. Tinha um emprego, minha mulher também... Não havia motivos para estresse. Só que tudo virou de cabeça para baixo quando ficamos sabendo que seriam duas, e não uma filha.

Malala e Bertha, assim como todas as irmãs do planeta, sempre brigaram muito, e a competitividade entre elas foi apenas se aguçando ao longo dos anos. Enquanto isso, eu ficava me perguntando em que tinha errado, o que podia fazer para que elas se aproximassem mais e se entendessem. Depois, desisti e resolvi criar laços com elas de forma individual.

Enquanto Malala sempre teve o temperamento explosivo de Mika, a sua madrinha, Bertha era mais parecida comigo: tranquila, obediente, estudiosa...

Eu aproveitei cada fase, fui a cada recital e a cada reunião, sonhei com elas e vibrei ao vê-las tornar os sonhos em realidade. Acho que nunca me emocionei tanto quanto no primeiro desfile de Malala no Salgueiro. Assim que ela e Jimi assumiram para a família que estavam juntos, os dois decidiram se mudar de cidade para que Malala pudesse ter uma chance. Ela foi com garra, lutando com unhas e dentes. E eu chorei que nem um idiota

quando ela entrou na avenida, como destaque em um carro alegórico. Seu sorriso era enorme, dava para sentir das arquibancadas o quanto aquilo significava para ela. Mal ainda não conseguiu se tornar a Rainha da Bateria, mas está correndo atrás — e isso faz com que ela tenha que morar em outra cidade.

Agora, não apenas já perdi uma filha para o mundo, como estou perto de perder a outra também.

Malala e Jimi estão noivos, morando juntos no Rio de Janeiro. Bertha e Cauê vão se casar em alguns dias e, de acordo com eles, os dois têm planos de viajar e conseguir empregos em outra cidade, talvez em outro país. Enquanto isso, eu vou me tornar um velho amargo, reclamando da vida e fazendo da rotina dos alunos dessa escola um inferno.

Estou verificando os *tablets* onde serão realizadas as eleições quando meu telefone toca. Vejo o nome de Baby piscar na tela e preciso respirar fundo, porque sei que minha mulher já vai reclamar de alguma coisa.

Eu a amo mais que tudo nesse mundo e já estou acostumado ao seu temperamento controlador, mas não hoje... Hoje, tudo que eu quero é desaparecer. Por isso, ignoro a ligação, desligo o celular e volto para o que eu estava fazendo.

Tablet atrás de *tablet*, computador atrás de computador. Só paro quando não tem mais nada para fazer. Então, resolvo verificar mais uma vez... só pra garantir. A escola está vazia, afinal, é sábado. Apenas dois seguranças estão em seus postos, cumprindo com seus horários de trabalho.

O silêncio nos corredores é algo quase novo para mim. Estou acostumado aos gritos de alunos, ao entra e sai de professores e ao frenesi do dia-a-dia de uma escola. Mesmo assim, posso apreciar essa calmaria. Principalmente agora, que preciso ficar um pouco a sós com os meus

pensamentos.

Quando acabo de verificar tudo para as eleições, decido que está na hora de olhar algumas fichas de alunos que pretendem estudar aqui no ano que vem. Uma coisa que instituí assim que assumi o posto de diretor foi um número de bolsas integrais a serem oferecidas anualmente. O problema é que a lista de espera é enorme, o que dificulta bastante. Por isso, fico encarregado de analisar candidato por candidato para escolher aqueles que realmente precisam estar aqui.

Estou lendo a terceira ficha quando alguém bate na porta do meu escritório. Levo um susto e fico pensando sobre quem pode estar aqui a esta hora.

— Entre — digo, minha voz menos firme do que o normal.

Eu deveria estar sozinho aqui, e os seguranças teriam se anunciado.

Quando a porta se abre e vejo o rosto familiar aparecer pela fresta, solto um suspiro de alívio.

— Com licença, diretor Ferraz — ela diz e meu coração acelera.

— Pois não? Posso ajudá-la em alguma coisa, senhora... — não termino a frase. Já não sei quem é a mulher à minha frente.

Ela entra na sala e fecha a porta. Sua roupa é modesta, apenas uma saia e uma blusa preta justas. Mas são os saltos muito altos que me chamam a atenção. Eles dizem que, apesar de ser uma mulher recatada, também tem um lado mais... *sensual*.

— Novais. Melinda Novais, mas pode me chamar de Mel. Sou a mãe de um dos seus alunos — ela fala, parecendo um pouco incerta, como se estar aqui não fosse realmente o que ela planejava.

Levanto-me da minha cadeira, dou a volta na mesa e estendo minha

mão para que ela a aperte. *Mel* me cumprimenta e toma seu lugar. Eu poderia voltar para onde estava, mas resolvo me apoiar na mesa, ficando mais perto dela.

— Em que posso ajudá-la, senhora?

— *Mel*, por favor, me chame de *Mel*.

Faço que sim com a cabeça.

— Em que posso ajudá-la, *Mel*?

De onde estou, consigo ver seu decote de cima. Apesar de não ter seios grandes, o volume preenche a blusa com perfeição. Inclusive, tenho quase certeza de que ela não está usando sutiã.

— Sabe o que é, diretor... — ela hesita, tentando encontrar a melhor forma de dizer aquilo que precisa. — Meu filho está tendo sérios problemas na escola. Suas notas não são como eram antes.

— E o que eu tenho a ver com isso? — Cruzo os braços na frente do corpo. — A senhora quer que eu agende algumas aulas de monitoria para ele?

— O que o senhor achar melhor... Guto sempre foi um menino responsável e que tirava notas altas, mas, de uns tempos pra cá, não tem sido o mesmo — ela explica, parecendo bastante ansiosa. — Inclusive, a professora de Matemática disse que não tem como ele recuperar as notas e que vai repetir.

— Infelizmente, *Mel*, não tem nada que eu possa fazer neste caso. Dou autonomia aos meus professores para decidirem o que é melhor para cada aluno. Afinal, são eles que estão em sala de aula e sabem o que está acontecendo com mais propriedade do que eu — aviso, cansado de ter pais vindo à minha sala para pedir que seus filhos sejam aprovados, apesar das

notas.

— Mas eu pensei que o senhor pudesse ajudar... — ela argumenta. — Guto sempre foi um excelente aluno.

— Eu entendo sua preocupação, *Mel*, mas não tem nada que eu possa fazer nesse caso. O máximo ao meu alcance é oferecer algumas aulas extras de Matemática para ajudá-lo na prova de recuperação.

— O senhor não está entendendo, diretor. Se Guto for para a recuperação, ele vai perder a bolsa. É um dos requisitos, como o senhor mesmo sabe — ela continua insistindo, mas, dessa vez, cruza as pernas, deixando uma parte de sua coxa à mostra.

Passo a língua por meus lábios, adorando a visão.

— Nós oferecemos todo apoio aos nossos alunos, *Mel*, mas nem sempre eles estão interessados em aprender. — Olho para ela. Pele bem clara, cabelos escuros e olhos verdes. Linda. — Como eu disse, a decisão cabe à professora e não a mim.

Afasto-me da mesa e vou até a porta, abrindo-a para que ela me deixe sozinho novamente. *Mel* parece resignada quando vem até mim, mas algo em seu olhar muda assim que para à minha frente.

— Estou disposta a fazer qualquer coisa para que meu filho passe de ano, diretor. *Qualquer coisa* — ela enfatiza a última frase, que sai em apenas um sussurro, e coloca ambas as mãos no meu peito.

O pequeno contato é suficiente para que algo desperte em mim, fora que os olhos verdes me implorando por algo tão ilícito também deixam tudo ainda mais excitante. Mas eu preciso me manter firme em minhas decisões.

— Você não está entendendo, *Mel*. Não somos esse tipo de escola. — Meu tom é sério quando a encaro. Porém, ao descer meu olhar para onde

suas mãos encontram meu corpo e notar que ali tem uma grossa aliança dourada, preciso respirar fundo duas vezes para não ceder à tentação.

Mulheres casadas sempre me excitaram. Ter o que é de outra pessoa, mesmo que seja por apenas alguns momentos, faz com que eu me sinta diferente. Minha ereção começa a incomodar dentro da calça e eu preciso me controlar.

— É o senhor que não está entendendo, diretor Ferraz. Eu estou disposta a tudo para que meu filho não perca a bolsa. — Ela dá mais um passo à frente, encurtando ainda mais a distância entre nós.

— Tudo? — pergunto baixinho.

— Tudo — ela garante.

— Mas você é casada. — Meus lábios sobem com o pequeno sorriso que começa a se formar.

— O senhor também — *Mel* rebate, olhando para a minha mão, que agora cobre a dela.

— Situações diferentes. Minha esposa sabe que gosto de ficar com outras e aceita esse meu fetiche — confesso e ela sorri.

— Sua esposa deve ser uma mulher e tanto.

Não consigo conter minha risada.

— Ah, com certeza. Mas não quero falar dela agora, *Mel*. Quero falar de você e de tudo que pode fazer para garantir a permanência do seu filho na escola.

Vejo seu peito subir e descer mais rapidamente, o que deixa claro que ela também não é imune ao que está acontecendo aqui.

— Qual seu preço, diretor Ferraz? Eu pago o que for... — ela sussurra

tão perto do meu rosto que posso sentir seu hálito quente me convidando.

Antes que eu consiga pensar nas consequências dos meus atos, empurro-a contra a porta, fazendo com que suas costas batam na madeira. Em seguida, beijo-a com força, sentindo seu gosto pela *primeira vez*.

Mel geme com o contato inesperado e suas mãos envolvem meu pescoço. Aperto sua cintura, puxando seu corpo e fazendo com que ela sinta o efeito que esse beijo tem em mim. Desço pelo seu pescoço e ela joga a cabeça para trás, enlaçando meus cabelos com seus dedos e me mantendo firme no lugar.

— Meu marido não pode saber o que estamos fazendo, diretor. Ele é um homem muito ciumento — *Mel* fala. — Isso tem que ficar apenas entre nós.

Dessa vez, não resisto e sugo seu pescoço. Quero que o tal marido saiba exatamente o que a safada da sua esposa estava fazendo comigo.

Minhas mãos sobem para seus seios, que os preenchem com perfeição. Sinto os bicos arrebitados pelo material fino da blusa, fazendo com que minhas suspeitas de que ela não está usando sutiã sejam confirmadas.

Mel geme alto, esfregando seu corpo contra mim.

— Você disse que faria qualquer coisa — digo contra seu pescoço.

— Sim, sim — ela ofega. — Qualquer coisa.

Abro um sorriso.

— Então, quero que você me chupe até que eu fique à beira de um orgasmo. Depois, vou te levar até minha mesa e te foder com tanta força que você nunca mais vai conseguir gozar com seu marido — sussurro, abocanhando um de seus peitos por cima da blusa.

Vejo seus olhos brilharem com a minha promessa e *Mel* me oferece um risinho malicioso. Sem que eu precise dizer qualquer outra coisa, ela fica de joelhos à minha frente, parando bem onde quero que sua boca brinque.

Mel desabotoa minha calça e abre o zíper. Em seguida, abaixa minha cueca, liberando minha ereção grossa e rígida. Suas mãos pequenas a envolvem e eu arfo com o contato no instante que *Mel* começa a me masturbar. Quando sua língua toca a ponta do meu pau, sou obrigado a apoiar meus antebraços na porta.

Ela solta um murmúrio de apreciação e olha para cima, como se esperasse minha aprovação. Coloco uma mão em sua cabeça, emaranhando meus dedos em seus cabelos macios, e começo a guiá-la por minha extensão. *Mel* segue meu ritmo lento, saboreando cada centímetro do que tenho a oferecer. Ela suga na intensidade que gosto e aperta minha bunda enquanto seus lábios me devoram. Sua boca quente e úmida é o paraíso, e preciso me controlar para não gemer alto e chamar atenção dos seguranças.

Quando estou quase lá, ergo-a do chão e beijo sua boca, sentindo meu gosto em sua língua. Levanto-a pela bunda e carrego-a até minha mesa, chutando minhas calças e meus sapatos pelo caminho.

Mel se vira de costas para mim e, com apenas um movimento dos braços, joga todos os papéis que estavam ali no chão, liberando espaço para que possa se sentar sobre o tampo de madeira.

— Eu sempre quis fazer isso — ela confessa e me puxa pela gravata para mais um beijo sedento. Rio contra sua boca.

Transar em minha sala também era uma fantasia que ainda não tinha realizado, e fico feliz por *Mel* fazê-la se tornar realidade. Mas agora não quero pensar em nada. Estou com pressa, desesperado para estar dentro

dela.

Levanto sua saia e descubro que, além de não estar usando sutiã, ela também não está usando calcinha. *Mel* envolve minha cintura com as pernas e está tão molhada que deslizo para dentro dela com facilidade, sendo recebido por seu calor. Gememos ao mesmo tempo, sentindo o prazer que este contato é capaz de oferecer.

— Recoste-se na mesa, *Melinda*, e me deixa te fazer gozar — mando e ela obedece.

Apesar de estar com a roupa no lugar, posso ver cada uma de suas curvas delineadas. Entro fundo, fazendo com que ela dê um gritinho de surpresa e seus seios balancem.

Vou rápido, com força, impiedoso. Um entra e sai frenético, com o barulho dos nossos corpos se chocando sendo usado como melodia para o momento.

Mel está muito molhada e completamente entregue a cada uma de minhas estocadas. Eu não paro, não consigo parar. O prazer é tanto que me deixa tonto, e seus gemidos ainda deixam tudo mais gostoso.

Começo a estimular seu clitóris, já que não temos muito tempo antes que alguém possa perceber o que estamos fazendo aqui. E quando ela goza, se contraindo ao meu redor, sou obrigado a me juntar a ela, chamando seu nome e deixando que o prazer tome conta do meu corpo.

Nós nos entreolhamos ofegantes, comigo ainda dentro dela, e o sorriso que me escapa é involuntário.

— Eu estava precisando disso — confesso.

— Eu sei. E foi por isso que vim até aqui. — Ainda não entendo como essa mulher sempre sabe de tudo. — Mas agora que você está mais calmo,

precisamos voltar para o mundo real. Sua filha vai se casar em vinte e quatro horas e eu não tenho mais tempo a perder — ela diz, quebrando a mágica do momento.

Saio de dentro dela, que vem até mim e me abraça. Aquele abraço que ganho todos os dias e que me conforta, mesmo que a situação seja a mais complicada de todas.

— Eu te amo, Baby — digo, acariciando seu rosto e sorrindo para ela.

— Eu também te amo, Fred. Mas se você continuar entrando em pânico, eu juro que vou te deixar de fora do casamento.

7. *Jimi*

— Quando você vai conversar com a sua irmã? — pergunto no instante em que Mal sai do banheiro e se junta a mim na cama.

— Era ela quem deveria ter falado comigo que ia se casar, Jimi. Eu vim até aqui, não me peça mais do que isso.

Resolvo ficar calado e não insistir no assunto. No voo do Rio para cá, tentei conversar com Mal sobre esse relacionamento estranho que ela e a irmã insistem em manter. As duas até esboçaram uma reconciliação quando estávamos na fazenda da tia Sol, mas foi só voltarmos para a cidade que elas esqueceram de tudo e voltaram a ser a Bertha e a Malala de sempre.

Desde então, sempre que posso, faço questão de juntar as duas para que possamos passar um tempo juntos, o que resulta em uma discussão. Quando nos mudamos para o Rio, as coisas entre elas amenizaram. Na verdade, não amenizaram. Elas apenas fingem que a outra não existe e só se falam quando estão na mesma casa para o Natal ou aniversários.

O pior de tudo é que eu fico no meio. Como sempre.

— Vamos ver um filme? — sugiro, mudando de assunto.

Não quero ter problemas com a Mal agora. Tudo está tão bem entre nós, principalmente depois que passamos a morar juntos.

Quando eu consegui uma bolsa de mestrado em Engenharia da Computação no Rio, Mal pulou de alegria e disse que aquela era a chance perfeita. Ela nem hesitou e se juntou a mim na capital fluminense, onde se matriculou em aulas de samba e conheceu muita gente do mundo carnavalesco.

— Filme? Eu não quero ver um filme. Mas tenho uma ideia excelente do que podemos fazer agora — ela diz e eu sei muito bem aonde está querendo chegar.

— Não estou mais acostumado a dividir uma parede com nossos pais — confesso e beijo o topo da cabeça de Malala, que está deitada sobre mim, acariciando meu peito.

— A melhor coisa que fizemos foi nos mudarmos para o Rio. — Suas mãos descem por meu torso, encontrando caminho para dentro da minha calça. — Lá, temos toda a privacidade que precisamos.

Impeço-a antes que seja tarde demais. As coisas já estão muito confusas por aqui com o casamento relâmpago de Bertha e Cauê, tudo que eu não quero é fazer com que tio Alexandre se estresse ainda mais. Duvido que ele será paciente dessa vez.

— Se você me ama, por favor, mantenha essas mãozinhas lindas longe de mim. — Malala apenas ri com o meu comentário, sem acatar meu pedido.

Ela começa a morder meu peito e decido que já é suficiente. Dou um pulo da cama e ela protesta, mas não posso ficar aqui e ser refém de sua libido.

— Ah, qual é, Jimi? Todos já devem estar dormindo. — Ela se senta na cama, usando apenas uma camiseta rasgada, que deixa sua barriga à mostra, e um *microshort*.

— Não importa, Mal. Eu não vou aguentar ouvir seu pai bater na parede mais uma vez, pedindo para que eu pare de comer sua filha. Nunca mais vou esquecer aquele dia. *Nunca mais* — tento me justificar, mas nada é suficiente para aplacar as loucuras da minha namorad... Noiva. Mal é minha noiva.

A lembrança daquele dia volta com tudo. Foi há uns dois anos, mais ou menos. Tínhamos acabado de revelar para nossa família que estávamos namorando. Tia Baby permitiu que dormíssemos em sua casa, mas a ninfomaníaca que ocupa a cama não queria apenas dormir. Ela nunca quer apenas dormir.

Só que, em um determinado momento, as coisas acabaram saindo de controle. Mal não consegue ficar quietinha quando goza, o que fez com que eu passasse um dos momentos mais vergonhosos da minha vida.

“Se você continuar comendo minha filha dentro da minha casa, juro que amanhã você será um homem capado”, tio Alexandre gritou, batendo com força na parede.

Foi a primeira vez na vida que eu broxei. Como não broxar?! Até entendo que tem gente que acha isso excitante, mas eu não. Não tenho esses fetiches loucos. Amo transar com a minha namorada, fazê-la gozar é sempre maravilhoso... Agora, saber que nossos pais estão ouvindo o que fazemos, não. Isso não.

E agora a louca quer me colocar nessa situação de novo! Às vezes, acho que ela gosta mais do meu amigo lá embaixo do que de mim.

— Você está exagerando, Jimi. Sério, volta pra cama — ela pede com aquele olhar que me convence de quase tudo.

Só que eu não estou a fim de virar eunuco. Não mesmo. E do jeito que todos estão estressados com o casamento, duvido que peguem leve comigo.

— Eu vou dar uma volta — digo para ela.

— Aonde você vai? — Mal pergunta, espantada com a minha reação.

— Procurar a Bertha. Precisamos de uma despedida de solteira. — Dou de ombros.

Apesar de eu ter me mudado com Mal para o Rio de Janeiro, minha amizade com sua irmã gêmea não mudou muito. Continuamos conversando todos os dias e ela me conta muito do que tem acontecido em sua vida. Eu me orgulho em poder dizer que fui o primeiro a realmente saber do relacionamento dela com Cauê.

Os dois já tinham se envolvido brevemente há um tempo. “Foi apenas sexo sem compromisso”, ela disse. Porém, depois daquele carnaval, tudo entre eles mudou, e os dois decidiram tentar. E têm “tentado” por três anos. Eu tentei convencê-los a contar para as nossas famílias, mas Bertha sempre dizia que não, que preferia fazer tudo às escondidas...

Agora, quando “saíram do armário”, foi para se casarem. É claro que isso enlouqueceu a família. Se eu não soubesse há tanto tempo que eles estavam namorando, também teria enlouquecido. O que me incomoda mesmo é o fato de ela sequer ter me contado que iria se casar.

Visto a minha roupa e dou um beijo em Malala, que protesta, dizendo que eu deveria voltar para a cama.

— Eu quero gozar, Jimi... — ela choraminga. — E se você não me ajudar, vou ter que fazer tudo sozinha.

A cara de safada com que me olha é um teste para a minha sanidade. Malala sabe que eu amo vê-la se masturbar, apenas para me juntar a ela em algum momento.

— Ah, Mal... Não faz isso comigo, amor — peço, mas é em vão.

Ela desce o *short*, tira a camiseta e fica completamente nua à minha frente. Meus joelhos cedem, e eu preciso me segurar na cabeceira da cama para não cair.

Putaquepariu, Mal será sempre a mulher mais linda que eu já vi nesse

vida. E quando suas mãos começam a passear por seu corpo, apertando os mamilos que amo ter em minha boca, chego a salivar com a vontade que sinto de me juntar a ela e sentir seu gosto.

Mas eu sou um homem decidido. Ou, pelo menos, finjo que sou.

Ou era, até o momento em que ela decide descer as mãos até...

— Tchau, Mal. — Viro-me de costas e saio correndo, literalmente.

Bato a porta do quarto e continuo com passos apressados até conseguir sair do apartamento. Só consigo me acalmar quando estou no elevador.

Retiro meu celular do bolso e ligo para Bertha. Ela não atende da primeira vez, por isso, tento de novo. Quando já estou na rua e quase desistindo de falar com ela, ouço sua voz:

— Jimi? Aconteceu alguma coisa? — Bertha pergunta.

— Vamos tomar uma cerveja? — sugiro na mesma hora, sem responder à sua pergunta.

— Já é quase meia-noite.

— Eu sei, Bertha. Mas precisamos conversar, não acha?

Ela fica em silêncio por alguns segundos.

— Ok. Vou avisar ao porteiro para liberar sua subida. Te espero no terraço do prédio. Vou subir algumas latinhas e pedir pizza — ela diz e eu sorrio.

— Vou pegar um táxi. Chego aí em dez minutos.

Encerro a ligação e espero um carro amarelo aparecer. Quando eu o vejo, ergo o braço e o motorista encosta. Dito o endereço e seguimos até a casa de Bertha e Cauê.

A ideia do casamento também veio como uma grande surpresa para

mim. Eu sabia que eles estavam namorando sério, de forma exclusiva e com planos para o futuro. Mas daí a casar? Não... Alguma coisa aconteceu nesse meio tempo que fez com que Bertha apressasse as coisas.

Eu conheço minha amiga muito bem, e ela não é do tipo que faz coisas de forma impulsiva. Essa é Malala. Bertha planeja, faz listas de prós e contras, conversa comigo durante meses e depois toma uma decisão. Foi assim que ela chegou à conclusão de que não iria fazer mestrado agora e que estava na hora de encontrar um emprego, apesar do incentivo de tio Alexandre, que sempre sonhou em ter uma filha com doutorado, que nem ele.

Ou Bertha está escondendo alguma coisa de mim ou Cauê forçou a barra para que eles se casassem logo. E eu vou descobrir qual das duas opções é a verdadeira. E se Bertha estiver sendo pressionada a dizer *sim*, farei de tudo para impedir que minha amiga sele seu futuro dessa forma.



Eu odeio escadas. Adoro nadar e não me incomodo em fazer exercícios, mas eu odeio escadas. Também odeio o cara que construiu esse prédio e resolveu economizar e não colocar um elevador. Agora, tenho que subir cinco lances até chegar ao terraço. Péssima ideia.

Cauê mora neste prédio há uns anos, no primeiro andar, mas desde que começaram a namorar, Bertha tem passado grande parte de seu tempo aqui. E eu havia me esquecido desse pequeno detalhe quando concordei em me encontrar com ela no terraço.

Quando abro a porta de metal, estou ofegante. Parece que corri uma

maratona.

Odeio escadas.

— Até que enfim! — ela diz quando me vê.

— Desculpa, tava tendo blitz da polícia — explico o motivo do meu atraso.

— Relaxa. Pelo menos, a pizza já chegou. — Bertha aponta para a caixa aberta no chão, onde ela colocou uma toalha e algumas almofadas para nos sentarmos.

Vou até ela e tomo meu lugar ao seu lado. Bertha me oferece uma latinha e pega a sua. Brindamos em silêncio.

A cada minuto, tenho mais certeza de que algo está errado nessa história. Eu até tentei descobrir o que era por telefone, mas Bertha desviou do assunto e se fez de desentendida. Agora, cara a cara, quero ver se ela vai conseguir me esconder alguma coisa.

— Pode falar, Bertha — digo de uma vez e dou um gole na cerveja. Ela faz o mesmo, mas com uma careta.

Bertha não bebe, sempre disse que não gosta do sabor de cerveja. Só que, volta e meia, minha amiga aceita meu convite e acaba bebericando — 10ml. O resto fica quente e ela acaba abrindo uma latinha de refrigerante.

— Não tenho nada para falar, Jimi.

— E eu virei sócia do Justin Bieber. — Bertha não me encara. Seu olhar é fixo no anel da lata. — Sério, *Kira*... — chamo-a pelo apelido que apenas eu uso e ela finalmente me olha. — Se alguma coisa estiver acontecendo, eu preciso saber. Não vou te deixar cometer uma loucura sem tentar ajudar.

— Não é uma loucura, Kato! Eu amo o Cauê e...

— E isso nunca foi motivo para vocês se casarem antes — interrompo-a. — Você está grávida? — jogo a pergunta.

— Pelo amor de Deus! — É quase um grito. — Por que todo mundo pensa nisso? Será que eu não posso simplesmente me casar com um cara sem estar esperando um filho? O que tem de tão errado nisso? — Posso sentir em seu tom desesperado que ela não está grávida, mas ainda continuo desconfiado de que está me escondendo algo.

— Não há nada de errado em se casar com Cauê. Nada mesmo. O problema é você fazer isso de supetão, sem ter me contado.

— Eu não preciso pedir sua permissão, Jimi! — Ela está alterada, o que indica que estou chegando perto de fazê-la confessar.

— Permissão? Eu não disse que você tinha que pedir minha permissão. Porra, Bertha! A gente sempre contou tudo um pro outro. Você foi a primeira pessoa que soube da bolsa de mestrado no Rio. Antes mesmo da Malala! Será que eu não mereço a mesma cortesia?

Pronto, palavras ao vento. É claro que eu fiquei magoado — e muito — em descobrir que minha melhor amiga ia se casar através da Malala, que ficou sabendo pelos seus pais, que ligaram desesperados ontem, dizendo que precisávamos voltar para casa com urgência.

Na hora, eu fiquei em choque, pensando que deveria ter sido uma brincadeira de muito mal gosto. Mas quando Mal recebeu o *e-mail* de Mika com a confirmação das passagens, percebi que não era uma brincadeira, e que minha melhor amiga tinha me escondido algo tão importante quanto o fato de estar noiva.

Ela foi a primeira a saber que eu pediria Mal em casamento. Inclusive, me ajudou a planejar tudo. Eu estava nervoso e Bertha me acalmou.

Será que não mereço um pinga de sua consideração?

Dou um gole longo na cerveja e resolvo que já falei demais. As minhas cartas estão na mesa. Só faltam as dela...

Bertha se levanta da almofada e começa a caminhar de um lado para o outro, como se ficar parada fosse um sacrifício. Dá pra ver o estresse em sua expressão e me corrói por dentro saber que ela está passando por isso sozinha. Só que não há muito que eu possa fazer para ajudá-la — não se ela continuar escondendo de mim o real motivo para estar se casando com Cauê.

Quando percebo que ela não vai me contar, resolvo que está na hora de parar de insistir.

— Foda-se. Vou embora daqui. — Levanto-me do chão, ignorando a pizza intacta, apesar de estar morrendo de fome, e sigo em direção à porta.

— Jimi, volta aqui — Bertha pede em um sussurro e eu me viro para ela.

Seus olhos estão cheios de lágrimas e suas mãos tremem.

— O que está acontecendo, Kira? — tento mais uma vez. A última, prometo para mim mesmo.

— Eu e Cauê já estamos casados. Há um ano.

Suas palavras me fazem entrar em choque.

— Como assim?! — Meu tom é mais alto.

— Ano passado... quando fomos a Las Vegas — ela diz, se referindo a uma viagem que fizemos com todos os nossos primos. — Eu e Cauê ficamos bêbados e acabamos nos casando. Não queríamos dizer nada pra ninguém, com medo de tudo dar errado. Mas deu certo... e estamos prontos para assumir para o mundo que somos um casal de verdade.

Eu preciso me sentar. Não consigo acreditar no que acabei de ouvir.

Bertha se junta a mim no chão, parando logo à minha frente.

— Eu... Eu... — hesito, sem saber o que dizer.

— Pois é.

— E por que falaram tudo agora? Por que se casar em três dias se vocês já são casados? — busco alguma explicação racional.

— Cauê conseguiu uma bolsa para fazer residência em Neuropediatria na Espanha., mas ainda não contou a ninguém. Ele precisa dar entrada nos papéis semana que vem. Se ele for casado comigo, posso ir junto.

— Mas vocês já são casados! — Resolvo não focar no fato de minha melhor amiga ter mentido para mim durante um ano. Não quero entrar nessa briga agora.

— Mas a nossa família não sabe — ela diz. — Conseguimos um amigo de Cauê para oficializar a cerimônia. Os papéis que vamos assinar não são os verdadeiros. É só pra todos acharem que são. — Bertha enfia o rosto nas mãos e começa a chorar. — Tudo saiu do controle. — Sua voz sai abafada, mas consigo entender cada palavra. — A gente só queria tentar... Se eu contasse para minha mãe que tinha me casado sem seu conhecimento, ela provavelmente me odiaria para sempre!

Respiro fundo, completamente confuso, mas resolvo que esta não é a hora de julgar, e sim de ser o melhor amigo que sempre fui. Vou para o seu lado e a envolvo em um abraço. Bertha continua chorando, mas agora contra o meu peito enquanto tento acalmá-la.

Ainda tem muita coisa que preciso entender. Só que, por enquanto, deixo-a chorar à vontade. Enquanto ela se debulha em lágrimas, pego uma fatia de pizza. Ficar com fome não vai me ajudar a ter ideias de como fazer

com que ela saia dessa situação complicada.

8. *Malala*

Nem vi a hora que Jimi voltou para cama. Depois que ele resolveu me deixar na mão — literalmente — e que tive que resolver meu problema sozinha, caí no sono. Estava exausta. Havia ensaiado o dia inteiro e tive que fazer as malas correndo, fora que o motivo que me traz para casa não é nem um pouco agradável.

Fico pensando até quando a Bertha vai continuar tentando competir comigo. Arranjar um casamento de última hora é passar totalmente dos limites. Ainda mais se ela realmente não está grávida. Não podia planejar e organizar como a mamãe tanto nos ensinou, com tempo? Claro que não! Ela precisava chamar atenção e, como consequência, agora eu fico sem sexo — já que Jimi se recusa a transar na casa do meus pais. Além disso, tenho que aguentá-los com os nervos à flor da pele e um almoço de domingo com toda família, sem o preparo psicológico de cinco dias que o momento exige.

Depois que Jimi e eu fomos morar no Rio, passar um tempo com a família passou a ser agradável, porque todas as vezes que a gente vem é uma festa, todos nos mimam e não tem encheção de saco. Somos visitas. Mesmo assim, passo cinco dias meditando e me preparando pra encontrar todos. E quando voltamos para o nosso apartamento, eu até sinto saudades.

O problema é que agora estamos aqui por uma emergência, segundo a minha mãe, que nada mais é que outro *show* da sua outra filha. Não que tenha sido surpresa Bertha e Cauê estarem juntos. A gente sempre soube, inclusive ajudou eles a se esconderem de todos algumas vezes. Eu ajudei por causa do Cauê, mas mesmo que não fosse por ele, eu teria sido obrigada pelo meu noivo a ajudar minha irmã. Tudo bem, confesso que eu gosto da amizade

deles. Bertha escuta todos os papos chatos profissionais de Jimi e me deixa com as melhores partes: o sexo, a parceria e o amor.

Nunca pensei que um dia diria isso, mas Jimi é como o tio Henrique na vida da minha dinda. Ele chegou, me conquistou e não consigo pensar em fazer nada sem ser com ele. Nem sempre é fácil. A gente já brigou muito — e teve umas brigas em relação as roupas que eu não usava em um desfile que foi foda —, mas fomos nos entendendo, aparando as arestas e quando Jimi me pediu em casamento, perdendo toda a sua vergonha na frente de todo mundo em um ensaio da escola de samba, eu tive certeza: ele é o tio Henrique da minha vida.

— Mal — ele abre a porta do quarto e não entra —, tio Alexandre disse que era pra te chamar. Não podemos nos atrasar pro almoço.

— Tá bom, amor. — Espreguiço-me na cama, deixando o lençol escorregar para os pés, mostrando que estou completamente nua. — Acho que vou só tomar um banho antes. — Minha mão desliza do meu pescoço até o meio das minhas pernas, passando devagar por meus seios. — Quer vir junto?

Jimi engole em seco. Seu pomo-de-adão sobe e desce. Ele abre um pouco mais a porta do quarto e dá um passo para entrar.

— Mal — ele para de caminhar —, vou voltar para a sala e continuar a minha conversa com seu pai sobre a importância das eleições escolares.

Começo a rir antes mesmo que Jimi feche a porta. Esse ar puritano de eterno virgem dele é uma das coisas que eu mais amo. Ao contrário de mim, sambando seminua em uma avenida. Parece que somos feitos de contrastes — o da cor das nossas peles suadas quando transamos é o que mais me excita — perfeitos.

Levanto-me da cama contrariada, tomo um banho rápido e visto um

short e uma regata. O almoço será na casa da tia Mika e quero ver se aproveito o tempo obrigatório de presença na piscina. Separo e coloco na bolsa um biquíni, a sunga do Jimi e protetor solar, e faço uma oração silenciosa pedindo paciência para o dia.

Assim que chego na sala, vejo papai conversando animado com Jimi. Meu noivo parece realmente não se importar de ouvir todos os discursos do diretor Alexandre sobre educação e política. Não que eu não concorde com tudo que ele diz ou faz na sua escola; ao contrário, tenho o maior orgulho do meu pai, mas esse discurso eu já ouvi muitas vezes.

Mamãe está sentada ao lado de papai e parece tão calma que até estranho.

— Bom dia.

— Bom dia, minha filha. Dormiu bem?

Olho para meu pai sorridente e para Jimi que, ao perceber a minha intenção, retesa todo o corpo. Tenho vontade de rir.

— Demorei um pouco a dormir, estava meio... faminta. — Olho para Jimi mais uma vez. — Mas depois que me saciei, dormi como uma pedra.

— Você deve estar próximo de menstruar. — Mamãe com suas rotinas mega organizadas informa a todos. — Isso acontece sempre comigo dois dias antes.

— Deve ser. — Dou de ombros. — Se bem que estou sempre faminta... — encaro Jimi e dessa vez lambo os lábios.

— Malala! — Mamãe chama a minha atenção e começa a rir vendo o jeito que Jimi se contorce no sofá. Não sei o que aconteceu com minha mãe, mas gosto dessa nova Dona Baby. — Acho melhor irmos, fiquei de ajudar a Mika a organizar as louças pro almoço.

— Eu ainda não entendi — papai fala, levantando-se. — Esse almoço é tipo um noivado a jato?

— Isso, Alexandre! Já te falei mil vezes que se eles vão casar, precisam ficar noivos e...

— Nunca vi um noivado tão curto na vida. — Começo a rir. — E que vai acabar em casamento! — Dou mais gargalhada. — É a cara da Bertha chamar atenção desse jeito.

— Malala! — Dessa vez é papai que bronqueia comigo.

— Pela primeira vez, eu tenho que concordar com a Malala, amor — mamãe diz enquanto tranca a porta do apartamento.

— Uau! — brinco. — Então, finalmente, você percebeu o que sua outra filha faz? — Olho para ela com surpresa.

— Não isso, Malala. Mas que é o noivado mais curto que acaba em casamento — ela ri e entramos no elevador.

Cadê a minha mãe? Estou começando a achar que ou ela foi abduzida ou está sob o efeito de drogas pesadas. Papai também acaba rindo, só Jimi continua sério.

— Nem teve noivado — Jimi resmunga baixo, deixando o pensamento escapar quando as portas do elevador se abrem na garagem. Por sorte, papai e mamãe não ouvem.

— O quê? — pergunto baixinho enquanto caminhamos até o carro.

— Ah, Mal... Você tem que conversar com a sua irmã.



— Vocês o quê? — pergunto depois de ouvir a mesma explicação pela quinta vez da boca de Cauê.

— Mal — Jimi levanta da espreguiçadeira que estamos sentados há quinze minutos —, você já ouviu a mesma história cinco vezes!

Primeiro Bertha me contou. Depois Cauê. Aí Jimi tentou uma versão resumida, Bertha mais uma vez e agora Cauê, e não sei por que não consigo conectar as palavras Vegas, casamento, um ano, bolsa de estudos.

Um ano! Quem mantém um casamento escondido por um ano? Minha irmã só pode ser mais doida do que imaginei.

— E vocês acharam melhor inventar um casamento correndo ao invés de contar a verdade? — Dessa vez, sou eu que levanto da espreguiçadeira — Eu nunca imaginei isso... Nunca imaginei que eu estaria te dando um sermão, Bertha, mas você tem merda na cabeça? — Caminho de um lado para outro na frente dela. — A gente tem que contar a verdade para mamãe.

— Não! — Bertha implora. — Malala, por favor! Não!

Ela e Cauê começam a falar sem parar, de como estavam bem e felizes e o tempo foi passando e ficando mais difícil contar e agora eles precisam ir embora juntos e...

Minha cabeça começa a ferver. Desde pequena eu sempre fui a filha que fazia tudo errado e Bertha, a certinha. A vontade de esfregar na cara da minha mãe que a filha perfeita dela na verdade só faz merda é muito grande. Ao mesmo tempo, lembro-me do quanto foi complicado assumir o namoro com Jimi e como todos se meteram — dos meus pais às mães dele e passando pela dinda e pela tia Sol. Então, por um segundo, consigo entender minha irmã.

— Tudo bem — digo, me sentando novamente ao lado de Jimi que sentou-se quando levantei. — Vou ajudar vocês.

— Obrigada. — Bertha pula de sua espreguiçadeira e me dá um abraço apertado.

É gostoso. Acho que nunca havíamos nos abraçado assim. Só me lembro das vezes que fomos obrigadas por nossos pais por alguma briga. Sorrio. Cauê então começa a falar dos planos pra Espanha, de como estão empolgados, mas da preocupação de não magoar os nossos pais. Por isso, além de não contar sobre o casamento, ainda não falaram da viagem. Ouço o que ele fala, mas não presto atenção — não consigo, a única coisa que passa pela minha cabeça é por que eu e minha irmã nos odiamos.

— Você está feliz? — pergunto para ela, interrompendo a narração de Cauê sobre sua pesquisa e as tecnologias da faculdade espanhola em que ele irá estudar. — Feliz mesmo? Porque eu estou muito feliz e quero que você também seja tão feliz quanto eu. — Dou a mão para Jimi e enlaço nossos dedos.

— Eu estou feliz, Malala. — Bertha me encara e sorri. — Muito! Quer dizer... estaria mais se não fosse toda essa confusão, mas isso vai passar. — Ela olha pra Cauê e ele sorri. — Obrigada por perguntar. — Ela se vira para mim novamente.

Ficamos sorrindo uma para outra. Jimi puxa um outro assunto com Cauê que também não presto atenção. Parece que entendo agora a tal conexão de gêmeos. Porque parece que eu e minha irmã não precisamos mais falar nada, apenas nos olhar para nos entendermos. Enquanto nossos amigos, primos, amores conversam, a gente apenas se olha e sorri, pela primeira vez, como irmãs.

Valentina, Taís e Iago vêm caminhando, rindo, em nossa direção.

Valentina carrega duas garrafas nas mãos e Iago, alguns copos. O namorado de Taís vem logo atrás, carregando Fernando nos ombros.

— Então, teremos mais um casamento em família? — Valentina diz, rindo. — Vocês são as gêmeas mais incestuosas que eu conheço. — Ela dá uma risada.

— Nós não somos primos! — protesto.

Todo mundo ri.

— Então, novinha — Taís pergunta para Bertha —, já resolveu quem vai ser sua madrinha?

— Eu, é claro! — Dou um pulo da espreguiçadeira, passando a mão em umas das garrafas de tequila que Valentina segura.

— Na verdade — Bertha diz, levantando-se também —, eu queria fazer esse convite oficialmente. — Ela se vira para mim. — Desculpa, Mal. — Então, vira-se para Jimi. — Aceita ser minha madrinha?

9. *Bertha*

Jimi olha para os dois lados. Talvez ele não tenha entendido direito meu convite.

— E aí, Kato, aceita ser minha madrinha? — pergunto mais uma vez.

Ele não responde, apenas me encara por algum tempo. Vejo seu pomode-adão subir e descer algumas vezes, como se ele tivesse engolindo as palavras em vez de permitir que elas saiam. Fico tensa.

Todos estavam rindo com meu convite até então, mas o silêncio de Jimi fez com que também se calassem. Quando ele se levanta, um raio de esperança me toma. Não sei se serei capaz de caminhar na frente da minha família se Jimi não me der seu apoio.

— Preciso sair daqui... — ele diz, sem me dar uma resposta e me fazendo ter certeza de que eu o magoei muito mais do que imaginei.

Jimi se vira de costas e começa a caminhar de volta para casa, seus passos tão acelerados quanto as batidas do meu coração. As lágrimas enchem meus olhos e eu começo a tremer.

Começo a segui-lo, mas Mal me interrompe:

— Deixa que eu vou — ela diz.

— Não! — Cauê entra na conversa. — Vocês duas fiquem aqui. Eu falo com ele. — Meu marido me dá um beijo na testa e segue Jimi.

Vejo os dois se afastarem de mim e me desato a chorar. A tristeza toma conta do meu corpo, me obrigando a me sentar em uma das espreguiçadeiras em torno da piscina.

— Vai ficar tudo bem, Bertha — Taís diz, afagando minhas costas.

— É, você vai ver. Jimi vai usar um vestido lindo quando caminhar até o altar — Iago comenta atrás de mim, fazendo com que todos riam.

Mas não é engraçado.

Eu já passei por muita coisa nessa vida, mas nenhuma delas foi sem meu melhor amigo. Jimi e eu sempre fomos inseparáveis. É com ele que eu converso todas as vezes que preciso tomar alguma decisão importante. Ou até mesmo decisões simples, como ir a um restaurante que acabou de abrir na cidade, apesar de a comida parecer bastante suspeita e os riscos de intoxicação alimentar serem enormes.

Não importa. Jimi sempre esteve ali, ao meu lado, segurando a minha mão quando o mundo inteiro parecia estar de costas para mim.

— Vem, vou te levar lá pra dentro — Mal diz baixinho, envolvendo meus ombros e me ajudando a levantar. — Você precisa tomar um banho e descansar. Eu te ajudo.

Eu não sei o que a levou a mudar de postura, mas aceito de bom grado sua oferta. Não sei se posso ficar sozinha agora sem acabar criando um milhão de hipóteses na minha mente a respeito do que pode acontecer com o meu relacionamento com Jimi.

Aceito que esteja chateado, já que escondi por tanto tempo o fato de estar casada, mas jamais aceitarei se ele quiser cortar laços comigo.

Neste momento, sinto-me como se fosse uma criança de nove anos que brigou com o melhor amigo. Só espero que a duração dessa briga seja tão breve quanto daquelas que acontecem quando temos nove anos.

Mal passa comigo pela cozinha e posso sentir os olhares de nossos pais sobre mim. Ela cochicha alguma coisa, mas não entendo o que diz. Então, apenas continuo caminhando até chegarmos ao corredor onde ficam os

quartos de hóspedes.

Malala abre uma porta e a luz acende automaticamente. Vou direto para a cama e me atiro lá. Assim que tenho um travesseiro sob meu rosto, o choro ganha uma proporção quase incontrolável.

Eu não consigo me lembrar qual a última vez que chorei tanto. Talvez quando minha mãe deu para Malala a boneca que eu queria quando tinha nove anos, e eu acabei ganhando um *kit* de ciências. A culpa não foi dela, eu não tinha dito o que eu queria ganhar de Natal. Só que ver minha irmã segurando o brinquedo que eu tinha sonhado por tantos meses me magoou muito.

Só de trazer essa memória à tona, meu choro aumenta ainda mais. Estou soluçando, tremendo, e nem as tentativas de minha irmã de me acalmar são suficientes para que as lágrimas parem de molhar a fronha.

— Nada disso era para acontecer — confesso com a voz cortada e abafada. — Era pra gente ter se separado há onze meses.

— Do que você está falando, Bertha? — Mal pergunta, tentando afastar meu rosto do travesseiro. — Vamos fazer o seguinte — ela volta a falar —, eu vou lá na cozinha pegar um copo d'água. Quando eu voltar, você vai me explicar tudo nos mínimos detalhes e eu vou te ajudar a resolver o que quer que seja que tenha te deixado à beira de um colapso nervoso.

Não respondo. Mas quando escuto a porta do quarto se fechar, resolvo tentar criar forças para me sentar. Minha respiração está acelerada, meu nariz está escorrendo e tudo que eu queria era que Jimi estivesse aqui com um de seus pacotes de Sucrilhos...

Só que não é Jimi quem está me oferecendo ajuda agora, e sim Malala. Nunca nos demos tão bem assim. Mal é chata, quer sempre chamar atenção, é escandalosa e não assume que está errada. Conviver com ela minha vida

inteira foi um saco, sempre tentando arrumar um tempinho a sós com meus pais, sem nunca conseguir.

A cada vez que eu pedia alguma coisa, Mal ia lá e fazia alguma besteira. Não preciso ser psicóloga para saber que ela queria toda a atenção deles para si mesma. Por isso, em vez de se comportar como uma pessoa normal, ela dava um jeito de destruir alguma coisa ou arrumar um namorado novo ou ficar em recuperação na escola.

Mal nunca foi burra. Muito pelo contrário: é uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Mas, para ela, era sempre mais importante estar no centro das atenções do que fazer as coisas direito.

Até Jimi ele teve que roubar de mim. Meu melhor amigo!

Fora que ela também já se interessou por Cauê, meu marido.

Malala pode ter essa carinha de rebelde incompreendida, mas, no fundo, ela não é a *miss* independência que todo mundo acredita. O que ela quer mesmo é chamar atenção. Qual outro motivo ela teria para querer desfilar pelada em uma escola de samba?

Nada contra quem faz isso, mas eu conheço minha irmã. Não é o amor pelo samba que a move, e sim a necessidade de ser o centro do universo dos meus pais.

Enquanto eu tento seguir as regras, Malala as quebra. Enquanto eu me mantenho afastada de problemas, ela corre atrás deles. Enquanto eu tento fazer tudo aquilo que meus pais pedem, ela dá um jeito de ser exatamente o oposto.

Ela me chamava de filhote de Einstein com pastora evangélica, só porque eu não gosto de me exhibir por aí. Se ela gosta, o problema é dela! Quem Malala pensa que é para me julgar dessa forma e ainda tentar fazer de

mim a vilã da história?

Mas, acima de tudo, por que ela está tentando me ajudar agora?

Eu até tentei acertar as coisas com ela quando Jimi avisou que eles estavam juntos de verdade. Hoje, consigo ver que ela ama realmente o meu melhor amigo, mas eu duvido que as coisas entre eles tenham começado por conta de uma simples atração.

Mal sempre quis se meter nas nossas vidas. Ela inventava rumores de que estávamos namorando escondido e até mesmo reclamava porque não queríamos dar carona pra ela. Será que a louca não se lembra de todas as vezes que me disse “eu não preciso de favores de você, Bertha”? Aí depois vem me culpar...

A porta do quarto se abre e ela entra, trazendo um copo de água. Mal me oferece o líquido e eu o bebo de uma só vez, agora um pouco mais calma. Ou talvez o meu choro tenha se transformado em dúvidas.

Sempre que Mal e eu tentamos conversar, acabamos brigando. Eu sei que hoje não será diferente. Podemos até ter nos abraçado lá fora, mas logo, logo alguma coisa acontece e faz com que tudo volte ao normal. Eu já desisti.

— Podemos conversar agora? — ela pergunta, me oferecendo um pequeno sorriso.

— Sim, claro. — Sorrio de volta, mesmo que toda a felicidade que sinto por estar prestes a assumir meu casamento com o homem que amo fique escondida por trás do medo de perder meu melhor amigo e pela desconfiança que sinto de minha irmã gêmea. — Por que você está aqui, Mal? — jogo a pergunta que estava entalada.

— Ué?! Você vai se casar e...

— Não. Não estou falando da cidade. Estou falando aqui, neste quarto.

Malala puxa o ar de uma vez e o solta de forma sonora. Dá pra ver que sua frustração combina muito bem com a minha.

— Eu não consigo ver você chorar e ficar sem fazer nada, Bertha — ela confessa e eu me seguro para não soltar uma risada debochada.

— Até parece, Mal... Eu te conheço. — Levanto-me da cama e vou até o banheiro da suíte lavar meu rosto.

Nada vai fazer com que meus olhos deixem de ficar inchados, pelo menos não agora.

— O que você quer dizer com isso? — Malala questiona, seu tom acusador.

Continuo o que estava fazendo e não a respondo de imediato. Só quando meu rosto já está seco é que eu me viro para ela.

— Olha, eu sei que você não está feliz por mim, muito menos que está feliz por ter que largar tudo no Rio e vir para o meu casamento. Não precisa dessa tentativa de se mostrar a irmãzinha protetora. — Jogo a toalha em cima da pia e volto para o quarto.

— Você é uma ridícula mesmo, Bertha. Eu não acredito que achei que as coisas entre nós poderiam ser normais um dia! — Mal está quase gritando.

— Eu não sou ridícula, Malala. Só estou falando uma verdade que talvez você não tenha coragem de admitir. Eu sei que você não está nem aí pra minha felicidade e que tudo que você quer é me ver bem longe. De Jimi, inclusive. — Minhas palavras podem ser duras, mas refletem exatamente o que eu penso, mesmo quando ela faz cara de espanto. — Parabéns, irmãzinha, você conseguiu. Jimi está puto comigo e eu vou pra Espanha. Você vai ficar livre de mim.

— Para de se fazer de vítima, Bertha! — Ela para na minha frente e me

encara. Somos idênticas. Cabelos, olhos, peles, alturas... Tudo em nós é exatamente igual, menos o que acontece dentro de nossas cabeças.

— Não é vitimismo, Malala. É apenas a verdade. Me dá isso de presente de casamento e admite que você nunca gostou de mim e sempre quis ter os nossos pais só pra você — desafio, mas ela começa a rir.

— Olha só, se o Jimi está puto com você, a culpa é toda sua. Foi você quem escondeu dele o fato de estar casada com Cauê durante um ano. Não tente me culpar por seus erros.

É como se fosse um soco no estômago. Por mais que eu odeie admitir, Malala está certa. A culpa de Jimi não querer falar comigo agora é toda minha. Mesmo que eu tenha tentado remediar a situação, chamando-o para ser minha madrinha de casamento — o que agora parece ser uma ideia estúpida —, sei que não é possível tapar o sol com a peneira. O estrago está feito, e não há nada que eu possa fazer para remediar a situação.

— Sabe, Mal, eu estou cansada. Muito cansada. Foi um ano intenso, maravilhoso, mas não consigo mais segurar tanta coisa dentro de mim.

— Então, não segure — ela diz, olhando fixamente nos meus olhos. — E comece por mim. Está na hora de sermos mulheres o suficiente para conversarmos sobre essa merda de relacionamento que temos.

Apenas faço que sim com a cabeça. Por um minuto, imagino que papai estaria orgulhoso de nós. Ele sempre disse que o diálogo é a única forma de resolver os problemas — e, por mais que eu evite conflitos a todo custo e prefira guardar os sentimentos em uma caixinha dentro de mim, tenho certeza de que não serei capaz de fazer isso por muito mais tempo.

Nesse momento, resolvo que não tenho mais como guardar essa mágoa que vem me consumindo há anos. Ao mesmo tempo, não sei como explicar algo que nem eu mesma consigo entender muito bem.

— Por que você me odeia tanto? — pergunto de uma vez.

— Quem disse que eu te odeio?! Eu odeio esse seu jeitinho de santinha do pau oco, mas não odeio você — ela se apressa em dizer.

— Santa do pau oco? É sério que você pensa isso de mim? — Cruzo os braços na frente do corpo.

— Ah, Bertha... Pode parar. Você usa essas roupinhas todas certinhas, se faz de boazinha, mas sei que não é metade disso por dentro.

— É claro que não! É claro que eu uso essas roupas para enganar os outros. Você acha que ser mulher no mercado tecnológico é fácil? As pessoas já não me levam a sério usando essas roupas de *nerd*, imagina se eu colocar um *short* curto que nem o seu! — Mal fica em silêncio e apenas me encara.
— Olha, ser mulher já garante a você um status inferior no mundo acadêmico. Ser bonita é sinônimo de ser burra e puta. Eu quero um futuro, Mal. Quero trabalhar em uma empresa, desenvolver *softwares* que vão ajudar o mundo! E se, para isso, eu precise me vestir assim, que seja!

— Eu nunca pensei que...

— Claro que não pensou. É mais fácil tirar as conclusões que se encaixam naquilo que você pensa a meu respeito. E depois ficou fácil continuar usando essas roupas, esse corte de cabelo... Não faz diferença para mim, Malala. — Dou de ombros. — Diferente do que você pensa, eu não quero ser a perfeitinha do papai e da mamãe.

— Mas você nunca fez nada de errado! Sempre tentou agradar e...

— Você já parou para pensar que talvez eu apenas seja mais calma do que você? Ou que eu realmente goste de estudar? Ou que sair e me embriagar não seja o que eu prefiro fazer no fim de semana? — Minhas perguntas são retóricas, mas sei que elas causam algum impacto em minha

irmã. — Eu prefiro jogar *videogame* com Jimi, comer pizza e ouvir *rock* no meu computador. Não estou me forçando a nada, muito menos usando isso como desculpa para que meus pais gostem mais de mim do que de você. Eu simplesmente sou assim. Se você fez todas as merdas para chamar atenção deles, o problema é seu. Não me culpe.

— Nada do que eu fiz foi pensando em competir com você, Bertha. Você não é o centro do meu universo — Malala grita e eu faço que sim com a cabeça. — Presta atenção, eu acho que a gente nunca conseguiu se entender porque sempre pensamos que tudo que a outra fazia era uma competição. — De novo, apenas assinto. — Você vai se casar... ou melhor, vai se casar de novo, e eu estou noiva e correndo atrás do meu sonho. Será que não está na hora da gente deixar isso tudo pra lá?

— Mais fácil falar do que fazer — comento baixinho.

— Porra, Bertha! Ajuda aqui, vai. Eu estou tentando, mais uma vez, fazer com que a gente se reconcilie. Não dificulte as coisas — ela pede em um tom quase desesperado.

Eu estou cansada, e dá pra ver que Malala também está. Por isso, balanço a cabeça.

— Eu prometo que não vou enxergar todas as suas atitudes como uma forma de me atingir. Você promete fazer o mesmo? — pergunto.

Talvez isso tudo seja apenas da boca pra fora, mas algo me diz que precisamos disso se quisermos seguir em frente com nossas vidas.

— Eu prometo. Você promete que não vai me julgar por cada merda que eu fizer?

— Eu não te jul...

— Quieta! — ela me interrompe. — Promete ou não?

— Prometo.

— Então, pelos poderes investidos a mim, eu nos declaro irmãs em trégua.

Não consigo deixar de rir. Malala vem até mim e me envolve em um abraço, que eu retribuo. Por alguns segundos ficamos assim, paradas, envolvidas uma na outra.

Eu queria muito ter uma irmã de verdade. Alguém que me protegesse, me apoiasse, me ajudasse quando preciso. Infelizmente, até hoje, não pudemos ser isso uma para a outra. Mas quem sabe daqui pra frente?

— Agora, podemos conversar sobre aquilo que você disse antes de eu ter ido buscar água? — Mal pergunta. Minha cara de desentendida diz a ela que tudo que aconteceu desde então me fez esquecer o que eu tinha dito. — Algo sobre onze meses — ela explica, fazendo com que eu tenha um estalo.

— Ah, sim. É bem simples, na verdade — comento.

— Está esperando o que para me contar? — Mal me puxa até a cama e nos sentamos de pernas cruzadas, uma de frente para a outra.

Quem visse essa cena diria que somos gêmeas normais, em vez de imaginar que passamos nossas vidas inteiras brigando, sem nunca ter certeza do que se passava na cabeça da outra.

— Bom... Eu e Cauê temos uma história longa e complexa. — Solto um risinho misturado com as palavras. — Só que eu nunca achei que ele fosse me levar a sério, sabe? Sei lá, sempre pensei que seria apenas mais uma de suas muitas conquistas — confesso.

— E elas eram muitas! — Mal me interrompe.

— MUITAS! — grito. — Meu Deus, aquele cara é mais rodado que um táxi.

Rimos ao mesmo tempo, sabendo exatamente o tipo de homem que meu marido é. Ou melhor, era.

— Tá, mas aí vocês se casaram — Mal diz.

— Aham. A gente estava ficando há um tempinho, mas não era nada sério. Eu nunca me permiti namorar com Cauê de verdade, porque sabia da enorme chance que tinha de tomar vários chifres. Por isso, não me permitia assumir que estava apaixonada por ele há anos.

— Aaaah, como vocês dois são fofos! — minha irmã brinca e eu a empurro pelo ombro.

— Para com isso. Você quer ou não saber da história?

— Claro que sim. Conta logo — ela pede, animada, enquanto dá pulinhos sentada na cama.

Nesse momento, é como se fôssemos apenas duas adolescentes conversando sobre meninos. O que não está muito longe da verdade.

— Pois bem. Ficamos bêbados um dia. Muito, muito bêbados. E ele disse que queria se casar comigo. Juro que pensei que Cauê estava brincando, por isso aceitei. Eu imaginava que a gente anularia tudo no dia seguinte, sabe? — pergunto e Malala faz que sim com a cabeça. — Só que, no dia seguinte, ele não queria anular. Disse que estava falando sério quando me pediu em casamento. Eu estava de ressaca, mas Cauê resolveu que aquela era a oportunidade perfeita para uma declaração de amor.

Eu me lembro cada palavra que ele me disse. Na época, eu queria guardá-las em um potinho para que eu jamais esquecesse do que elas foram capazes de despertar em mim. Ao mesmo tempo, imaginava que eram apenas algo do momento... Mas não eram.

— E os onze meses? — Mal quer saber.

— Eu fiz uma aposta comigo mesma que essa história de casamento duraria não mais de um mês. Tinha certeza de que ele se cansaria de mim e, eventualmente, acabaríamos nos separando. Foi por isso que eu não contei para ninguém e obriguei Cauê a fazer o mesmo. Usei as famílias e o seu relacionamento com Jimi como desculpa, sendo que, no fundo, eu estava apenas com medo de ele não me amar do jeito que havia dito.

Quando verbalizo as palavras, parece que uma bigorna — daquelas de desenhos animados — foi erguida dos meus ombros.

Como é bom falar a verdade...

Malala apenas me encara, e odeio pensar que talvez ela esteja sentindo pena de mim.

— Só que ele não mudou de ideia, né? — Faço que não com a cabeça.
— A oportunidade de residência apareceu e você achou que iriam se separar.

— Aham.

— Só que Cauê não quer se separar de você — ela conclui.

— Nem eu quero me separar dele, Mal. Eu o amo tanto, mas tanto, que nem sei como explicar — confesso e minha irmã me abraça.

— Se isso serve de consolo, eu também não seria capaz de deixar que Jimi fosse para longe de mim. E acho que você está fazendo a coisa certa — Malala sussurra em meu ouvido, seus braços ainda me envolvendo, e eu a aperto mais forte. — Vou te ajudar, Bertha. Fica tranquila que eu vou te ajudar.

Eu poderia duvidar de sua promessa, mas estou realmente cansada de duvidar de tudo que as pessoas me falam. Pela primeira vez na vida, acho que minha irmã merece um voto de confiança.

10. Cauê

A faculdade de Medicina me ensinou muitas coisas, mas a principal foi aprender a escutar; por isso, deixo Jimi falar por quarenta minutos sobre como está se sentindo em relação à melhor amiga — no caso a minha esposa — ter escondido nosso casamento dele por um ano. Entre as coisas que repete sem parar, a frase “você não entende” é a mais usada.

Eu aprendi a escutar meus pacientes, suas queixas, dores e sinais. Mas tudo tem limite e um homem de dois metros de altura resmungando sem parar sobre sentimentos é o meu.

— Você já parou para pensar por um minuto o que fez Bertha não contar pra ninguém? Porque sabe, Jimi, você fica dizendo que eu não entendo, mas eu conheço a minha mulher a ponto de saber a verdade. E você, conhece a sua amiga?

Ele para de se lamuriar e me encara. Não quero dizer para ele que a culpa é minha. Bertha nunca quis nos assumir, porque eu nunca fui capaz de deixá-la realmente segura e, por mais que eu me esforce, os problemas de confiança que ela tem em função da relação estranha com a irmã que, por sinal, é noiva dele — essa nossa suruba familiar é complicada —, continuam atrapalhando.

— Você não entende — ele repete pela milésima vez. — Eu conto tudo para a Bertha e...

— Contava, Jimi — respondo. — Agora você é noivo da Mal e mesmo que isso não tenha afetado a amizade de vocês...

— Eu sei — ele diz e abaixa a cabeça. — Mas por que ela não confiou em mim?

— Ela não confia em mim, Jimi! Acorda! — digo, irritado. — Toda a minha fama, mais os medos absurdos da Bertha de não ser amada... — Respiro fundo. — Ela nunca quis assumir para ninguém porque sempre achou que uma hora eu ia enjoar dela.

— Ah. — Jimi levanta a cabeça e me olha. — Mas você não enjoou.

— Não.

— E agora vai para a Espanha e quer que ela vá junto.

— Sim.

Jimi continua me olhando. De repente, sua expressão muda completamente e ele se levanta do sofá e caminha em minha direção.

— Cauê, eu desejo que vocês sejam muito felizes...

— Jimi! — Malala desce as escadas gritando e o interrompendo: — Jimi!

— Tô aqui, Mal. — Ele se vira para olhar a noiva que vem pela escada. Eu também a observo. Igual, mas totalmente diferente da mulher que eu amo.

— Jimi, é o seguinte — Mal coloca as mãos na cintura —, você precisa engolir a sua mágoa e ir conversar com a Bertha — ela ordena. — E nem ouse recusar o pedido da minha irmã de ser a sua madrinha! — O jeito como ela o encara é uma promessa silenciosa que faz com que Jimi retese o corpo inteiro.

Ele e eu encaramos Malala surpresos. Nós nos entreolhamos e viramos novamente para ela, ambos descrentes do que acaba de acontecer. Parece que milagres existem.

— Tudo bem — Jimi responde e dá um beijo em sua bochecha. — Vou conversar com a Bertha, mas antes... — Ele, então, se vira para mim novamente. — Como eu estava te dizendo, eu quero que vocês sejam muito

felizes, mas se você magoar a minha melhor amiga, eu juro que vai ser a última mulher que você vai magoar. — Sem esperar minha resposta, ele sai em direção às escadas.

Tenho vontade de rir da ameaça de Jimi. Ele pode ter dois metros de altura e ombros largos de nadador, mas eu não fico muito atrás com dez centímetros a menos e um corpo esculpido pela natureza — agradeço à genética do meu pai por isso. Além de tudo, tenho certeza de que meu primo nunca se meteu em uma briga, ao contrário de mim, que junto com o diploma de Medicina, recebi um certificado de honra ao mérito da turma por ter sido o cara que mais socou babacas.

— Eu jamais vou magoar a Bertha! Eu a amo! — grito enquanto ele vai subindo as escadas.

— Acho bom — ele responde.

— Eu também — Malala diz.

Tenho vontade de perguntar o que aconteceu com ela, mas resolvo não provocar a gêmea da minha esposa. Não sei as consequências que isso pode acarretar e, com todo clima tenso dessa família, desde que anunciamos a todos o casamento, o que menos precisamos é de outros dramas. A família Estrogenium já tem o bastante para duas gerações. Acho que até meus filhos já tiveram a cota de drama deles, sem nem terem sido fecundados.

Malala sai para o jardim e se junta às minhas irmãs na piscina. Mamãe e as amigas saíram logo depois do almoço, segundo elas, para resolverem coisas do casamento, mas por algum motivo — ou talvez por ter visto mamãe dedilhando em um teclado imaginário — desconfio que elas foram tocar.

Quando eu era criança, e ainda era o único filho e o único bebê delas, eu me lembro das reuniões em um lugar cinza, onde elas tocavam de vez em quando. Acho que eu nunca vi dona Sissi sorrindo daquela forma em

qualquer outro momento da vida e, às vezes, me pergunto se eu não tivesse acontecido, ela não sorriria daquele jeito sempre.

Papai, tio Alexandre — ou meu sogrinho, como agora o chamo carinhosamente, sem ele saber — e tio Henrique continuam à volta da churrasqueira, bebendo cerveja. Iago os acompanha, mais olhando para o celular que prestando atenção no que falam. Fico observando a todos, sentado no sofá da sala. Tento guardar na minha memória essa imagem. Esses dias serão cada vez mais raros quando nos mudarmos para Espanha.

Eu achei que quando falasse à Bertha sobre a bolsa de estudos, ela finalmente teria coragem de me deixar. Desde que começamos a ficar juntos, depois daquele carnaval na casa da tia Sol, eu sempre esperava o dia em que ela diria que tinha cansado de um cara gostoso e burro. Porque eu me achava inteligente até conhecer ela. Porra, eu passei na faculdade federal de Medicina da capital, isso não é pra qualquer um. Mas você já desenvolveu um algoritmo capaz de rastrear alguma coisa na internet? Pois é. A Bertha, já. E isso é coisa de gênio.

Quanto mais o tempo passava, mais eu me apaixonava por ela e mais o meu medo crescia. Eu nunca fui santo. Bem pelo contrário, a minha lista de conquistas amorosas e sexuais é bem extensa. Só que Bertha mexeu comigo desde a primeira vez que ficamos juntos, muito antes daquele carnaval. Aquele carnaval, na verdade, e o fato de Malala estar decidida a tirar a virgindade de Jimi, só serviram pra gente se reaproximar.

Mas todas as vezes que eu falava em a gente namorar, ela dizia que não. Que todo mundo ia se meter, que nossas famílias iam encher o saco e mais um monte de desculpas. Eu achava que era porque ela tinha dúvidas e não insistia.

Só quando fomos pra Las Vegas — em uma viagem com todos os

“primos” — e vi um cara dando em cima dela nas máquinas caça-níqueis é que me dei conta de que eu poderia perdê-la a qualquer momento. Aquilo doeu. Foi uma noite doida e intensa, porque o cara não só deu em cima da Bertha, como resolveu segurá-la pela cintura contra a sua vontade.

Eu voei em cima dele e só parei de socar quando Bertha gritou para eu correr dos seguranças — e foi o que fiz, segurei a mão dela e saímos correndo do cassino, pelas ruas de Vegas, por uns dois quarteirões, até que os seguranças desistiram.

Entramos em uma lanchonete para nos esconder e começamos a beber. Bertha nunca bebe, então, duas cervejas depois, ela já estava mais alegre do que o normal.

— Por que você bateu nele? — ela perguntou, séria.

— Porque ele tocou em você mesmo você dizendo *não*.

— Ah... — Ela abaixou os olhos e grudou-os na caneca de cerveja.

— O que foi, Bem? — chamei-a pelo apelido que dei a ela quando ainda era um bebê. Se eu soubesse que ela seria o maior bem da minha vida, não teria escolhido melhor.

— É por causa da sua amiga de faculdade, né? — Ela me olha. — Achei que tinha sido por ciúmes.

— E foi. — Respirei fundo. — Por ciúmes também. Eu nunca ameie ninguém, Bertha, só você e não consigo saber o que eu tenho que fazer para que você acredite.

— Eu acredito. — Ela deu mais um gole na sua cerveja e pediu mais uma para o garçom. Olhei incrédulo.

— Então por que a gente não assume para todo mundo?

— Ah, Cauê — ela desconversou e olhou ansiosa pro *barman* —, a

gente já falou sobre isso.

— Casa comigo — disse sem pensar, mas com convicção. — Casa comigo, Bertha. Agora. Aqui em Vegas.

— O quê?! — Ela colocou as mãos em frente à boca e arregalou os olhos.

— Bertha. — Levantei do banco em que estava e me ajoelhei em sua frente. — Eu não tenho um anel, mas eu te amo e quero que você tenha certeza disso. Casa comigo?

Pra minha surpresa, Bertha respondeu que sim. Nós saímos correndo até uma capela e nos casamos. Fim de história. Quer dizer, não foi o fim da história, porque quando voltamos para o quarto de hotel tivemos uma bela noite de núpcias com direito a descobrir um novo fetiche da minha esposa.

— Por que você está aí sozinho? — Taís pergunta, entrando na sala e me trazendo de volta à realidade.

— Estou esperando a conversa da Bertha e do Jimi terminar.

— Nós também — ela diz e dá de ombros.

— Por quê?

— Vamos fazer uma despedida de solteira pra Bertha. E, como Jimi é a madrinha, só sobrou você e Iago para a sua despedida. — Ela ri. — Mas ele já combinou tudo com o papai. Então, não precisa ficar chateado. — Ela ri mais ainda.

— Puta que pariu! — Coloco as duas mãos na cabeça. — Meu pai e o pai da minha mulher estarão na minha despedida de solteiro?

— Futura mulher — tio Alexandre diz, entrando na sala. — Qual é, Cauê? Não é tão ruim assim... Pensa que se fosse outro o pai da sua noiva era capaz de você nem estar vivo essa hora. — Ele pisca, mas engulo em

seco.

Ok! Pelo visto, a noite não vai acabar como imaginei... Então vou ter que dar um jeito de encontrar minha mulher — ou como toda a família pensa, futura — antes de ter que passar uma noite em algum inferninho com meu pai e os outros.

11. Bertha

Eu nunca pensei que teria uma despedida de solteira. Na verdade, nunca pensei que deixaria de ser solteira. E agora que sou uma mulher casada, tenho que fingir animação quando minhas primas, tias, mãe e melhor amigo resolvem que está na hora de eu assistir a um *show* de *strip*. Masculino, claro.

Não sei como, mas tia Mika reservou a área VIP do Clube das Mulheres. E cá estamos, tomando *drinks* com canudos em formato de pênis, enquanto homens sarados e com o corpo cheio de óleo rebolam no palco.

Apesar de sermos um grupo bem heterogêneo — tanto em idade quanto em preferência sexual —, todo mundo está se divertindo bastante. Menos Jimi, que tem os braços cruzados na frente do corpo enquanto analisa o chão da boate.

— Desculpa — digo, sentando-me ao seu lado.

Todas estão muito entretidas no espetáculo para prestarem atenção em nós dois.

— Porra, Kira! Eu não quero usar canudos de pinto. Também não quero ver esses fortões aí em cima se esfregando. E se eles chegarem perto da Mal, eu juro que...

— Calma, Jimi. Eles só chegam perto se a gente for até o palco, e eu duvido que minha irmã faça isso — tento justificar, mas o modo como Jimi me encara deixa claro que ele conhece sua noiva melhor do que ninguém. — Tá, ela pode até fazer isso, mas vou fazer de tudo para impedi-la, *ok*?

— Tudo bem. Se está na merda, abraça o capeta — ele diz, resignado.

— Ei, eu queria te agradecer. — Viro-me para ele, que me olha como se não tivesse entendendo o motivo dessa conversa. Antes que ele possa perguntar, explico: — Obrigada por ter aceitado ser minha madrinha, e me perdoe por ter escondido a verdade de você por tanto tempo — falo de uma vez.

Quando conversamos em casa e finalmente colocamos todas as cartas na mesa, tanto eu quanto Jimi acabamos combinando de que o passado ficaria para trás e que não iríamos mais tocar no assunto. Só que eu ainda não estou tranquila.

— Já te disse que tá tudo certo, Kira. Olha, vamos mudar de assunto que esse já ficou chato, tá bom? — Rio com seu pedido e o envolvo em um abraço. — Agora, se você me trazer mais uma vez para um lugar como este, não vai ter perdão. Será o fim de nossa amizade — Jimi brinca e dá um beijo no topo da minha cabeça.

— Prometo.

Antes que a gente possa falar mais alguma coisa, a música para e as luzes da boate se apagam, fazendo com que eu solte um gritinho de susto.

— Senhoras e senhores, hoje temos uma convidada especial. — A plateia aplaude enlouquecidamente e escuto as mulheres ao meu lado gritarem mais alto ainda. — Por favor, recebam com muito carinho a noiva da vez, Betha Ferraz!

Por um segundo, penso que pode ter havido um erro, mas quando o holofote para em mim e olho para o lado, vendo todas as mulheres que me trouxeram aqui pularem com o que acabaram de ouvir, sei que estou em maus lençóis.

— Kato... — Seguro a mão de Jimi, como se pedisse sua ajuda.

— Ah, Kira... A vingança é um prato que se come frio. — Ele pisca para mim, me deixando boquiaberta. Depois, coloca um arco em meus cabelos, com um véu que cobre o rosto.

Eu não acredito nisso!

Encaro meu amigo boquiaberta e ele apenas ri da minha desgraça.

Para minha surpresa, é minha mãe quem vem até mim e me ergue da cadeira. Ela e minhas tias começam a me empurrar em direção ao palco, sendo aplaudidas por minhas primas e Malala.

Com as pernas trêmulas e uma expressão de quem acabou de descobrir que o Jack, o estripador, é meu vizinho, subo os degraus da pequena escada. No palco, o mestre de cerimônias me espera, oferecendo sua mão. Eu a seguro e vou com ele até uma cadeira, que está posicionada bem ao centro de onde o espetáculo acontece.

Não. Não. Não.

Quero gritar que sou uma mulher casada e que não quero nenhum homem sarado se esfregando em mim. Eu tenho um em casa e ele me satisfaz perfeitamente, muito obrigada. Só que eu preciso ficar quieta, já que quase ninguém sabe da minha verdade.

Olho para Jimi e consigo entender o que sua frase sobre vingança significa.

Se eu tivesse contado sobre meu casamento com Cauê antes, não estaria nessa situação.

Mas que droga!

— Você é a Bertha? — o cara segurando o microfone pergunta.

— S-sim... — hesito em responder e ele abre um enorme sorriso.

— E você está prestes a se casar?

Não, eu já sou casada.

— Sim — respondo, mantendo meu segredo intacto.

— Então, que tal se despedir da vida de solteira em grande estilo?

Todos na plateia berram de animação e eu sinto vontade de chorar. Pelo menos até ver o homem que entra no palco.

Puta merda.

Cauê que me perdoe, mas... *puta merda!* O ar foge dos meus pulmões por um minuto e tudo que eu consigo pensar é em como alguém pode ter tantos gominhos assim. Melhor ainda é o sorriso safado em seu rosto quando vem até mim. Só. De. Sunga. E a protuberância ali é indiscutível.

Meu marido é grande, grosso e gostoso, mas puta merda! Esse cara é o sonho erótico de qualquer mulher heterossexual do planeta.

Faço força para desviar meu olhar dele e fito minhas companheiras da noite. Jimi está tentando tapar os olhos de Malala, que briga com ele para que remova as mãos de seu rosto. Tia Mika e tia Sissi — minha sogra — pulam enlouquecidas. Mamãe está boquiaberta também, como se nunca tivesse visto um homem tão gostoso na vida. Até minhas tias Sol, Sue e Be, que são lésbicas, não estão tão indiferentes assim à beleza máscula do *stripper*. Já Thaís e Valentina estão sem reação, sentadas à mesa, provavelmente sonhando em estar no meu lugar.

Viro-me para o homem, que agora está parado à minha frente, e ele pisca para mim.

Decido então que, por hoje, serei uma mulher solteira e me permito viver um momento que nunca sequer fantasiei na vida.

O *stripper*, ainda de pé, coloca uma perna de cada lado do meu corpo e

se abaixa, ficando na altura do meu rosto.

— Vai ser uma delícia dançar pra você, noivinha. — Ele me beija por cima do véu de renda que cobre minha face. É apenas um selinho de meio segundo, mas faz com que as mulheres vão à loucura.

Senhor amado... Em que eu fui me meter?



— Se vocês contarem o que aconteceu pro Cauê, juro que nunca mais verão a luz do dia — ameaço todas as mulheres na *limousine*.

Estamos voltando para casa, completamente bêbadas. Até Jimi parecer se divertido, talvez da minha desgraça.

— Ninguém vai falar nada, Bertha. Fica tranquila — Malala me assegura, mas eu ainda não estou satisfeita.

Escondo meu rosto nas mãos, me lembrando da cena que vivi uma hora atrás.

— É... — Valentina dá um tapinha nas minhas costas. — A gente sabe guardar segredo. Prometo que não vou contar pro meu irmão que você tirou a sunga do *stripper* com os dentes.

Todo mundo começa a rir, menos Jimi, que faz um som de quem está prestes a vomitar.

— Sério, Kira. Aquilo foi um pouco demais, não acha?

— Eu estava perdida no momento. A culpa é toda de vocês que colocaram aquele Adônis do meu lado!

A vontade que sinto é de chorar de tanta vergonha. Então, assim que o carro para à porta da casa de tia Mika, saio correndo para o meu quarto, ouvindo a risada alheia. Subo as escadas e corro para me esconder de todo mundo. Preciso tomar um banho e tirar o cheiro de óleo de amêndoas do meu corpo.

Tento pensar no que vou dizer para Cauê, mas me sinto aliviada quando percebo que ele ainda não chegou de sua despedida de solteiro.

No frenesi da minha festa, acabei me esquecendo da dele.

Será que ele também foi para um bar de *strip*? Será que uma loira peituda ficou se esfregando nele?

Eu sei que não deveria, mas o ciúme começa a me corroer. Via de mão única, dane-se. Só de pensar no meu marido sendo acariciado por uma estranha — do jeito que aconteceu comigo há pouco tempo —, meu sangue começa a ferver.

Tiro minha roupa e vou para debaixo do chuveiro. A água morna lava o óleo, mas não a culpa que sinto por ter me permitido ver um homem completamente nu à minha frente. E ele estava duro...

Ai, meu Deus! Eu comprei minha passagem de ida para o inferno. Sou a pior esposa do universo! E a culpa é toda da minha família disfuncional, que não entende o conceito de limites.

Quando já estou tirando o xampu pela segunda vez dos meus cabelos, a porta do banheiro se abre e Cauê aparece em meu campo de visão.

— Bem — ele usa o apelido que me deu quando eu ainda era pequena, e eu me derreto por dentro —, você voltou! Como foi sua noite? — Cauê pergunta. Tão inocente que sinto vontade de chorar.

Fico sem saber o que responder.

E agora, o que eu faço?

12. Cauê

Existe um motivo para que a ordem natural dos relacionamentos seja namoro, noivado e casamento. Cada fase tem suas permissões e restrições e, definitivamente, o fato de a despedida de solteiro ser antes do casamento, deve ser para que os homens não sintam a culpa que estou sentindo agora.

Fica meio complicado dizer *não* quando até teu sogro te incentiva a sentar em um palco com uma mulher usando apenas uma calcinha fio dental rebolando na sua frente. O auge da noite foi quando ela se sentou no meu colo, com os peitos me encarando e ficou quicando ao som de um *funk* que eu não faço a menor ideia do que dizia. Não dava pra prestar a atenção. Toda a minha energia estava concentrada em manter minhas mãos e boca longe da *stripper* gostosa, já que o meu amiguinho, mesmo eu dizendo a ele que não podia, ficou tão duro que na primeira sentada a mulher notou.

Isso deveria desanimá-la. Mas não foi exatamente o que aconteceu. Ele soltou um risinho e começou a quicar, mais forte. Puta que pariu! Não transar e evitar impulsos gasta muito mais energia que se eu tivesse passado a noite em uma maratona sexual.

Agora que voltamos pra casa da tia Mika, estou exausto. Penso no que vou dizer à Bertha. Eu não fiz nada de errado, não toquei na mulher e, confesso que apesar da bela bunda quicando no meu colo e dos seios fartos pulando no meu rosto, tudo que eu pensava era em como minha mulher se sentiria.

Assim que entramos, ouvimos as mulheres rindo na sala. Eu tinha esperanças de chegar antes da Bertha em casa, tomar um banho e pensar em como contar para ela, sem que isso virasse um problema, mas pelo que

observo assim que olho pela sala, minha esposa teve a mesma ideia que eu.

— Onde está a Bertha? — pergunto a ninguém em específico.

— Tomando um banho — Malala responde rindo no colo do Jimi que está com uma cara de poucos amigos.

— Vou lá falar com ela — digo.

— Não! — Taís grita. — Você não pode ir lá, Cauê. Agora só na hora do casamento.

Em coro, as outras mulheres concordam. Perco alguns minutos tentando convencer a todas que preciso falar com Bertha e, depois de muitos argumentos, consigo um passe de meia hora com minha esposa, ou futura, como a maioria das pessoas da sala pensa. Subo as escadas correndo. Meia hora é pouco tempo para resolver os dois problemas que tenho. O quarto está vazio e escuto o barulho do chuveiro. Tiro a camisa que visto — e está com cheiro de perfume barato — e os sapatos. Abro a porta do banheiro só de calça *jeans*.

— Bem, você voltou! Como foi sua noite? — pergunto.

Bertha está virada de costas. Estranho quando ela não se vira para me responder.

— Tudo bem — ela fala baixo.

— Tudo bem mesmo, amor? — a falta de contato visual também me causa estranheza. Ela não responde, apenas sacode a cabeça.

— Bertha — chamo mais uma vez, mas começo a ficar preocupado. — Olha para mim. — Relutante, Bertha se vira e me encara. Seu nariz está vermelho e, apesar da água do chuveiro que escorre em seu rosto, sou capaz de perceber que, misturadas a ela, gotas caem de seus olhos. — O que houve, Bem?

Minha mulher coloca as duas mãos em frente ao rosto e começa a chorar alto. Não sei o que aconteceu, mas a única coisa que passa pela minha cabeça é abraçá-la para que se acalme. Sem tirar a calça, abro a porta do boxe e me junto a ela embaixo da água corrente, abraçando-a e a abrigando em meu peito. Digo a ela que se acalme, pergunto o que houve, mas Bertha apenas chora.

— Desculpa — ela balbucia depois de um tempo em meu peito. — Eu não sei como te contar o que houve...

— Alguém te machucou, Bertha? — pergunto, nervoso. Não é comum ver Bertha desse jeito, a não ser quando briga com sua irmã, mas não me parece a situação agora.

— Não — ela responde rápido. Sabe o quanto o assunto me afeta. — Elas me levaram para o Clube das Mulheres.

— Eles também — digo. Ela ainda está aninhada no meio peito.

— Disseram que eu era a noiva e me fizeram sentar no palco...

— Aham, comigo o mesmo.

Então, passa pela minha cabeça que assim como havia uma gostosa rebolando em meu colo uma hora antes, deveria ter um cara sarado e de pau duro fazendo o mesmo com a minha esposa. A cena que passa pela minha cabeça faz meu sangue ferver. Seguro Bertha pelos dois braços e a afasto do meu peito para encará-la.

— Que foi? — ela pergunta, assustada.

— Me fala o que aconteceu, Bertha! — A voz sai mais carregada do que deveria. Não consigo conter.

— Ah, Cauê... — Ela abaixa os olhos. — Eu...

— Ele tocou em você? Você gostou? O que foi?

— Ele... eu... a cueca... — então Bertha para de falar e me encara. — Por quê? Ela tocou em você? Você gostou?

A habilidade feminina de distorcer uma discussão e fazer você se sentir o réu na fila da cadeira elétrica é algo que admiro. Bertha tem essa facilidade e, apesar de ter certeza que ela está virando o jogo, eu não reajo e caio em sua armadilha.

— Não — respondo. — Eu não gostei, pensei todo tempo em você. Mantive minhas mãos e boca afastadas do corpo da *stripper* — digo a verdade.

— Mas...? — ela pergunta, desconfiada.

— Não tem *mas*, Bertha.

— O que ela fez? — ela pergunta, ainda não confiando em mim.

— Dançou no meu colo.

— Como ela estava vestida? — Bertha não desiste.

— Apenas com uma calcinha fio dental.

— Você está me dizendo que havia uma mulher dançando no seu colo com os peitos de fora e você não sentiu tesão? — Ela ri. — Qual é, Cauê...?

— Bem... — Tento abraçá-la de novo, nem lembrando mais por que a afastei do meu peito.

— Não! — Ela dá um passo para trás. — Você ficou de pau duro, Cauê?

Putá que o pariu! Esse é um daqueles momentos na vida em que mentir é um caminho sem volta e dizer a verdade é um tiro no escuro. Pode ferir mortalmente ou nem acertar. Tento pensar rápido. Impossível avaliar as consequências do caminho que escolho, mas pelo meu histórico e pelas

inseguranças de Bertha, prefiro arriscar.

— Eu fiquei de pau duro sim. — Vejo Bertha se encolher em minha frente. Os braços se cruzam na frente dos seios nus, o ventre se contrai. — O que eu podia fazer? Até o seu pai gritava que eu tinha que aproveitar minha última noite de solteiro, Bertha!

— Podia não ter gostado tanto assim... — ela diz, mas se encolhe mais ainda.

— Eu não gostei, caralho! Mas não dá pra impedir que meu pau fique duro! Tu sabe que até a tremidinha do ônibus faz o meu amigo acordar... — Tento descontraír com a lembrança de um passeio que fizemos em Vegas.

Nós resolvemos fazer um *tour* de ônibus pela cidade. Acordamos, transamos e saímos para passear. Na primeira tremida do ônibus, aquele balancinho, Bertha abraçada em mim, nem percebi quando bandeira foi hasteada.

— Não tem problema você dizer que gostou, Cauê. Eu só quero saber a verdade — ela insiste. E é na sua insistência que me lembro do início da conversa.

— Por quê? Você gostou? — Bertha não me responde e abaixa a cabeça. — O que aconteceu? É a sua vez de me contar.

— Eu... — Ela não me olha. — Eu... meio que... — Sua cabeça continua baixa e ela começa a mexer as mãos. — ...tirei a cueca dele... — ela fala rápido e baixo — ...com os dentes. — Bertha abraça-se novamente e se encolhe.

— Você o quê? — Ainda estou em dúvida se realmente ouvi certo. Bertha balbucia algo como desculpas e volta a chorar.

Não sei o que faço. Meu primeiro pensamento é ir até o tal Clube e

socar a cara do filho da puta que dançou — de pau duro, eu imagino —, desejando a minha mulher e provocando-a. A segunda coisa que passa pela minha cabeça é rir. É tão inusitado imaginar Bertha arrancando a cueca de um *gogo boy* com os dentes, ainda mais em um palco e na frente de sua mãe, que só de pensar em como ela deve ter ficado constrangida tenho que rir.

Minha mulher é exatamente a definição de mulher do século passado: uma dama na sociedade e uma puta na cama. Mas o lado dama dela é bem mais presente no dia a dia do que o lado puta, que só aparece quando estamos sozinhos. Eu agradeço por isso. Então é a terceira coisa que passa pela minha cabeça que parece fazer mais sentido.

— Vem cá. — Puxo Bertha de volta para o meu peito e nos coloco embaixo do chuveiro. Emolduro seu rosto com minhas mãos. Seus olhos verdes estão apavorados. — Eu te amo, Bem. E não tem mulher pelada na minha frente que vai mudar isso. — Encosto nossos lábios e depois nossas testas. — Eu só quero você. — Deixo minhas mãos descerem por seus braços fazendo um carinho. — Eu só penso em você. — Eu a seguro pela cintura e acabo com o espaço entre nossos corpos. — Ele até pode ficar duro... — Esfrego minha cintura contra a dela e Bertha deixa escapar um gemido. — Mas só quero estar dentro de você.

Minha boca procura a dela com desespero. Bertha não oferece resistência e abre espaço para que minha língua a invada. Suas mãos correm para minha cabeça e seus dedos se enredam nos meus cabelos.

— Eu te amo — ela balbucia contra a minha boca, enquanto tomamos fôlego.

Não sei se são suas palavras, seu corpo nu grudado ao meu, ou se o misto de sentimentos que fervilham dentro do meu peito, mas ordeno:

— Faz igual em mim.

Bertha entende exatamente o que peço. Suas mãos vão soltando meus cabelos e à medida que ela vai descendo, sua língua passeia pelo meu tronco. Ela coloca as mãos para trás do próprio corpo e ajoelha-se na minha frente, a boca vai direto ao botão da calça *jeans* e, com um movimento rápido, apenas com a língua e os dentes, ela desabotoa. O *jeans* molhado, grudado na minha pele, não escorrega. Facilito seu trabalho e me livro da peça.

Nossos olhos não se desgrudam. Sem a calça *jeans*, Bertha continua com sua missão. Abocanha a barra da minha cueca e começa a tirá-la, segurando com os dentes e passando a língua em cada pedaço de pele que vai sendo desnudado. Assim que termina, ela dá um sorriso e levanta-se rapidamente do chão.

— Sua vez — diz.

— Impossível — respondo, rindo. — Precisamos de uma cadeira. — Dou um beijo em seus lábios.

— Me pega no colo — ela manda e eu obedeço. — Então você estava sentado e ela assim, de frente pra você? — pergunta, mordendo a minha orelha. Respondo com um resmungo afirmativo. — E aí ela começou a rebolar assim?

Bertha rebola em meu colo. As pernas entrelaçadas em minha cintura me permitem sentir o calor que está entre suas pernas. Ela esfrega-se com mais força, pressionando o corpo contra o meu.

— Puta que pariu! — digo, afundando o rosto em seu pescoço.

— E se ela fizesse isso? — ele pergunta, quando faz com que nossos corpos se encaixem perfeitamente. Fica parada, me deixando em sua entrada. — Assim... — ela força sua cintura contra a minha. — Bem de-va-gar — Bertha pronuncia sílaba por sílaba, enquanto desliza em minha extensão.

Vou invadindo-a no seu ritmo. Sentido o calor de seu corpo, sua umidade que facilita nossa brincadeira. Preciso me controlar para não jogá-la contra a parede e ir rápido. Suas mordidas em minha orelha, os gemidos que deixa escapar a cada centímetro a mais que permite entrar.

Quero responder à sua pergunta. Dizer que nunca mais vai existir outra se ela quiser continuar comigo. Mas não preciso. Bertha sabe — e por mais que imaginar ela fazendo isso com qualquer outro homem me deixe louco, eu também sei que ela é minha.

Quando Bertha me permite estar todo dentro dela, caminho até a parede, encostando suas costas no azulejo frio. Ela se arrepia com a sensação, mas não tem tempo de reclamar. Porque antes que o faça, a coloco em meu ritmo, entrando e saindo rápido, fazendo-a gritar meu nome.

— Cauê! — ouço a voz de Valentina me chamando. — Já passou meia hora.

— Puta que pariu! — sussurro contra a boca de Bertha e me afasto. — Preciso de mais quinze minutos! — grito.

— Vinte! — Bertha grita entre um gemido e outro. — Precisamos de mais vinte minutos!

13. Bertha

Eu estou quase dormindo, minha mente ainda viajando na delícia que é meu marido, quando escuto um grito agudo vindo de algum lugar do corredor. Pulo da cama na mesma hora e, apesar do medo em encontrar um *serial killer* do outro lado da porta, saio do quarto mesmo assim.

— O que tá acontecendo? — pergunto, mas vejo que não sou a única assustada aqui.

A casa da tia Mika está cheia e, mesmo que a maioria more nesta cidade, todo mundo acabou ficando por aqui depois das noitadas que tivemos. É por isso que, quando saio do quarto, usando apenas uma camisola violeta, dou de cara com meus primos, que também resolveram verificar o motivo da gritaria.

— Eu acho que foi a mamãe — Malala diz, saindo de trás do Jimi e me olhando com espanto.

Faço que sim com a cabeça, concordando com ela, e corremos até o quarto onde nossos pais estão dormindo, que fica no outro corredor. Quando chego lá, vejo tia Sissi batendo na porta.

— Baby! O que aconteceu? — ela pergunta, esmurrando o punho na madeira. — Alexandre, se isso for um fetichezinho seu, juro que eu te mato! — tia Sissi grita.

Eca. Se tem uma coisa que revolta meu estômago é ouvir qualquer referência da vida sexual de meus pais. Troco olhares com Mal, que tem a mesma expressão no rosto que eu. Já não bastasse a gente ter visto mamãe vestindo um uniforme de policial uma vez...

— Sissi! Temos um problema. — Mamãe sai do quarto e para em frente à amiga.

Seu olhar demonstra o pânico que está sentindo e eu não faço a menor ideia do que está acontecendo.

— Mãe, tá tudo bem? — pergunto, parando ao seu lado.

— Alguém está machucado? — É a vez de Mal dizer.

— Pior. Muito pior — mamãe fala, suas mãos estão tremendo.

— Baby! — Tia Mika corre até nós, junto com tio Henrique. Atrás deles, vêm tia Be e Sue.

Pelo visto, teremos uma reunião no corredor no meio da madrugada. Ótimo. Era tudo que eu queria.

— Gente, temos um problema grave. Gravíssimo. — Ela se vira para mim e coloca ambas as mãos em meus ombros. — Eu pensei em tudo, filha. Juro. Cuidei de cada detalhe. Florista, bolo, *buffet*, flores... — Minha mãe começa a embolar as palavras e posso ver que sua respiração está ofegante.

— Calma, mãe. Vai dar tudo certo. Não tem ninguém neste mundo mais competente do que você.

De canto de olho, vejo Malala jogar a cabeça para trás, talvez se segurando para não rir. Ela sabe que nossa mãe não é uma pessoa competente e organizada. Ela é completamente neurótica e beira um transtorno obsessivo compulsivo.

— Não, filha. Você não está entendendo. Nós esquecemos do principal — ela diz, olhando para as amigas, que estão atrás de mim. — Nós esquecemos do vestido! — O grito é alto e seguido de um bando de “ah”, “oh” e “caralho” (que tenho certeza de que foi tia Mika quem disse).

É então que me dou conta de que ela tem razão. No meio dessa

confusão, eu esqueci que seria uma noiva.

Meu deus... Eu vou ser uma noiva!

Tudo bem que eu já me casei, mas como pude esquecer de algo tão básico quanto o vestido?

Malala se vira para mim com os olhos arregalados. Ela entendeu perfeitamente o motivo de eu ter ignorado o fato de precisar de uma roupa branca, com véu e, quem sabe, uma grinalda.

Esse casamento apenas está acontecendo para o bem dos nossos pais. Se eles soubessem do que aconteceu de verdade, nada disso seria necessário. Só que eu tenho o péssimo hábito de não querer que as pessoas ao meu redor sofram. Com isso, acabo fazendo besteiras.

— O que aconteceu? Bem, você tá legal? — Cauê chega correndo e me toma nos braços.

Posso sentir que seu coração está acelerado no instante em que coloco minha cabeça em seu peito.

— Tá tudo bem, amor — falo, acariciando os bíceps que tanto amo.

— “Tudo bem” nada —mamãe me interrompe. — É uma catástrofe!

— Calma, Baby. A gente vai resolver isso — papai tenta argumentar, mas é em vão.

Até parece que ele não sabe com quem está lidando.

— Como a gente vai resolver isso, Fred? Nossa filha vai se casar em algumas horas e ela não tem o que vestir. O que você sugere? Que ela ande com você no altar usando umas das roupas de carnaval da Malala?

Não resisto e começo a rir. Mal também.

— Ia ser, no mínimo, interessante — minha irmã diz e eu balanço a

cabeça.

— Pelo menos, todo mundo ia saber que eu sou o cara mais sortudo desse planeta, com a mulher mais gostosa de todas — Cauê sussurra em meu ouvido, para que apenas eu escute, fazendo com que minhas pernas estremeçam um pouco.

Toda vez que ele diz que sou linda e gostosa, eu acredito mais um pouco.

Não que eu tivesse a autoestima lá embaixo, mas Cauê sempre foi muita areia para o meu caminhãozinho. Para ser sincera, ele é muita areia para o caminhãozinho de qualquer uma. Corpo esculpido, dentes perfeitamente alinhados em um sorriso malicioso, olhos muito azuis, que puxou de sua mãe, e uma estamina sexual que coloca qualquer outro cara no chinelo.

E eu sou casada com ele.

— A sortuda da história sou eu — digo baixinho e dou um beijo em seu peito.

Ele me aperta com um pouco mais de força e o mundo deixa de existir. Enquanto todas tentam resolver o problema do vestido, eu me perco nos olhos do meu marido. Ele coloca uma mecha do meu cabelo para trás da orelha e desce o rosto para me beijar.

Só o encostar de sua boca na minha é suficiente para que tudo além de nós perca a importância.

Se eu vou me casar de vestido ou usando a fantasia de carnaval da minha irmã, não importa. A única coisa que realmente tem importância é que, em menos de dois dias, toda essa mentira irá acabar e todos saberão que escolhemos um ao outro para passar o resto da vida.

Quem diria que chegaríamos aqui? Depois de anos de enrolação, em breve tudo voltará a ser simples, e eu vou poder exhibir o meu marido por aí...

— Dá pra tirar a mão da bunda da minha filha? — papai diz, fazendo com que eu me assuste e dê um passo para trás. — Eu sei que vocês estão noivos, mas tenha um pouco de respeito, moleque.

Neste momento, percebo por que Jimi tem tanto medo de seu Alexandre. Quando quer, papai sabe ser bastante intimidador. Tanto que Cauê ergue as mãos em sinal de rendição e não solta nem um comentário debochado.

— Eu tive uma ideia! — mamãe fala de repente e eu me viro para ela. — Venham vocês duas. — Ela aponta para mim e Mal. — Eu já sei o que podemos fazer.



Alguns minutos depois, estamos entrando em casa. Não a casa de tia Mika, ou a casa em que moro — parcialmente — com Cauê. Entramos no apartamento onde Malala e eu fomos criadas, onde temos nossos quartos e nossas lembranças coladas nas paredes.

— Por que estamos aqui, mãe? — Mal faz a pergunta que estava na minha mente.

Ainda estamos usando nossas camisolas, inclusive minha mãe. Ela sequer se trocou, apenas pegou a bolsa e a chave do carro antes de nos arrastar até aqui.

Dona Baby não responde e continua seguindo na direção do quarto. Ela

vai até o seu *closet* e começa a procurar por algo lá no fundo, atrás de todos os seus vestidos. Quando ela finalmente encontra o que tanto buscava, vira-se para nós e traz consigo uma enorme capa cinza. Eu e Mal sabemos muito bem o que tem lá dentro.

Quando éramos mais novas, sempre que mamãe nos deixava sozinhas em casa, corríamos para lá a fim de espiar o vestido de noiva mais bonito que já vimos na vida.

É então que olho para minha irmã e a vejo com os olhos arregalados e a boca escancarada. Ela para no lugar e vejo que o medo toma conta de suas feições. Neste momento, percebo o que nossa mãe está prestes a fazer — e o que isso pode causar.

— Mãe, não! — digo de uma vez, segurando a mão de Mal.

Eu sei que nós duas sempre tivemos nossos problemas e que demorou vinte anos para que expressássemos nossos sentimentos e dúvidas em relação à outra, mas não quero colocar tudo a perder por conta de um vestido.

Não mesmo.

— Shhh, Bertha — mamãe tenta me acalmar, mas com Mal parada no mesmo lugar, completamente imóvel, fica difícil prestar atenção em qualquer outra coisa.

Malala sempre achou que eu fosse a preferida de nossos pais, só porque meu temperamento é bem diferente do seu. Se eu usar o vestido de noiva de nossa mãe, ela terá certeza disso e nunca mais irá me perdoar.

— Mãe, eu não posso aceitar seu vestido.

— Eu não estou oferecendo — ela diz, fazendo com que Malala saia do transe e eu volte a respirar aliviada novamente. — Venham aqui, por favor.

Fazemos o que pede e nos encaminhamos até a cama. Minha mãe abre

a capa e tira seu enorme vestido de noiva lá de dentro.

Tomara que caia, todo bordado, com uma saia de princesa. As fotos dela em seu casamento são lindas demais. E esse é o vestido dos sonhos, com certeza. Eu e Mal não conseguimos resistir e corremos nossas mãos pelo tecido macio.

— É lindo demais... — Malala sussurra e eu faço que sim com cabeça.

— Meninas, eu queria falar uma coisa para vocês — mamãe diz, mudando nosso foco. Nós duas nos viramos para ela, que segura alguma coisa atrás das costas, mas não consigo ver o que é. — Sei que não sou a pessoa mais fácil desse mundo e que já cometi muitos erros com as duas, mesmo que não tenha admitido. Mas uma coisa eu preciso que vocês entendam: não há nada nesse mundo que eu ame mais do que vocês duas. Minhas filhas, minhas princesinhas. Mal, às vezes você dizia que eu e seu pai preferíamos a Bertha, o que está longe de ser verdade. Ela só era mais fácil de lidar em determinadas situações, mas isso não quer dizer que a amamos mais do que você, filha. — Mal puxa o ar com força. Sei que ela está tentando se controlar para não chorar, até porque eu estou fazendo a mesma coisa. Por isso, seguro sua mão. — Vocês me encham de orgulho e eu sou a mãe mais feliz do mundo por ter não só uma, mas duas meninas maravilhosas. — Mal passa o braço em torno do meu ombro e eu relaxo. É bom poder ficar assim com ela. — Se eu tivesse dois vestidos, daria um para cada uma. Mas como eu não tenho, ficamos apenas com uma solução.

Mamãe tira as mãos das costas, mostrando o que escondia: uma tesoura.

Eu e Mal damos um passo para frente, mas é tarde demais. Nossa mãe pega a tesoura e começa a cortar o tecido branco, separando a parte superior da inferior.

Lágrimas começam a escorrer dos meus olhos enquanto minha irmã me aparta, tão triste quanto eu pelo que estamos presenciando.

— Se uma não pode ter, a outra também não pode — sussurro.

— Não, Bertha. — Mamãe me encara. — As duas podem ter. Uma fica com a parte de cima e a outra com a parte de baixo.

Estou sem reação. O lindo vestido branco agora está cortado ao meio.

Eu não acredito que minha mãe foi capaz de destruí-lo desse jeito.

— Para de chorar, Bertha! — Mal diz e se vira para mim. — Eu tive uma ideia. A Taís entende tudo de moda, ela pode nos ajudar. Vamos criar um vestido lindo para você e depois um para mim.

— Será que ela consegue? — pergunto.

— Vai ter que conseguir, porque eu não vou deixar minha irmã se casar sem um vestido deslumbrante.

14. Cauê

Eu tenho uma família totalmente disfuncional e constato isso com propriedade depois que todos nós nos encontramos no corredor no meio da noite. Com roupas de dormir — alguns com menos peças, como eu e o meu pai só de cuecas — porque alguém deu gritos histéricos. E esse alguém só poderia ser a tia Baby. Ou minha madrinha. Ou ainda, se preferirem, minha sogra.

Depois de todo alvoroço pelo não-vestido da minha não-noiva — e sim esposa —, ela sai arrastando as duas filhas de camisola pelo corredor e diz que precisa ir pra casa. Ofereço-me para acompanhá-las sob os olhares desconfiados do tio Alexandre — meu padrinho e agora sogro, com toda a pompa que a palavra carrega depois da mijada que tomei por estar com a mão na bunda da sua filha. — Tia Baby recusa. Tio Alexandre também se oferece, mas é tão rejeitado quanto eu. Tenho vontade de rir da sua cara depois do fora que leva da esposa, mas fico na minha.

O fato é que o sono se foi depois de toda a gritaria e confusão por causa de um vestido e, quando desço para beber um copo de água na cozinha, encontro Jimi atacando a geladeira.

— Cara — digo, não acreditando no tamanho do sanduíche que ele está na mão, ao lado uma caixa de Sucrilhos vazia —, você já consultou um endocrinologista? Isso não é normal! — Lembro-me dos dois cachorros-quentes que vi ele devorando na sala quando cheguei do puteiro.

— Já. — Ele dá de ombros. — É o meu metabolismo.

Pego um copo de água e bebo enquanto ele manda a ver no pão cheio de entulhos. Tio Alexandre entra na cozinha e nos encara. Ele olha para Jimi,

depois para mim, para Jimi novamente e então começa a rir.

— Eu sempre achei que essa merda poderia acontecer — ele fala, rindo. — Na real, o filho da puta do Eric sempre me disse isso... — Ele ri ainda mais. — Mas eu sempre achei que flagraria o Cauê e a Malala escondidos, e o Jimi e a Bertha sem querer...

Olho para Jimi, confuso, que me devolve a expressão. Nosso sogro continua rindo, dobrando-se na verdade da piada que só ele entendeu — e, pela cara que faz, não sei se ele ri realmente de felicidade ou de raiva de nós. Por alguns segundos, eu duvido de sua sanidade. Então ele se recompõe.

— Eu gosto de vocês — ele finalmente diz. — Vi ambos crescerem. O Cauê foi a primeira criança com quem eu tive contato. — Ele me olha com carinho. — E você, Jimi, desde que entrou em nossas vidas, também nos conquistou.

O homem que até pouco ria, agora parece querer chorar.

— Dindo... — Faço menção de dar um passo em sua direção, mas ele levanta a mão para que eu não me mexa.

— Eu amo vocês tanto quanto amo minhas filhas. Cada uma do seu jeito, tão iguais e tão diferentes. — Ele sorri. Olha para mim e para Jimi. — Mas... — Então o cara que me xingou no corredor aparece novamente. — Se vocês magoarem as minhas filhas, ficarem passando a mão nelas na minha frente ou transarem...

— Descul... — Ele encara Jimi que para de falar na mesma hora.

— ...De novo, dentro da minha casa... — ele continua a falar de onde havia parado. Então, Tio Alexandre faz uma pausa sinistra e olha devagar para cada um de nós. — ...Eu arranco o pau de vocês e faço vocês engolirem. Estamos entendidos?

Sacudo a cabeça afirmando que sim. Jimi faz o mesmo. Não sou capaz de respirar ou piscar nesse momento e acredito que Jimi também não. Quando tem certeza que entendemos o recado, ele começa a rir e faz sinal para que nos aproximemos. Engulo em seco. Posso ouvir Jimi fazendo o mesmo. Com medo, caminhamos em sua direção. Então ele abraça nós dois ao mesmo tempo.

— Desejo que vocês sejam muito felizes!

Ele se despede de nós com um "boa noite" e sai da cozinha.

— O que foi isso? — pergunto a Jimi.

— Não sei, cara. Mas o tio Alexandre me dá medo.

Começo a rir. Em mim também.

Tento voltar para o meu quarto e dormir, mas primeiro dou de cara com meu pai saindo do quarto ofegante. Cueca *boxer* apertada, um certo suor escorrendo do rosto e a respiração descompassada. Espero que eu realmente tenha a genética do meu pai e chegue aos cinquenta com a mesma disposição sexual que ele tem, porque não me lembro de tê-lo encontrado alguma vez no corredor no meio da noite, que não fosse assim. Sinal que ou eles transam muito ou eu dou azar e só o encontro nessas noites de orgia com minha mãe. Eca.

Continuo caminhando em direção ao quarto. Não consigo entender por que eles gostam de casas grandes. Tenho quase certeza de que a tia Sol puxou a megalomania da tia Mika, só que ela exagerou um pouquinho mais na fazenda. Digamos que uns três corredores a mais. Pelo corredor ainda escuto, alguns sussurros e gemidos abafados antes de finalmente alcançar a minha porta.



— Aonde você vai? — mamãe pergunta assim que me vê entrando na cozinha.

— Trabalhar. — Dou um beijo em sua testa.

— No dia do seu casamento? — Ela coloca as mãos na cintura e para na minha frente, impedindo que eu me sirva de café.

— A cerimônia é só às quatro. — Dou de ombros, fingindo não ligar. — Eu saio do hospital as duas. Dá tempo de passar em casa, tomar um banho e me vestir.

— Mas, Cauê, você tem direitos, meu filho.

Não tem como explicar à minha mãe que eu não tenho direito a uns dias de folga, já que os utilizei um ano antes, quando realmente nos casamos. E que, inclusive, todos os meus colegas de trabalho já conhecem a minha esposa e, por isso, não os convidei — assim como Bertha não convidou os seus.

Será que nossos pais perdoariam se descobrissem que apenas eles não sabem que somos casados?

— Você viu a Bertha? — mudo de assunto.

Mamãe me explica que chegaram de madrugada e, desde então, Taís e as outras estão trancadas no quarto tentando consertar a burrada da tia Baby, que, conforme palavras da minha mãe, resolveu ser impulsiva no pior momento.

Consigo pegar uma xícara de café enquanto dona Sissi continua falando e falando sobre o casamento, o vestido lindo rasgado, o trabalho que Taís está

tendo e mais coisas que tento não prestar atenção. Na verdade, depois de ela me dizer que eu não poderia falar com Bertha antes do casamento, me desconectei do assunto. Mas ela segue tagarelando até tio Alexandre entrar na cozinha.

— Bom dia — ele diz, educado, e caminha até mamãe dando um beijo em sua testa.

Em uma família disfuncional como a nossa, é comum que seu sogro seja também o irmão de coração da sua mãe.

— Você também, Alexandre? — Ela não responde seu cumprimento. — Qual o problema dos homens dessa família?

Tio Alexandre olha para mim e depois para ela novamente, sem entender nada. Ele veste um terno cinza e tem uma pasta de couro na mão. Depois de algumas explicações de mamãe sobre a importância do dia do casamento, ele justifica que precisa ir até a escola, mas logo estará de volta e que Maribel já está ciente.

— Eu queria também poder avisar à minha esposa que estou indo trabalhar — deixo escapar.

— Noiva — Mamãe me corrige.

— O quê? — pergunto, confuso.

— Sua noiva — Tio Alexandre é quem me responde, os olhos atentos em mim. — Você gostaria de avisar à sua *noiva* que está indo trabalhar.

— Isso. — Dou uma risada. — Estou tentando me habituar a chamar ela de esposa.

Antes que a minha situação fique complicada e eu dê mais algum furo, resolvo ir trabalhar. Antes, tento burlar o esquema de segurança das mulheres da família Estrogenium para que eu não veja a noiva, sem sucesso. Vou pro

hospital.

15. Bertha

— Ele ainda não chegou! — Jennifer, a fotógrafa, entra no quarto.

Seu semblante de pânico combina muito bem com o da minha mãe.

Talvez, se este fosse realmente o meu casamento, eu estaria tão preocupada quanto elas. Só que eu e Cauê já somos casados há tempo suficiente para sabermos que queremos continuar desse jeito. O que me leva à outra preocupação: será que ele está bem?

Não estou com medo de ser abandonada no altar. Se ele fizer isso, vai ter que aguentar uma greve de sexo sem data de término prevista. Porém, não posso deixar de imaginar que alguma coisa pode ter acontecido com ele. Um acidente de carro, um assalto... sei lá. Qualquer coisa que justifique seu atraso.

— Verifica seu celular de novo, filha. De repente, ele mandou mensagem — mamãe diz, me estendendo o aparelho.

— Nada — respondo ao constatar que não tenho nenhuma informação nova dele.

— Calma, gente. Ele deve estar com algum paciente — Jimi sugere e eu balanço a cabeça afirmativamente.

É, deve ser isso.

— O que podemos fazer enquanto isso? — Malala pergunta e para em frente ao espelho para reaplicar o batom.

Já são quatro e quinze da tarde, e até a cerimonialista já ligou para perguntar se temos notícia do noivo.

Estamos todas na casa de Tia Mika, que fica perto do local onde iremos

nos casar, apenas esperando o *ok* de tio Eric para irmos para lá. A *limousine* branca está nos esperando na garagem.

Todos já estão a postos. Apenas eu, meus pais, Malala e Jimi ficamos aqui, esperando sermos chamados.

Taís conseguiu terminar meu vestido a tempo, o que eu sinceramente acho que foi um milagre. Olho para baixo, analisando a peça que estou vestindo, e tenho certeza de que minha prima se superou.

O vestido da mamãe era lindo, mas este é ainda mais. Ou, pelo menos, tem mais o meu estilo. A parte de cima continua intacta — um tomara que caia branco, com algumas pedrinhas brilhantes. Já a parte de baixo agora é outra bem diferente. A saia não é tão longa assim, parando nas minhas canelas. Só que ela é soltinha e em um tecido frio e muito macio. Não entendo muito de moda, não sei dizer qual o estilo desse vestido, mas sei que nunca me senti tão bonita na vida. Nem o salto alto é capaz de me incomodar dessa vez.

Meus cabelos estão presos em um coque, com uma tiara elegante no topo da cabeça, segurando o véu. Foi tia Sissi que insistiu para que eu a usasse — e quando me disse que era a de seu casamento com tio Eric, não consegui encontrar motivos para recusar.

— Você está bem? — Jimi para atrás de mim no espelho, fazendo com que eu pare de encarar meu reflexo e suba o olhar.

— Só preocupada — confesso.

— Ele está bem, tenho certeza.

Não sei o que responder, estou me controlando para não chorar.

Meu melhor amigo — e madrinha de casamento — me abraça por trás e deixa um beijo em minha têmpora. Agradeço aos céus por ele estar aqui.

Tudo seria mais difícil se Jimi não tivesse me perdoado.

— Cauê chegou! — Malala grita com o celular na mão. Alguém deve ter mandado uma mensagem para ela.

Na mesma hora, solto um suspiro de alívio. Jimi percebe e sorri para mim.

— Onde aquele desgraçado estava? — papai pergunta e vai pegar o paletó.

— Tia Sissi disse que ele ficou preso na emergência. Teve um acidente grave na rodovia e Cauê acabou ficando mais tempo no hospital — minha irmã explica.

É esse o homem com quem me casei. Eu poderia ficar chateada, mas sinto exatamente o oposto. Estou feliz em saber que ele não mede esforços para ajudar a quem precisa.

Retoco a maquiagem rapidamente e seguimos para a *limousine*. Jennifer registra o momento, os olhares de meus pais, cada passo que me levará até o homem da minha vida.

São poucos os sortudos que têm a chance de um casamento. Este é o meu segundo, com a mesma pessoa. E se eu tivesse que me casar mais cinco vezes com Cauê, faria com um sorriso no rosto.

— Filha, você precisa conversar com ele. Se a vida de vocês começar assim, vai deixar que...

— Mãe, por favor, não quero ouvir — interrompo-a antes que a lição de moral comece. — O que são vinte minutos de atraso para uma vida inteira à nossa frente?

Vejo seus olhos se encherem de lágrimas com as minhas palavras.

Ao meu lado, Malala segura uma de minhas mãos. Do outro, Jimi faz o

mesmo.

Quando vejo, o carro para na frente do restaurante. Minha mãe sempre me disse que aqui era como uma casa para a Estrogenium, e fico feliz por este lugar continuar fazendo parte da nossa história.

Todos saem da *limousine*, menos meu pai e eu.

— Você está bem? — ele pergunta de frente para mim.

— Pai, eu queria que você soubesse de uma coisa, mas não pode falar para ninguém.

Nós dois sempre tivemos um relacionamento especial. Nossas personalidades são muito parecidas e eu cresci tendo sua moral como meu maior exemplo. Não posso me casar com Cauê sem que meu pai saiba da verdade.

— Claro, Bertha. O que você quiser... — Ele sorri para mim.

— Não fica chateado nem conta pra mamãe. — Ele faz que sim com a cabeça. — Eu e Cauê nos casamos um ano atrás em Vegas. — Papai arregala os olhos e começa a dizer alguma coisa, mas eu o interrompo: — Eu sei, eu sei. A gente fez besteira e eu não queria contar nada. Mas, por favor, saiba que você está me entregando para o amor da minha vida. Não tenho dúvidas de que nós dois seremos felizes para sempre.

Papai não responde. E por mais que eu possa ver a mágoa em seu olhar, ele muda de lugar e vem se sentar ao meu lado. Quando penso que vai reclamar, apenas me envolve em um abraço.

— Eu conheço a filha que tenho e sei que, se você escondeu por tanto tempo, é porque estava com medo de alguma coisa. Depois conversaremos sobre isso. Por enquanto, vou fingir que este é seu casamento e andar com você até o altar.

— Obrigada, pai. Obrigada por tudo. Obrigada por ser o melhor pai do mundo, por nunca ter desistido de mim e, principalmente, por me ensinar como um homem de verdade trata sua mulher — as palavras saem embargadas e eu faço de tudo para não chorar agora.

Só que papai não consegue se controlar e uma lágrima escorre por seu rosto.

— Obrigada por confiar em mim, filha. Mesmo que com um ano de atraso. — Soltamos uma risada ao mesmo tempo.

Ele pergunta se estou pronta e assinto com a cabeça. Saímos do carro juntos e minha mãe me entrega o *bouquet* de lírios brancos.

— Eu te amo, filha — ela diz, acariciando meu rosto.

— Também te amo, mãe. Obrigada por fazer isso por mim.

Mamãe não responde, apenas sorri e diz que Jimi e Malala devem contar até trinta e podem entrar. Ela vai para dentro do restaurante, deixando nós quatro na calçada da rua movimentada. Todos que passam olham para mim. Pela primeira vez na vida, não me incomodo em ser o centro das atenções.

— Nos vemos lá dentro, Kira — Jimi diz e pisca para mim.

De braços dados com a minha irmã, ele entra no restaurante. Segundos depois, ouço a marcha nupcial começar a tocar.

— Pronta? — papai pergunta.

— Sim, e você?

— Não, mas vou ficar bem — ele confessa e me oferece o braço. Juntos, entramos no restaurante, seguidos pela equipe de filmagem.

A minha sensação inicial é de que estou em um filme de princesa,

porque tudo aqui está em tons de branco e rosa clarinho. Muitos arranjos de flores deixam o ambiente perfumado.

Porém, quando olho para frente e vejo Cauê, todo o resto é esquecido.

Não sei quem está presente nem qual música me guia até ele. Tudo que importa é que, de agora em diante, seremos felizes para sempre.

No instante em que meu pai me entrega a meu marido, uma lágrima involuntária desce por meu rosto e Cauê a beija.

— Só aceito se for lágrima de felicidade. — Ele abre um enorme sorriso para mim, que me faz tremer por dentro.

Eu nunca pensei que pudesse amar tanto uma pessoa...

— A felicidade é tanta que não cabe dentro de mim — digo para ele, que encosta a testa na minha.

— Eu te amo, Bem.

Antes que eu possa dizer que o amo também, o cerimonialista pigarreia e nos afastamos. Nossas mãos continuam juntas enquanto ele diz palavras sobre o amor, a lealdade e o companheirismo.

De repente, Jimi vem para o meu lado e pega meu *bouquet*, colocando uma aliança na palma da minha mão.

— Você tem seus votos? — o homem pergunta e faço que sim com a cabeça.

— Eu sempre disse para mim mesma que não podia me apaixonar por você — começo a falar. — Sempre tentei me manter afastada, apesar de tudo aquilo que acontecia dentro de mim quando estava ao seu lado. Eu não sei explicar, Cauê, mas parece que você era a parte de mim que sempre esteve faltando. Quando estamos juntos, sou mais forte. E quando estamos separados, meu peito chega a doer de saudade. É por isso que estou aqui,

dizendo que serei sua mulher, na alegria ou na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe.

Deslizo a aliança em seu anelar e o sinto tremer.

Não consigo mais controlar o choro.

— Bem, você é a mulher da minha vida, e eu sempre soube disso. Sou péssimo em fazer declarações de amor, mas faço questão de mostrar com ações o quanto eu te amo. Mas hoje, na frente da nossa família, eu juro que vou te fazer feliz. Nos dias felizes, sorriremos juntos. Nos dias tristes, choraremos juntos. Não importa o que vier, com você ao meu lado, sei que tudo vai dar certo, e serei apenas seu até que a morte nos separe.

Ele coloca a aliança dourada em meu dedo e limpa minhas lágrimas.

Acho que nunca sorri tanto nessa vida.

Sei que já somos casados, mas isso aqui é diferente. Não estamos bêbados, não temos dúvidas.

— Bertha, você aceita Cauê como seu legítimo esposo? — o cerimonialista pergunta.

— Aceito, claro.

— Cauê, você aceita Bertha como sua legítima esposa?

— Aceito. — Ele pisca para mim.

— Então, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar sua noiva.

Eu pensei que Cauê me beijaria com força na frente de todo mundo, do jeito que sempre faz quando estamos a sós. Mas a realidade é bem diferente.

Meu marido vem até mim lentamente e encosta sua testa na minha.

— Para sempre, Bem. Eu vou te amar para sempre — ele sussurra e desce sua boca na minha.

Um beijo gentil, mas cheio de tanto amor que não quero desgrudar dele nunca mais.



É comum que o noivo e a noiva saiam juntos da igreja e tenham um momento a sós antes da festa. Mas não estamos em uma igreja e toda nossa família está aqui, nos abraçando e parabenizando.

— Eu preciso fugir com você por um minuto — Cauê diz ao pé do meu ouvido, me fazendo arrepiar.

Olho para ele e descubro exatamente no que está pensando. O pior é que estou pensando a mesma coisa.

— Como vamos fugir daqui? — pergunto, louca por um momento a sós com ele.

É então que tia Mika vem me abraçar.

— Ah, princesa da titia, você está casada! — ela faz uma voz dengosa, imitando tia Sissi, e eu começo a rir.

— Você aprova, tia?

— Muito. — Dessa vez, seu tom volta a ser normal. — E sei que vocês serão muito felizes juntos.

— Seremos mais felizes se você puder nos dar dez minutos sozinhos. — Pisco para ela, que entende na mesma hora o recado.

Conte com tia Mika quando se tem problemas envolvendo sexo — ou a falta dele.

Cauê percebe o que fiz e passa o braço em torno dos meus ombros.

— Quero pedir a atenção de todos vocês. — As pessoas ficam em silêncio. — Nós temos uma surpresa para os noivos. Por isso, se não for incômodo, agradeço se puderem nos dar licença por um minuto.

O gerente do restaurante vem até nós e indica o caminho para que o sigamos.

Santa Mika!

— Eu não acredito nela — Cauê comenta, tentando conter a gargalhada.

— A melhor tia do mundo — brinco.

— Podem ficar à vontade — o gerente diz, abrindo a porta de um escritório.

Assim que ele a fecha, Cauê está em cima de mim, me beijando com força e me empurrando até que minhas costas batam em uma parede.

— Não é muito romântico, mas... Caralho, Bem. Eu preciso estar dentro de você. — Ele desce beijos por meu pescoço e sinto meu corpo inteiro entrar em sincronia com o dele. — Agora todo mundo sabe que você é minha. — Cauê aperta minha cintura e me ergue do chão, fazendo com que eu envolva minhas pernas ao redor de sua cintura.

Seu desespero é igual ao meu enquanto nos beijamos. Suas mãos percorrem meu corpo, encontrando em seu caminho cada centímetro que precisa de atenção.

Removo o véu e o arremesso para algum lugar qualquer: não quero nada nos atrapalhando agora.

— A gente vai ter tempo pra preliminares na nossa noite de núpcias. — A frase sai ofegante enquanto sinto-o enrijecer contra mim. — Por favor,

Cauê, eu preciso de você agora.

— Ah, Bem... Não me pede isso. Estou por um fio aqui — ele diz, mordiscando meu lábio inferior e esfregando sua ereção em mim.

Um toque e já é suficiente para eu me derreter por ele. E é muito bom saber que o mesmo acontece com meu marido.

Deixo minha mão descer e encontro seu membro duro. Grande. Que me completa.

Cauê fecha os olhos e se permite sentir minhas carícias, que o estimulam e fazem com que perca o controle.

— Você é perfeita para mim, Bem... — Sinto-o abrir o botão da calça e fico ainda mais molhada com a promessa do que está prestes a acontecer.

— Rápido, amor. Rápido que eu preciso de você. — Colo minha boca na dele e o beijo com tudo que estou sentindo neste momento.

É uma mistura de alívio, alegria e um amor tão exagerado que chego a ficar tonta. Fora todas as sensações físicas que meu marido me causa. Porque é impossível estar ao seu lado e não desejar suas mãos em mim, sua boca na minha, nossos corpos em uma sincronia de gemidos, sorrisos e orgasmos.

Cauê geme contra minha boca e cada som que ele emite me excita ainda mais.

Meu homem não me come calado, e nada me deixa com mais tesão do que ouvi-lo sentir prazer comigo.

— Porra, a camisinha — ele diz e faz menção de se afastar de mim.

Eu não tomo pílula, porque os efeitos colaterais são muito desagradáveis. Então, até hoje, nunca conseguimos transar sem nada entre nós.

— Não precisa — afirmo. — Se tiver que ser, será.

Ele sorri para mim. Cauê sempre fala que quer ser que nem o pai e ter uma penca de filhos. Agora que todos sabem que estamos casados, talvez esteja na hora de tentarmos.

— Assim você me mata, Bem...

Enquanto me beija, Cauê começa a guiar seu membro para dentro de mim. É a primeira vez na vida que fazemos sexo sem proteção, e a sensação é completamente diferente.

— Aaaah — ele geme alto a cada centímetro que me preenche. — Porra, que delícia.

Sinto-o mais duro que nunca e preciso me agarrar a seus braços para não cair no chão.

— Mais, amor. Mais — peço, olhando para ele.

Estamos perdidos um no outro, no nosso prazer, no nosso amor.

— Caralho, Bem! Nunca foi tão bom assim — ele diz enquanto entra e sai devagar. — Nunca mais usaremos camisinha nessa vida. Nunca mais. Foda-se se tivermos quarenta filhos. Vale a pena.

Cauê vai com mais força, mais fundo, mais rápido.

O som dos nossos corpos se encontrando é abafado pelos gemidos que ambos não conseguimos segurar.

Seguro seu rosto suado e sorrio para ele.

— Eu te amo mais que tudo nesse mundo, Cauê.

— Não mais do que eu te amo, Bem.

Suas palavras são o estopim. Chego a um orgasmo intenso e não controlo o grito.

Todos devem saber o que estamos fazendo aqui, mas pouco importa, porque logo Cauê se junta a mim, liberando seu clímax e chamando meu nome.

16. Cauê

— Pelo visto, a surpresa foi ótima, né? — Tia Mika diz, levantando um copo de tequila e rindo assim que saímos do escritório do restaurante. Todos já estão sentados às suas mesas, com pratos bem servidos e copos cheios.

A cara com que tio Alexandre me olha não é das melhores, mas ele disse que não podíamos transar em sua casa e, nesse momento, não estou com a mão na bunda de Bertha. Então, sorrio para ele, mas resolvo olhar pra outro lado e sorrir para meu pai, já que ele não retribui meu sorriso.

— Teu pai me dá medo às vezes — sussurro para Bertha.

— Eu contei para ele sobre o casamento em Vegas — ela sussurra de volta. — Ele vai superar.

Tenho a sensação que não é por estarmos casados há um ano que meu sogro me olha daquele jeito, mas provavelmente pelos gritos da sua filha enquanto estávamos transando pela primeira vez sem qualquer proteção. Eu sei que ainda é cedo para termos filhos, mas se tem algo que eu quero fazer exatamente como o meu pai é isso: ter uma grande família. Acho que dois meninos e duas meninas, com diferença de dois anos entre cada seria perfeito. Depois podemos adotar outras duas crianças.

Eu sei que parece loucura, mas mais loucura é Bertha topar ser a mãe de todos esses filhos. E não tenho como dizer que sou o homem mais feliz do mundo. Já somos casados e toda essa cerimônia foi para não decepcionar nossos pais.

Eu sempre tive certeza de que era ela, mas hoje, vendo minha mulher radiante em um vestido de noiva, que a deixou sexy e angelical, exatamente com ela é, sorrindo para mim, mesmo depois de eu ter me atrasado para o

que, como disse minha mãe gritando ao telefone, seria o dia mais importante da minha vida, sem reclamar ou criticar, eu só confirmo que Bertha é mais do que perfeita para mim. Só espero poder ser suficiente para ela.

Além da nossa família, alguns amigos estão aqui. Amigos da faculdade de Bertha, meus. Alguns colegas de escola mais próximos e parentes que nunca vemos, mas sabemos que existem. Todos comemorando comigo e com Bertha nosso casamento. Sentamos para jantar à mesma mesa de Jimi e Malala.

— Acho que a gente deveria brindar — proponho.

Malala rapidamente pega o copo enquanto Jimi e Bertha trocam olhares confusos.

— Ao nosso casamento? — Bertha pergunta, rindo. Ela já bebericou alguns goles de espumante e sei que são suficientes para ela.

— Também — respondo. — Mas a isso. — Aponto para nós quatro. A vocês duas, estejam começando a se entender. — Mal ergue sua taça e Bertha também. — Ao Jimi, por ter se apaixonado por sua gêmea e batido em minha porta, me pedindo para conquistar você! — Olho sorrindo para Bertha.

— Hey! — Jimi protesta. — Você jurou não...

— Eu já sei, Jimi — Bertha diz, rindo. — E obrigada. — Ela ergue a taça. Jimi dá de ombros e ergue a sua também.

— À nossa família que é uma completa suruba disfuncional. — Rio. — Eu amo vocês!

Erguemos as taças, brindamos. Seguro a vontade que sinto de abraçá-los e chorar. Bertha e eu, em breve, iremos embora para Espanha. Não sei como será para ela e Jimi à distância.

— Vocês prometem que vão nos visitar na Espanha? — pergunto,

realmente tentando segurar o choro. O que está acontecendo comigo?

— Claro que sim! — Malala responde rápido. — Afinal, quem vai fazer os programas de *nerd* com Jimi? — Ela ri. — Teremos que promover visitas constantes entre esses dois.

Rimos, concordando, fazemos planos brincando até que as luzes do restaurante se apagam por alguns instantes. Quando voltam a acender, apenas um holofote ao fundo do restaurante ilumina a cortina que começa abrir, revelando um palco. A luz mirando o pedestal do microfone que tia Mika segura de cabeça baixa:

*“E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor...”*

Sua voz invade o salão. Rouca, arranhando o microfone, fazendo com que sua capela pareça uma oração. Bertha segura minha mão e aperta. Acho que sente a mesma emoção que me invade. As outras luzes do palco se acendem e o resto da banda é revelada. Os instrumentos começam a tocar. Os acordes da guitarra arrepiam, tia Baby reluz com as baquetas na mão, o sorriso de minha mãe atrás do seu teclado. Ouço os assobios e aplausos de todos e tudo que penso é que somos as pessoas mais sortudas do mundo por termos crescido com essas mulheres fantásticas.

— Boa noite, pessoal. Nós somos a banda Estrogemium e hoje, depois de uma longa pausa, nós estamos de volta aos palcos. — O público grita. Os instrumentos continuam tocando, mas tia Mika não começa a cantar. Ela olha para todas as amigas e depois para plateia novamente. — E dessa vez para

ficar!

Ela começa a cantar e vejo o clima que se instala de tensão entre Tio Henrique, papai e tio Alexandre. Tia Sol bate nas costas deles e ri, como se já soubesse de algo. Bertha, Jimi e Malala e eu trocamos olhares confusos, mas antes que o próximo drama familiar comece, resolvemos aproveitar a música.

Tia Mika canta uma atrás da outra, não dando chance para que nenhum de nós sente novamente. Depois de mais de quarenta minutos, ela informa que farão uma pausa e pede que os brindes comecem.

— Brindes? — Bertha me olha, confusa. — Eu não planejei nada.

— Relaxa, Bem. Nossos pais que farão.

Tio Alexandre, papai e tio Henrique sobem ao palco meio sem jeito. Engraçado como nesse quesito nossas mães são bem mais extrovertidas que eles. Vejo-os se cutucando, um empurrando o microfone para o outro. Até que tio Henrique assume o controle.

— Boa noite. — Ele dá uma batidinha no microfone que faz um barulho bem desagradável ecoar pelo salão. — Desculpem. — Ele pede e pigarreja. — Bem, eu nunca tive filhos. Pelo menos, não humanos. — Ele ri e todos também. — Mas posso me considerar um pouco pai de vocês. Vi os dois crescerem e se tornarem adultos maravilhosos, que enchem nossas vidas de orgulho e alegria. — Tia Mika volta ao palco e dá o braço para ele. Eles trocam olhares e sorriem. — Cauê, por mais que todo mundo fale que você é igualzinho ao seu pai, eu não consigo concordar com isso. — Ele dá uma batida no ombro de meu pai e sussurra algo como “desculpa, aí” e volta a me olhar. — Você é a versão melhorada dele. Quando era criança, você sempre queria ajudar qualquer um que estivesse com problemas. É possível que não se lembre disso, mas, quando você tinha nove anos, sua tia Mika tropeçou e cortou o braço. Enquanto as outras crianças choravam, espantadas com o sangue, você segurou a mão dela e disse que tudo ficaria bem. — Eles se

olham novamente e sorriem com a lembrança. — Depois, ligou para nossa casa durante uma semana inteira, só pra saber se ela já tinha melhorado. Naquele momento, eu percebi o quão especial você era. Obrigado por ser meu filho, mesmo não tendo o meu sangue. — Tia Mika dá um beijo em sua bochecha, como se o incentivasse a continuar. Ele então encara minha esposa. — Bertha, eu acho que nunca conheci uma mulher tão inteligente quanto você. Não vou falar da sua beleza, porque isso qualquer um pode enxergar, mas você sempre me impressionou com seus comentários perspicazes. Você se lembra da vez que fez um estágio comigo? Eu juro, menina, que todos os meus funcionários ficaram impressionados com o seu profissionalismo, apesar dos seus quinze anos. — Algumas pessoas batem palmas na plateia. Provavelmente tia Baby, já que não a vejo. — Nada nesse mundo pode te parar — ele continua. — Não permita que nada te pare! Se você fosse minha filha, eu com certeza teria uma caneca de pai mais sortudo do mundo.

— Eu tenho! — Tio Alexandre diz. — Duas.

— E eu quatro. Ganhei! — papai fala. Todos riem.

— Eu amo vocês dois mais do que podem imaginar! — Tio Henrique ergue sua taça finalizando seu brinde.

Todos brindam e se abraçam. Tia Mika pega o microfone:

— Acho que eu não preciso falar sobre o amor que sinto por vocês, porque o Henrique já foi meloso por nós dois. — Todos riem. — Eu também não vou dizer que acho vocês dois incríveis, lindos, gostosos, porque vocês sabem quem são. — Ela pisca pra nós. — Eu vou dizer que quando o Cauê nasceu, comecei a saber que eu poderia não querer ter filhos. E quando você, Bertha, e a Malala nasceram, eu tive certeza. Todos vocês deram muito trabalho. — Ela ri. — Fora que não dava mais pra beber tequila a toda hora porque ia chapar vocês. — Todos riem. — Mas não foi a falta de tequila que

me fez perceber que eu não queria filhos e sim o que eu sentia por vocês. — Tia Mika olha pra gente com carinho. — Quando vocês eram pequenos, uma das coisas que mais me enchia de alegria eram os dias que passavam a tarde comigo. Suas mães resolviam ser irresponsáveis e deixar todos vocês lá em casa para tirarem umas horinhas, mais que merecidas, de descanso. — Ela dá de ombros, finge estar chateada. — Eu sei que eu era a última opção de babá e elas sempre brigavam comigo depois por não resistir às chantagens emocionais de crianças em idade pré-escolar. — Mika abre um sorriso gigantesco. — Mas eu nem ligava, porque aquelas tardes eram as melhores. Porque vocês são os melhores filhos emprestados que eu poderia ter e, nessa nossa família nada convencional, a gente sabe que o que importa, no fim das contas, é o amor que a gente carrega. Carreguem sempre esse amor!

Ela ergue sua taça e joga um beijo para nós, depois sai carregando tio Henrique para fora do palco e posso jurar que pegam o rumo do escritório do gerente. Mas antes que eu consiga ter certeza, meu pai pega o microfone.

— Desde que eu soube que o Alexandre teria filhas gêmeas, eu sabia que esse dia ia acontecer. — Ele ri. — Tudo bem que, por um tempo, achei que o Cauê não ia tomar jeito na vida e manteria a boa fama da família por mais uns anos. — Ele faz um gesto mostrando o próprio corpo que tenho vontade de rir. — Mas o moleque acordou e, olha aí, Alexandre... — Ele dá um abraço no melhor amigo — Eu sempre tive razão! — Todos riem. Quando param, papai me encara. — Tu não tem noção o orgulho que sinto de você, meu filho. Confesso que no dia que a loirinha me disse que estava grávida, eu surtei. — Mamãe sobe apressada no palco novamente e para ao lado de papai. — Eu sabia que isso ia acontecer, que teríamos muitos filhos e viveríamos juntos para sempre. — Eles trocam olhares. — Mas saber que você estava vindo me apavorou. E então você nasceu e eu te segurei nas minhas mãos. — Meu pai gesticula com as mãos como se me segurasse

novamente. — Tão pequeno, indefeso, que meu pavor aumentou. — Ele fica olhando para as mãos, depois olha para mim novamente. — Achei que não seria capaz. Você também estava assustado, era um mundo inteiro novo e começou a chorar, primeiro fraquinho, discreto, depois abriu o berreiro, mostrou que tinha pulmões fortes. — Ele continua segurando a minha versão bebê imaginária. — Eu não sabia o que fazer, sua mãe estava dormindo, então eu te aninhei em meu peito e você se acalmou. — Ele leva as mãos ao peito com carinho, como se me abraçasse. — Ali eu soube que não importaria o medo que eu pudesse sentir, eu sempre seria capaz de dar um jeito por você. — A lágrima que até então eu continha escapou dos meus olhos. — Eu te amo, meu filho, e desejo que você e a Bertha — ele olha com carinho para minha esposa —, que eu também amo como se fosse uma das minhas filhas, sejam tão felizes como eu e sua mãe, mas sem tantos filhos, *ok*? — Todos riem.

— Teremos mais que vocês! — grito do meu lugar. — Te amo, pai!

Bertha se encolhe ao meu lado. Tio Alexandre parece não gostar da ideia de tantos netos. Mamãe aproveita a deixa e dá um beijo em papai, depois pega o microfone.

— Tem gente que olha pra trás e se arrepende de suas decisões. Se me perguntassem há trinta anos o que eu queria da vida, a resposta com certeza não seria isso que sou hoje. Eu poderia me arrepender, me sentir frustrada... Mas sempre que um dos meus filhos sorri, tenho certeza de que fiz a escolha certa. — Ela olha para todos nós com carinho. Quando vê Fernando sentado em cima do balcão do bar, faz uma careta e cutuca meu pai. Ele sai pra resolver o problema e ela continua: — Cauê, meu amor, eu espero que, em trinta anos, você olhe para trás e sinta pelo menos metade da felicidade que estou sentindo hoje. Metade do orgulho. Se você sentir metade, já será o homem mais realizado desse mundo. — Mamãe começa a chorar. — Você e

seus irmãos são a minha luz. Obrigada por me permitirem ser mãe e amiga de vocês em todas as situações! — Ela joga um beijinho. Quero me levantar e ir abraçá-la, mas continuo em meu lugar. Não vou conseguir segurar o choro se fizer isso. — Ao mesmo tempo que meu coração se aperta ao te ver indo embora, ele se enche de alegria por saber que você finalmente encontrou o amor da sua vida, e eu não poderia ser mais feliz com a sua escolha. Bertha, cuida do meu filho. E, por favor, me dê muitos netos. — Ela pisca para nós e ergue sua taça, depois entrega o microfone para meu dindo.

— Eu pensei que o momento mais difícil da minha vida seria descer o altar para entregar minha filha a outro homem. De fato, eu estava certo. — Eu rio e tio Alexandre também. — Mas parte da minha preocupação foi embora ao ver o seu sorriso enquanto Bertha caminhava em sua direção, Cauê. — Ele me encara. — É por isso que, como pai, estou pedindo que você nunca magoe minha filha. E, como homem, peço que nunca priorize qualquer outra coisa que não seja o amor que vocês estão construindo. — Tia Baby se posiciona ao seu lado e abraça o marido. — Nada vale a pena se você não tem com quem compartilhar. Sigam seus caminhos, mas não se esqueçam das suas raízes. — Ele ergue a taça — Aos noivos!

Os presentes repetem as palavras de meu padrinho e minha madrinha pega o microfone.

— De todas as escolhas que eu fiz em minha vida, abrir mão da minha neurose e me casar com seu pai foi a segunda melhor coisa que fiz. — Tia Baby começa a falar olhando para Bertha. — Desculpe, Fred! — Ela olha para tio Alexandre e dá de ombros. — A primeira foi ter entrado pra Estrogenium. — Ela olha para as amigas espalhadas pelo salão. — Nada disso seria possível se a gente não tivesse formado aquela banda há quase trinta anos. Não existiria essa festa, desse jeito, perfeita e organizada a jato. Não existiria essa família, e nem vocês dois provavelmente existiriam. —

Rimos. — Quais seriam as chances de Sissi e Eric se conhecerem e me apresentarem ao homem da minha vida? — Tia Baby finge estar pensando. — Nenhuma! E como eu poderia ter as filhas mais iguais e mais diferentes do Universo? — Ela volta a olhar para Bertha com carinho e sorri para Malala também. — Eu amo vocês tanto, que seria capaz de qualquer coisa, apenas pra ver que estão felizes. Até de enlouquecer todo mundo pra fazer um casamento em três dias. — Ela cai na gargalhada e pede algumas desculpas para quem está próximo. — Eu só tenho um pedido a fazer, aos dois: *se ou quando* você resolverem ter filhos, por favor, lembrem-se de nos avisar antes do trabalho de parto, *ok*? — Ela ri meio sem graça. — Eu sei que não tem graça para vocês nos terem por perto, dando ordens e controlando suas vidas. — Ela dá de ombros e posso ver que fica triste por um momento. — Eu sei que vocês cresceram, mas não nos deixem de fora, tá? — Ela sorri novamente. — A gente promete tentar se comportar, né, Sissi? E não dar palpites. — Mamãe responde que sim rindo. — Tudo que nós queremos é que vocês sejam felizes como nós.

Tio Alexandre a abraça, todos seguram seus copos e brindam. Bertha e eu nos levantamos e vamos abraçar nossos pais, emocionados. Não me sinto bem pela mentira que contamos para eles, mas talvez, se tivéssemos falado a verdade, esse momento jamais seria possível.

Tia Sue, tia Be e tia Sol juntam-se a nós em abraços. Depois de muitos cumprimentos e felicitações, não resisto e faço a pergunta que não sai da minha cabeça desde a hora que as luzes do palco se acenderam.

— Então — olho para mamãe —, a Estrogenium está de volta? — Elas trocam olhares sorridentes, mas nenhuma responde. Seus olhares dizem tudo.

— Estamos... — mamãe começa a falar, mas é interrompida por uma gritaria no meio do salão. Todos viramos pra prestar atenção.

— A “madrinha” tem que fazer discurso! — Iago grita e ri.

— Isso mesmo! — Valentina concorda.

Muito a contragosto e sendo arrastado por Malala, Jimi vai até o palco. Malala entrega o microfone pra ele.

— Bertha — todo sem jeito, Jimi começa —, eu sempre pensei que estaríamos juntos para sempre. Lado a lado, na mesma cidade, no mesmo emprego, assistindo a filmes no fim de semana.

— Eu também! — Malala diz ao seu lado e começa a rir, fazendo uma cara de desespero.

— Mas a vida mudou, e eu não sei o que farei quando você não estiver no mesmo fuso horário que eu — ele continua. — Eu te amo, sabia? Mais do que você jamais será capaz de entender. — Ele respira fundo para conter o choro.

Jimi tem dois metros de altura. Ainda assim, parece uma criança ingênua quando começa a falar sobre o carinho que sente por minha esposa. É por ele e por Iago que tenho certeza de que quero ter filhos adotivos também.

— Quando eu cheguei a esta família, foi você quem me abraçou primeiro. Foi você quem estive ao meu lado o tempo todo, me mostrando o que era ser aceito. Finalmente, eu entendi. — Ele sorri para ela. — A irmã que eu nunca tive. A melhor amiga. A minha alma gêmea. — Posso jurar que as mulheres da família fazem um coro de sons dengosos em aprovação ao discurso da *madrinha*. — Eu preciso que você seja feliz. Por favor, Cauê, faça a minha amiga feliz. — Ele ri e olha para mim — Eu não vou te ameaçar, mas fico de joelhos se for preciso para que você nunca faça com que ela se sinta menos do que a pessoa mais incrível que já pisou nesta terra. — Um breve silêncio toma conta do salão. Malala encosta a cabeça no peito

do noivo, tranquilizando-o. — Obrigado por tudo, Kira. Sem você, minha vida teria sido insignificante.

Bertha solta a minha mão e corre de encontro ao melhor amigo. Abraçada nele, começa a ouvir sua irmã falar. Fico parado onde estou, ao lado do meu pai, observando a cena.

— Eu nunca imaginei que a gente acabaria assim. Quer dizer, eu não sou a irmã mais inteligente e nem a que entende de números e estatísticas, mas quais as probabilidades, com nosso histórico, de isso acabar bem? — Ela ri e olha com ternura pra Bertha. — Eu sinto muito por todas as vezes que não nos entendemos. Quero que saiba que eu desejo que você seja tão feliz quanto eu sou. Eu espero... — ela então olha para mim e coloca a mão na cintura — ...que o Cauê te faça tão feliz como o Jimi me faz. E obrigada por entender. — Ela se aproxima da irmã e a abraça, juntando-se a Jimi. — Eu te amo, Bertha. Não quero que nada nunca mais nos separe.

As duas começam a chorar. Tia Baby e tio Alexandre se abraçam, olhando as filhas. Tia Mika, que surge não sei de onde, ainda ajeitando o vestido, pega o microfone novamente e chama sua banda para o palco. A música recomeça com a voz da tia Mika. Enquanto a melodia nos embala, tento guardar em minha memória um retrato desse dia para sempre.

*“O dia que chega é da cor do teu olho castanho
Deixando cada momento sem ti mais estranho
Já estou acostumada com esse teu jeito
Até os defeitos parecem perfeitos
Sinto sua falta quando você sai
Tudo fica cinza quando você se vai
Eu preciso te dizer
Que o que eu quero é você
Aqui do meu lado*

*Já é hora de fazer
Esse amor acontecer
E assim não ficar
Inacabado”*

Nota das Autoras

Colocar um ponto final nesta série foi uma das coisas mais difíceis que fizemos. Este livro foi escrito com muito sofrimento, muito choro e muita vontade de apenas deixá-lo de lado para que a série nunca tivesse fim.

Porém, ciclos precisam ser concluídos. Afinal, como daremos início a outros se ainda tivermos algo que nos prenda ao ontem e nos impeça de conquistar o amanhã?

Para vocês, leitores, a série *Meus Amores* é uma coletânea de livros sexy, bem-humorados, com alguns personagens apaixonantes e outros irritantes. Para nós, ela representa muito mais.

Sabe a amizade indestrutível das meninas da banda Estrogenium? Hoje, nós duas somos assim. Mais do que amigas, somos uma instituição. E tudo começou com *Meu Vizinho Indiscreto*, mas não terminará com *Meus Amores Inesquecíveis*. Com toda a certeza não!

Essa série pavimentou nossa estrada pelo mundo literário e a carregaremos em nossos corações para sempre.

É com um enorme sorriso e os olhos cheios de lágrimas que nos despedimos de Mika, Henrique, Sissi, Eric, Baby, Alexandre, Malala, Jimi, Bertha, Cauê, Sue, Be, Sol, Iago, Thaís, Valentina e Nando.

De coração, obrigada por nos acompanharem até aqui e fazerem parte da nossa família Estrogenium. Obrigada por fazerem dos nossos sonhos a nossa realidade. Obrigada por cada mensagem, cada avaliação e cada sorriso ao lerem nossos livros.

A série *Meus Amores* chegou ao fim, mas a série *Advogados* já começou. Paralelamente a ela, lançaremos a série *Selvagens na Máfia*, e seu

primeiro livro chega à Amazon em dezembro de 2019.

Contamos com vocês para nos acompanharem nessa caminhada.

Mais uma vez, obrigada.

Agradecimentos

Aos leitores que acompanharam a série, nosso muito obrigada, recheado de beijos e abraços. Espero que a Estrogenium tenha divertido vocês do mesmo jeito que nos divertiu.

Aos nossos filhos, Gabi, Duda e Pedro — falando assim, parece até que somos casadas. Não somos tá, gente? Mas somos uma instituição e temos muito carinho pelas nossas crianças —, todo nosso esforço é pra vocês. Obrigada por sentirem orgulho de nós e nos apoiarem a cada livro lançado.

Deinha, sua linda, obrigada por ter feito parte da história dos Meus Amores do início ao fim! Amiga, parceira e melhor revisora *ever*! A gente te ama!

Aos nossos parceiros, que sempre nos ajudam a mostrar essas belezuras para mais leitores: vocês são incríveis! Sintam-se muito apertados! Eu (Luísa) costumo dizer que, sem vocês, nós nada seríamos. Obrigada!

Fazemos aqui um agradecimento especial à Vivi, a melhor taróloga desse universo. Você sabe o que fez por nós. De coração, muito obrigada mesmo!

Também agradecemos, de forma muito especial a [Banda Púrpura](#) por ter composto a música mais perfeita possível para encerrar esse livro. Inacabado foi escrita pelo meu querido amigo (aqui é a Lu falando), dos tempos de São Borja, Rodrigo Alves e pela linda da Nina Fernandes (que tem a voz que eu sempre imaginei para a Mika! Perfeita!). E quem comanda com maestra e muita energia as baquetas dessa banda é a gata da Elisa Agarreberri! Você me fez ter certeza que a energia da Baby na batera é possível! Eloy, Lucas Rosa e Calil Souza, obrigada por fazerem parte dessa família e da nossa história.

Lu (aqui é a Mari falando), cara... Amo você. Pra caramba! Obrigada por esses dois anos de parceria. Por cada choro e cada riso. Por cada plano e cada ponto final. Obrigada por me ignorar às seis da manhã e me mandar mensagens de madrugada. Obrigada pelos esporros e pelas dicas. É muito bom saber que, mesmo à distância, você está sempre ao meu lado. E que venham mais livros. Cerveja no fim da vida, baby!

Mari (aqui é a Lu), dois anos, sete livros escritos — já estou contando com o Minha Ruína —, duas antologias e infinitas horas de conversas. Algumas sérias, outras com ecos de risadas, muitas profissionais.

Houve lágrimas, gritos. Desabafos. Brigas. O meu lado leonina e teu temperamento capricorniano travando batalhas. Eu com ódio. Tu magoada. Eu cagando, tu atucanada. Eu chorando. Tu me aparando. Tu surtando. Eu te ouvindo. Eu perdando. Tu com aquele R que só a gente entende. Tu matutina. Eu noturna. Nossos fusos são biologicamente diferentes. Eu, um elefante em uma lojinha de cristais. Tu, um dos pirulitos da Alex. E com todas essas diferenças, eu te amo. A gente se ama. Se isso não é um encontro de almas, eu não sei dizer o que é. Só sei que, não importa onde, a meta é a cerveja no fim da vida (e os *gogoboy*s no asilo, porque, né?! A gente precisa!). Pra sempre, gata! Obrigada! Por tanta coisa, mas principalmente por ser a irmã que eu nunca tive! Pra sempre.

Agora, chega de agradecer e vamos comemorar!

Meus Amores chegou ao fim, e isso quer dizer que novas séries estão chegando!

Só vem!

Nossos Livros

Série Meus Amores

[Meu Vizinho Indiscreto](#)

[Meu Mecânico Indecente](#)

[Meu Professor Insaciável](#)

[Meu Virgem Inesperado](#)

Meus Amores Inesquecíveis

Série Advogados

[Treze Dias Com Ela](#)

Trinta Semanas Para Ela (fevereiro, 2020)

Cinco Meses Contra Ela (maio 2020)

Vinte Anos Sem Ela (agosto 2020)

Um Segundo Até Ela (novembro 2020)

Série Selvagens na Máfia

Minha Ruína (dezembro 2019)

Livro 2 (março 2020)

Livro 3 (junho 2020)^[i]

Antologias

Segredos de Luxúria

Contos para Gozar Sozinha

Livros da Lu

[Amar só se ama uma vez...](#)

[Noites de Verão](#)

[Apenas o nada](#)

[Valeu, Universo!](#)

[Todas as bocas que beijei \(ou sonhei\)](#)

[Amor virtual](#)

[Turbulências do amor](#)

[As vantagens de ser traída](#)

[As desvantagens de trair](#)

[Perdida na vida](#)

[Profano](#)

[Amor dois em um](#)

[Olhos Fechados](#)

Livros da Mari

[Para Sempre Vinte e Nove](#)

[Casada Por Acidente](#)

[O Preço da Fama](#)

Embrulhado Pra Presente

Aquele Beijo

Nunca Vou Me Apaixonar

Noite de Núpcias

Nunca Vou Me Entregar

Nunca Vou Me Iludir

Uma Chance Para Amar

Deixa-me Te Amar

Sobre as autoras



Luísa Aranha e Mari Monni se encontraram por acaso. De um grupo de escritoras no WhatsApp, nasceu uma parceria que vai além das páginas dos livros.

Elas não só criam histórias juntas, mas também organizam antologias, revisam livros e se ajudam em tudo.

Uma capricorniana carioca que ama café e uma gaúcha que vive à base de chimarrão, mas ambas compartilham o amor por uma dose de tequila. Uma viciada em trabalho e a outra em sexo, Mari e Lu se tornaram grandes amigas e passam o dia inteiro conversando sobre tudo e nada.

Cada uma em um canto do país, mas isso não importa. São muito parecidas e, ao mesmo tempo, completamente diferentes. Adoram escrever juntas e se divertem demais a cada novo projeto.

[\[i\]](#) Todas as datas são apenas previsões de lançamento, porém podem ser alteradas.